

Francisco da Cruz Évora

A INTELIGÊNCIA UNIVERSAL E AS LEIS ETERNAS

“E, no entanto, são todos Luz, como partes integrantes do Grande Foco [Inteligência Universal], que se dispersam por este mundo para ativarem o progresso espiritual, para aumentarem o brilho da sua própria Luz” (Luiz de Mattos)

AVISO

Os primeiros exemplares impressos foram distribuídos a título de oferta do autor e das pessoas singulares e colectivas que contribuíram com valiosos encorajamentos, complementados ou não com suporte financeiro, para a sua materialização. A todas, os meus sinceros agradecimentos.

O leitor potencial é avisado de que alguns dos conceitos expressos nesta composição podem não traduzir fielmente os conceitos racionalistas cristãos.

Espero que os leitores acabem dando por bem investido o tempo gasto a ler este pequeno livro.

Índice

Dedicatória	9
Propósito deste trabalho	11
Fracos se tornam fortes	13

1.ª Parte

INTELIGÊNCIA UNIVERSAL, A BASE DA VIDA

Nota introdutória	15
O Espaço Infinito do Universo	18
Os Princípios irredutíveis do Universo	18
O Princípio Inteligente e seu Campo Associado de Manifestação Permanente	19
Energia, vibração e impulso	26
Na dimensão física do Universo	33
Outros esclarecimentos acerca de I	39
1) I é Luz, mas uma luz que não se confunde com a luz material	40
2) I é a fonte suprema do pensamento, ele é todo Amor e está continuamente em acção construtiva, plena de sabedoria .	41
3) I disciplina-se a si mesmo, dando o exemplo de cumpri- mento das leis naturais e imutáveis que regem o Universo, dele emanadas e por ele tuteladas	43
4) Reveste-se de grave importância a compreensão da proprie- dade transitiva das relações que é possível captar através de um triângulo contendo nos vértices as letras x, y e I	43

5) I é o Todo, Absoluto e Eterno; é Força saturada de indestrutível energia	45
6) I é o Supremo Cientista	46
7) I é semelhante (análogo) a este indivíduo que eu sou e a qualquer outro indivíduo, mas a nossa semelhança em relação a I tende a <i>crescer</i> mais e mais, rumo à meta final, pelo processo da evolução	47
8) I é originária e eternamente livre de agir, de reagir e de opor-se, de modo reflectido e consciente, e ele sabe ser livre em relação às leis naturais e imutáveis	51
9) Os atributos de I existem nele em estado puro e perfeito, absolutamente	53
10) Últimos reparos	54
Andar na vida pelo caminho da espiritualidade	55
Nota final	58

2.ª Parte

LEIS NATURAIS E IMUTÁVEIS As predeterminações a que tudo está sujeito

Nota introdutória	60
Os princípios, as coisas que deles decorrem, as coisas que resultam da sua aplicação reciprocamente coerente	62
Caos, lei e ordem	69
As necessidades naturais e os raios fluídicos universais	79
A verdadeira liberdade do espírito	82
Investigando cientificamente as LNI	85

Uma breve introdução a algumas LNI, consideradas da perspectiva da sua relevância para a conduta humana	93
I - Lei da evolução	96
II - Leis da transformação da matéria	103
III - Lei da atracção, fundada na afinidade de sentimentos .	108
IV - Lei da acção e reacção, de forças que interagem entre si .	115
V - Lei do retorno, de causa e efeito, ou dos ciclos de consequências	118
VI - Lei do trabalho	128
VII - Lei do livre-arbítrio, ou da licença plena de agir, tanto para o bem quanto para o mal	133
VIII - Lei da reencarnação	141
IX - Lei do equilíbrio	145
X - Lei das influências	152
XI - Lei de conservação da vida física	160
XII - Lei da união em sociedade	165
XIII - Lei do hábito	171
XIV - Lei da adversidade natural, ou dos factos dolorosos inevitáveis	182
XV - Lei do Amor, ou da fascinante e prodigiosa dádiva de si a outro(s) ser(es)	189
Nota final	195

3.ª Parte

ALGUMAS OPINIÕES SOBRE ESTE TRABALHO

- Do Dr. Gilberto Silva - Presidente Internacional do Racionalismo Cristão 199
- Do professor Valdir Aguilera 199

- Do professor Caruso Samel 200
- Do Dr. Arsênio Fermino de Pina 201
- Do professor Marclei Barbosa Santiago 203
- De outros amigos e amigas 211
- Código de referências 213**

Dedicatória

Dedico esta composição a muitas pessoas, incluindo algumas que já não se encontram fisicamente entre nós:

Ao mestre António Cottas, o Consolidador do Racionalismo Cristão, pelo gentil comentário que se dignou fazer ao esboço, datado de 1968, que está na origem do texto agora dado à estampa, e bem assim por todo o apoio moral e espiritual que me proporcionou durante a minha hospitalização por cerca de um ano (1970/71);

Àquele inesquecível amigo e conterrâneo que, em Sintra (Portugal), me transmitiu as primeiras luzes da filosofia racionalista cristã;

Aos meus pais, por me terem possibilitado mais uma matrícula neste mundo-escola, e pelo amor com que se sacrificaram em favor dos filhos; dedico-a a todos os meus irmãos e cunhadas, pela sua amizade e por tudo o mais que lhes fiquei devendo;

Às tias (Má Eva e Mãezinha) e tios (Barros e Nino) que foram, sem exagero, minhas outras mães e outros pais, a quem jamais poderei retribuir o muito que deles recebi;

Às primas e primos, pela amizade sincera, com inequívocas provas dadas ao longo da nossa esplêndida comunhão de muitos anos;

Aos excelentes professores que tive, em Cabo Verde como em Portugal;

A tanta gente, dentro e fora do círculo familiar, sobretudo àqueles que me estenderam a mão em momentos muito críticos da minha existência, e que, por isso, merecem a minha sincera e eterna gratidão;

Aos moderadores e amigos da Raciona-Lista e do GARC (Grupo de Amigos do Racionalismo Cristão), por me terem concedido espaço para divulgar estas reflexões e, bem assim, pela força que me irradiaram sempre; em particular, dedico esta composição àqueles que se dignaram enviar-me um ou mais e-mails de encorajamento;

À Tipografia de S. Vicente, Lda, na pessoa do sócio-gerente, Sr. Adolfo Brandão Leite, pela sua paciente cooperação;

Por fim, mas de modo algum menos importante, dedico esta composição à Julieta, à Maria Helena, à Zeferina, que foram importantíssimas na minha vida, e que nunca me negaram nem negarão a sua amizade confiável; dedico-a, ainda, aos meus dois filhos e quatro filhas, e seus descendentes, a todos desejando e recomendando que tirem desta vida o máximo de bens preciosos espirituais, para levarem consigo ao finar a curta vida em forma animal.

S. Vicente, aos 4 de Novembro de 2012

Propósito deste trabalho

Ao iniciar a leitura desta composição o leitor dar-se-á conta, desde logo, de que não se trata de nada de original, mas, basicamente, duma colectânea de ensinamentos recolhidos dentro e fora da literatura racionalista cristã, com o propósito principal de fazer luz na minha mente acerca do princípio inteligente do Universo, ou Inteligência Universal, e, bem assim, dos princípios de ordem que ele criou e impõe, infalivelmente, a tudo o que existe, inclusivamente a si mesmo.

Júlio Payot, psicólogo francês, autor do livro *A Educação da Vontade*, escreveu, no capítulo I, que “compor sobre um assunto, (...) pôr na sua exposição a nitidez e a *lucidus ordo* que o leitor exige – é um exercício francamente desagradável”. Assim procede o jornalista, quando elabora uma matéria para publicação, utilizando subsídios recolhidos em diversos trabalhos alheios.

Composições desta laia estão ao alcance de qualquer estudante que cultive a paciência e a persistência. Já os trabalhos de investigação científica ou filosófica, propriamente ditos, muitos de nós não estamos ainda qualificados e equipados para encetá-los, embora devamos valorizar o exame habitual próprio e os exemplos pessoais.

O reconhecimento alheio a estes rabiscos, não é relevante: “Um dos vários segredos do êxito é fazer o que se possa e saiba fazer bem, e fazer bem tudo o que se faça, sem apetência de lucro nem de fama” (Longfellow).

“O Racionalismo Cristão codificou a moral cristã [fundamentada nas leis naturais e imutáveis] nos moldes ajustáveis

ao viver terreno, para que todos possam, ao porem em prática os seus ensinos, triunfar na existência terrena” (102).

Apesar do doloroso esforço que exigi de mim mesmo, durante longos anos – considerando que o primeiro esboço data de 1968 -, espero com esta modesta composição ter chamado a atenção para um conjunto de subsídios, colhidos em diversas fontes, em favor do pressuposto racionalista cristão acerca do Universo e da Vida.

Não me move a vã pretensão de convencer ou influenciar ninguém. Insisto: o que sinceramente me move é a vontade de fazer luz no meu espírito, à custa desses subsídios, acerca dos princípios verdadeiros que estão na base da minha existência, bem como dos princípios constantes a que está sujeita a minha conduta. O mestre Luiz de Mattos dizia que a Inteligência Universal pode ser sentida pelo ser humano em si próprio, a todos os momentos, e que as leis eternas a que todos estão sujeitos são regidas por essa mesma Inteligência.

Entretanto, é forte o meu desejo de comunicar com outros estudiosos do Racionalismo Cristão e, bem assim, com pessoas que, eventualmente, já estejam maduras para sentir os princípios doutrinários dessa filosofia, coincidentes com os preceitos da moral cristã autêntica, os quais – estou convencido - oferecem ao ser humano valiosos apoios para se livrar da angústia, da inquietação, do descontentamento, da irritabilidade e de muitos outros tormentos entrelaçados (cf. 101).

Fracos se tornam fortes

O Racionalismo Cristão mostra a realidade clara sobre a vida espiritual àqueles que têm a felicidade de chegar às casas racionalistas cristãs. O esclarecimento que a Doutrina oferece aos assistentes das reuniões públicas tem alto valor, porque nossas palavras positivas são de grande alcance para quem raciocina. A humanidade está desiludida, cansada de ouvir palavras sem nexos, palavras que não merecem a reflexão de quem as ouve. Explicamos ensinamentos para os que precisam lutar por dias melhores, tendo a convicção exacta dos seus deveres espirituais e materiais.

O Racionalismo Cristão torna fortes os fracos, levanta o ânimo dos que comparecem às suas Casas. Ninguém em sã consciência se deixa abater, porque possui força interior, cuja vibração pode sentir. Essa vibração vem do espírito e faz a pessoa reagir, movimentar-se, atirar-se à luta pela vida. Tem responsabilidades sobre os ombros e de uma forma ou de outra busca dias melhores.

O conhecimento sobre a vida fora da matéria [ou, vida real, em contraste com a vida corpórea, que decorre daquela] triunfará, porque há necessidade urgente de que a humanidade se esclareça, para livrar-se de falsos princípios que só servem para acovardar os que não têm domínio sobre si próprios. Há pessoas com pouca visão, e há outras que não têm visão alguma. É necessário pôr o pensamento em ação, porque a vibração espiritual faz da fraqueza força, faz do nada muito. É preciso raciocinar sobre os fatos que acontecem na vida a todo o momento.

Desejamos que os assistentes das casas racionalistas cristãs aprendam nossas lições, se esclareçam, para encaminharem

outros seres, principalmente as crianças que chegam aos lares. Observamos que muitos que saem de nossas Casas não procuram pôr em prática os belos ensinamentos ouvidos. Continuam no viver errado que receberam na infância, pelo desconhecimento da vida espiritual. Esse é um mal que leva muitos seres a situações tristes, degradantes, quando praticam o que há de pior na vida humana: mentir aos semelhantes com palavras envolventes, que acabam sendo aceitas e guardadas.

O Racionalismo Cristão evidencia a realidade espiritualista em todas as situações da vida. Então, procurem viver em paz consigo mesmos [ou, com paz de espírito], estejam onde estiverem. Os que cresceram à sombra desta grandiosa obra espiritualizadora podem ter satisfação em praticar os ensinamentos de valor que aprenderam. Ninguém deve recuar ou ter acanhamento de dizer que é espiritualista. Quanta coisa sem importância e sem valor é divulgada para enganar milhões de pessoas!

Espíritos de elevada categoria encarnaram no planeta e deixaram princípios espiritualistas e preceitos do cristianismo que estão consolidados no Racionalismo Cristão, que brilha, resplandece, levando pelo mundo afora seus ensinamentos. Aconselhamos que estudem a Doutrina, se quiserem conquistar a felicidade, ou, melhor dizendo, se quiserem ter a consciência tranquila.

Luiz de Mattos, Codificador do Racionalismo Cristão (ver ref.^a 2001)

1.ª Parte

INTELIGÊNCIA UNIVERSAL, A BASE DA VIDA

“A libertação é difícil, reconhecemos, de quem se apega a todo um sistema falso e rotineiro, pseudocientífico, e às doutrinas obscurantistas em que ele se apóia, em que a base da vida – a Inteligência Universal – é obstinadamente negada” Luiz de Mattos (201)

Nota introdutória

Os cientistas experimentais de cunho materialista, debruçam-se naturalmente sobre coisas, factos e fenómenos que os mesmos consideram ter origem material, de acordo com o seu entendimento em torno dos conceitos de matéria e da energia nela reservada.

Na verdade, admitem que na matéria, tal como a concebem, reside tudo o que se pode saber acerca do Universo, inclusive a origem do pensamento, sentimento e vontade dos seres humanos.

Seja como for, o Racionalismo Cristão considera que “só é possível compreendermos o que somos como Matéria, de-vassando com o auxílio da Física, esse microscópico sistema planetário, como assim pode ser considerado o átomo. Com o seu estudo moderno (...) mostrou-nos o homem de ciência que a Matéria, outrora julgada inerte, é um grande **reservatório de energias**, as quais, no dia em que puderem ser utilizadas, mudarão o aspecto da face da Terra” (cf. 301).

Não podemos esquecer que a ciência experimental materialista, ao longo do seu percurso histórico criou a sua própria linguagem, que nem sempre coincide com a linguagem da

ciência espiritualista, também designada por “espiritualidade”, a começar pelo termo Força e pelo termo Matéria. Mas, também, o próprio termo Energia não tem o mesmo significado numa e noutra dessas ciências.

Daí que, quando um cientista materialista fala, por exemplo, de força, matéria e energia, ele lá sabe o que diz, o mesmo acontecendo com o cientista espiritualista. No entanto, usando embora os mesmos termos, eles não estão a falar exactamente a mesma linguagem. Assim sendo, a comunicação entre eles fica difícil, requerendo uma competente tradução de uma para a outra ciência, e vice-versa.

Nestas reflexões pretendo pôr em destaque os conceitos racionalistas cristãos dos princípios irreduzíveis do Universo e, particularmente, do nosso conceito de Força Criadora, ou Princípio Inteligente do Universo, como um Todo. Vale salientar, desde já, que os aludidos Princípios não são, em caso algum, redutíveis um ao outro.

No sentido vulgar, actual, do termo, designa-se por *filosofia* qualquer concepção geral, mais ou menos racional, que se forme acerca do Universo e da Vida. Num sentido especializado, designa uma actividade metódica e útil, que: a) apela para atributos superiores do espírito humano que lhe permitam procurar e aceder aos verdadeiros princípios de tudo o que existe; b) é feita, apenas, de convicções individuais opostas a outras convicções individuais; c) procura sempre uma generalidade mais alta do que aquela que pode ser obtida pela ciência experimental; d) trata, muito em especial, das grandes aspirações a que a humanidade historicamente sempre esteve agarrada (frequentemente designadas por **valores humanos**), e dos respectivos porquês.

“A dúvida sobre as coisas que nos importa conhecer é um estado demasiado violento para o espírito humano. A esse estado não resiste ele muito tempo, acabando por decidir-se, queira ou não queira, de um modo ou de outro” (Rousseau).

É pacífico que “qualquer inconsistência percebida entre vários aspectos do conhecimento, sentimentos e comportamento instaura um estado interno desagradável – **dissonância cognitiva** – que as pessoas tentam reduzir sempre que possível” (Festinger).

É de todo conveniente formarmos ideias distintas do que sejam ciência, doutrina e sabedoria, em confronto com a filosofia. Em breves palavras: ciência, num sentido, é a descoberta de conhecimentos reais e úteis, conhecimentos isentos de enganos acerca do que existe na realidade e que nos ajudem a viver melhor; ciência, noutro sentido, é um conjunto de conhecimentos e de pesquisas metódicas, cujo fim é a descoberta das leis dos fenómenos; doutrina é um código de explicações e de princípios reunidos para serem ensinados e vivenciados; sabedoria é a busca, na prática, de uma vida mais lúcida, mais livre, mais feliz, firmada naquilo que cada um qualificar de melhor sistema de ensinamentos ao dispor da humanidade, sobre a arte de conduzir-se com os outros.

O Racionalismo Cristão sobreviverá enquanto sobreviver a sua afirmativa primordial de que “o Universo é composto de Força e Matéria”, tal como definidas no livro Racionalismo Cristão – 44^a edição, mas os seus responsáveis e militantes estão sumamente convictos de que os seus princípios têm um importante contributo a dar no esforço da humanidade para promover a liberdade, a igualdade, a justiça e a felicidade das pessoas, visto estarem em jogo “aspirações gerais da humani-

dade, para cuja realização contribuirão todas as actividades humanas, e não uma delas exclusivamente ou preferencialmente” (401).

No entanto, não se pode desconsiderar as limitações da linguagem humana, nascida de situações concretas, que a relativizam, para tratar do aspecto transcendente da vida. As expressões empregadas no Racionalismo Cristão são relativas, à falta de outras que melhor possam exprimir uma concepção de ordem absoluta. Com efeito, admite-se que “a palavra não tem sentidos fixos e mutuamente exclusivos, mas um núcleo semântico potencial que se realiza [ou, se actualiza] de um modo diferente em cada contexto” (501).

O Espaço Infinito do Universo

O que a inteligência humana já pode compreender a respeito do espaço, isto é, das extensões infinitas que oferecem campo ao Universo – enquanto globalidade ilimitada de elementos em permanente ação ou movimento – vem sendo revelado pela ciência que enfeixa tais conhecimentos.

O Racionalismo Cristão ensina que tanto na Terra como nos inúmeros mundos dispersos pelo Espaço, existem muitos bilhões vezes bilhões de seres que pensam, raciocinam e produzem, uns menos habilitados que outros conforme as suas conseqüências individuais, numa longa jornada de busca de melhoramento material, mental e espiritual (cf 302 e 103).

Os Princípios irredutíveis do Universo

O domínio cognitivo abrange, fundamentalmente, tudo o que é pensado ou processado mentalmente por alguém, mas que

ele próprio pode não sentir emocionalmente, não prender a si afectivamente ou não realizar na prática. Nesse domínio, tudo o que é *complicado* pode ser descomplicado, tudo o que é *simples* pode ser reproduzido de forma complicada.

Segundo o Racionalismo Cristão, em toda a parte e em todos os tempos, quer naquilo de que temos consciência como naquilo de que ainda não nos damos conta, existem dois e só dois Princípios de que tudo o resto decorre, tudo mesmo, sem qualquer excepção. Para nós, esta é a maneira mais *simples e verdadeira* de conceber o Universo.

Um desses Princípios é inteligente, imaterial, activo e transformador; o outro Princípio é passivo e amoldável. Na doutrina racionalista cristã, o Princípio Inteligente é também designado frequentemente por Força Criadora (abreviadamente Força), Grande Foco ou Inteligência Universal; ao outro Princípio também se dá o nome de Campo de manifestação do Princípio Inteligente, ou Matéria Irredutível. Estamos perante termos diferentes, mas com igual designado, respectivamente.

No espaço infinito do Universo, a Inteligência Universal vibra, sem interrupção, acusando permanente acção consciente e causando na Matéria Irredutível um constante efeito animador e modificador (cf. 304). Daí que, “Em nenhuma parte do Universo há Força que não esteja atuando sobre Matéria, nem Matéria que não tenha uma Força atuando sobre ela” (2002).

O Princípio Inteligente e seu Campo Associado de Manifestação Permanente

Exclusivamente para efeito destas reflexões, e apenas para

abreviar a escrita, a letra I vai ser usada para designar o Princípio Inteligente, enquanto a letra M será usada para designar o campo de manifestação de I. De acordo com esta premissa, a seguir referir-me-ei a I e a M no masculino. Assim,

I = Princípio Inteligente (Força Criadora, Grandeza Total, Força, Grande Foco, Inteligência Universal, Grande Luz Universal, O Luminoso Poder Mental, Inteligência, Deus Criador ,...)

M = Campo de Manifestação de I (Elemento fluídico universal, **M**atéria fluídica reduzida a si mesma, **M**atéria em si, Matéria irreduzível,...).

[Reparo: o *princípio de substituição de equivalentes* é uma directriz do raciocínio, segundo a qual duas ou mais *noções, quantidades, etc., que designam o mesmo* podem ser substituídas uma por outra, na mesma base comum em que estiverem compreendidas, ou seja, englobadas e combinadas sem contradição interna]

I é a realidade geral e fundamental, é a Luz que, partindo da sua própria essência, tudo irradia, tudo alumia, no Universo. Ele conhece, desde sempre, todas as suas ilimitadas possibilidades de acção, porque é a Suprema Inteligência. A acção permanente de I sobre M, é a **Vida**, e é desta que resultam todas e quaisquer modificações em M, todos os **Efeitos** criados por I em M, usando o seu meio (recurso, elemento) eternamente animador e modificador - a **energia Real de I** orientada pela inteligência. Note-se que M não contém energia própria, nem inteligência, logo, ele nada pode animar, modificar nem orientar.

I é, simultaneamente, o ponto de partida da Vida e aquilo em

que repousa e que torna possível a existência eterna da Vida; é a fonte necessária, primordial e decisiva da Vida. Numa palavra: I é *A Base da Vida*, no sentido universal, e, em particular, é a base da vida de cada ser humano.

O mais importante não é a questão da *forma como I pode ser concebido pela mente humana*, mas, sim, a sua *presença activa indesmentível* onde quer que haja organização, incitação e movimento: I é aquele que organiza, que incita, que movimenta “algo” que, necessariamente, reflecte essa organização, incitação e movimento originados no interior oculto de I. Todavia, com os olhos do espírito, podemos ver em toda a parte esse “*imenso foco de luz que tudo organiza, incita e movimenta*”, porque “*em toda a parte onde há vida se faz presente [sempre actual] o Grande Foco*” (202).

De modo geral, as faculdades, capacidades ou poderes exclusivos de I, e de que também são constituídas as suas emanações, designam-se na literatura racionalista cristã por **atributos de I e dos seus indivíduos**. M, por definição, não possui atributos, nem faculdades, nem poderes, nem capacidades.

O desenvolvimento progressivo dos atributos originais, enclausurados nas partículas ínfimas de I, constitui a evolução dos indivíduos (termo utilizado por Luiz de Souza nas suas obras), enquanto processo em si de transição para uma versão melhorada de si mesmos, interminavelmente, assemelhando-se mais e mais a I.

Onde está um indivíduo qualquer, ali está necessariamente I; I une, integra e totaliza todos os seus indivíduos, o tempo todo e em toda a parte. Os indivíduos encontram em si mesmos tudo aquilo de que precisam para pôr em marcha a sua evolução de forma correcta, segura e apropriada, em função

dos desígnios superiores da vida, pré-escolhidos e impostos por I, com suprema sabedoria.

“A maior descoberta que cada pessoa pode fazer é a do seu “eu” real e desenvolver o poder latente que nela existe” (1701). É desenvolvendo-se, evoluindo, aprimorando-se, que os indivíduos chegam a ser espíritos cada vez mais fortes, sábios e felizes. Na ciência espiritualista, os indivíduos recebem a denominação de **espíritos** desde que iniciam o processo evolutivo em corpo humano.

O efeito material progressivo, necessário ao desenvolvimento dos indivíduos, ou que dele resulta, constitui a chamada **evolução material**, ou seja, o progresso dos meios ou condições em que se desenrola a evolução dos indivíduos. Porém, M foi, é e será sempre o mesmo: não evolui de nenhuma forma! Também as diversas categorias ou estados primários da matéria, organizados por I, não evoluem, porque essa matéria “já existe tal qual deve ser e é necessária, nos seus diversos estados, envolvendo os milhares de mundos, ligando-os, uns aos outros, ascendentemente” (203).

“Se a dita matéria [organizada] não fosse o **fluido cósmico** que envolve os astros, com diversas **cores**, trazido à Terra pela Força, para o que lhe é preciso organizar, todos os seres, humanos ou não, teriam a mesma conformação fisiológica, a mesma cor e consistência” (204).

M está em todas e quaisquer categorias de “corpos” (enquanto porções ou parcelas de M organizadas por I, e sujeitas a desagregação ou decomposição), seja qual for o seu grau de densidade ou de fluidez. Onde há *organização* há necessariamente alguma Inteligência, e onde esta falta de todo, não

pode haver organização, entendendo este termo como um arranjo equilibrado, disciplinado e que se desenvolve por etapas sucessivas visando atingir uma determinada finalidade.

Um arranjo equilibrado é uma coligação e acomodação recíproca de tudo o que seja útil para a melhor realização possível dos fins desejados. Dito de outro modo: uma reunião, coordenação e conciliação de tudo o que seja *um bem* para a eficácia duma acção com finalidade.

A necessidade de evoluir, comum a todos os indivíduos, é uma lei emanada de I (ver a 2ª Parte deste trabalho). Porquê? Para quê? Só ele sabe todas as respostas exatas e seguras, para todas e quaisquer questões.

Se não estou enganado, o uso consciente, correto e apropriado do termo “probabilidade” implica a pressuposição de um determinado leque de possibilidades e a presunção do conhecimento dos casos verificados, dentro duma coordenada convencional de tempo e espaço. Logo, consciência das relatividades! No entanto, a I nada escapa, por ser ele a Ciência Total. Fora dele não há saber nem ciência (cf 104).

Na esfera de acção de I, nada acontece no Universo sem que tivesse sido mentalmente concebido, com absoluta perfeição, pelo próprio I, incluindo todos os detalhes possíveis. A essa instância, toda e qualquer matriz material de geração de efeitos (matriz material, a jusante), vem depois, e só depois, da sua correspondente imagem idealizada por I (matriz imaterial, a montante).

Assim sendo, toda e qualquer partícula de matéria organizada contém M, e também espelha o trabalho de I, o organizador e animador de M. Ou seja, I está presente e actuante em toda e qualquer partícula de matéria organizada.

Diz o Racionalismo Cristão que a análise de informações obtidas por pessoas dotadas de alta percepção sensorial, mais conhecida por *mediunidade*, indica que existem de facto várias categorias de matéria, em vários estados de densidade, destinados a satisfazer as exigências da evolução. Estes potenciais de serviços, quais *stocks* – constituídos em *antecipação* de fenómenos (físicos e psíquicos) previstos - constituem **campos de energia, permanentemente monitorados por I.**

Tanto na constituição dos sistemas estelares, quanto na estruturação das partículas atómicas, I age segundo uma linha de ação construtiva, em que, gradativamente, vão-se acentuando – nos indivíduos – as **vibrações** da vida e se intensificando as **manifestações** de inteligência.

I tem poder ilimitado e dele emana o pensamento na sua expressão máxima. As ondas ou formas criadas em M, pelo pensamento de I, ficam indelevelmente registadas no oceano infinito de M.

No processamento contínuo da vida universal, nada resulta, nada se cria, nada se produz *por acaso*. Com efeito, considerando o Universo e uma coisa qualquer, X, que I nele fez existir, haverá sempre um fundo consistente, ou uma base confiável de raciocínio, que nos possibilite tirar a conclusão, ou apurar racionalmente, que é melhor e mais concordável que X exista do modo como existe no Universo, em vez de não existir ou de existir de outro modo qualquer.

A nossa concepção de I leva-nos a concluir que ele submete, invariavelmente, qualquer *criação* a uma predeterminação rigorosa ou a um modelo constante rigorosamente preestabelecido. Essa palavra *criação*, aqui deve ser mentalmente subs-

tituída pela expressão “transformação de M pela ação de I”. A idealização dos mundos, por I, corresponde às exigências da evolução. M é, portanto, o ambiente, o meio, em cujo seio I age e opera as maravilhas da criação.

“Todas as **criações espirituais** obedecem ao regime da evolução, enquanto as **[criações] materiais** ao da transformação. O Universo está repleto de vida, representada por partículas em evolução, e é a matéria [organizada] que fornece os **meios** para essas partículas evoluírem. Assim é que na Terra os espíritos evoluem em corpo físico” (105).

Se admito que I existe como uma unidade indivisível, um só Todo, cujas partículas estão eternamente ligadas entre si, então, eu mesmo, enquanto indivíduo, estou continuamente em I e em ligação com os outros indivíduos, por meio de um fio de conexão indestrutível. Sem este indivíduo que eu sou, I não pode existir e, conseqüentemente, também não haveria Vida no Universo.

“Uma vez que o espírito humano é parte integrante do Todo [I], não pode, de maneira alguma, estar desamparado ou desligado do Todo, que integra; pode ficar em **desarmonia** com esse Todo, formar como que um quisto na contextura espiritual cósmica, por **contrariar as leis naturais**, em função do **mau uso que fizer do seu livre arbítrio**, e neste caso, sofrer dolorosas conseqüências, mas isto não significa que dia mais, dia menos, não torne a **harmonizar-se** com a Unidade Espiritual, e não receba dela o fortalecimento reparador” (106).

Eis, portanto, o que a doutrina racionalista cristã recomenda aos criminosos de ontem, ou seja, que se disponham de hoje para futuro a batalhar para defender a sua sintonia, a sua

concordância vibracional, com I, sabendo de antemão que essa luta é feita de fracassos passageiros que, mesmo dolorosos, não conseguem estancar o espírito valeroso, para quem a vitória é certa, pois ... *nem tudo o que baloiça cai.*

Energia, vibração e impulso

No Universo toda a animação ou modificação só podem nascer no interior de I e dele emanar sobre M. Considerando que a animação e modificação da matéria organizada tomam nela a forma de **ondas informativas, que percorrem o espaço em todas as direcções**, veiculando indicações, instruções e comandos, deu-se-lhes o nome de movimentos ondulatorios, fenómenos vibratórios, ou **vibrações**, cuja raiz absoluta, entretanto, está no interior de I. É por isso que o nosso conceito de vibração abrange tanto a acção consciente de I como as suas manifestações ondulatorias na matéria organizada, que constituem demonstrações daquela acção consciente e permanente, ou vida real.

Quando harmónicas entre si, as vibrações ajustam-se, encaixam e prendem-se de tal maneira umas nas outras que se torna difícil a separação.

O espaço está repleto de vibrações, diferentes umas das outras e captáveis por instrumentos sensíveis a elas. Cada vibração captada, pode produzir uma revelação ou fenómeno correspondente. Um **fenómeno**, num contexto experimental, é aquilo que se manifesta, se revela ou se mostra nesse contexto, motivando-nos a questionar qual a sua origem e qual o seu significado, quer dizer, o que é que ele diz à nossa personalidade psíquica (o pensar, sentir e querer de cada pessoa em particular). Os fenómenos definidos particularizam-se, ou actualizam-se, em **factos**, dentro de espaços (onde?) e tempos (quando?) delimitados.

A luta dos cientistas vai no sentido de descobrir aquilo que está por detrás da fachada dos fenómenos.

O recurso animador e modificador, próprio de I, necessário e regulável para que ele possa dominar-se a si mesmo, transformar M, ou ocasionar quaisquer modificações em vibrações ou impulsos parcelares dados, chama-se energia - uma propriedade exclusiva de I e seus indivíduos. I é, como salta à vista, o verdadeiro Foco geral e fundamental da energia que constitui a essência de qualquer animação e modificação do Universo, em qualquer sentido, ou melhor, a vibração incessante do imenso Universo traduz, espelha ou reflecte o uso contínuo, por I, da sua energia real, eterna.

Quando a energia latente (potencial, virtualmente actuante ou operante) é posta em acção (tornando-se energia actuante, ou operante), ela leva consigo poder animador e modificador, que transmite ao seu campo ou corpo de aplicação, e destes para outros campos ou corpos, desde que não falte um meio condutor adequado a cada caso.

Num determinado instante, e no estado em que as coisas se encontram nesse instante, qualquer modificação desse estado só pode ser obtida fazendo-se uma acção ou reacção eficaz, que negará a inércia inicial.

Neste contexto, o impulso consistirá nessa acção ou reacção eficaz para modificar o estado em que as coisas estão (statu quo). Assim também, o impulso potencial que existe nas vibrações, converte-se em impulso actual, quando elas atingem e estimulam eficazmente o seu campo ou corpo de actuação, de incidência ou de aplicação.

Nesse sentido, a energia de que são portadores os impulsos e as vibrações pode ser considerada uma força operacional, uma força motriz capaz de superar obstáculos, em estado potencial ou actuante, num determinado meio (interno ou ex-

terno) de exercício dessa força, qualquer que seja a dimensão ou extensão desse meio, ou seio.

Particularizando, o Racionalismo Cristão ensina que, “Os sentidos mais comuns que se observam no organismo humano – como a visão, a audição, o tato, o olfato e o paladar – não se originam, como muitos erroneamente pensam, no corpo físico, mas no espírito, que os exterioriza por meio de órgãos adequados, que não funcionam sem **as vibrações e o impulso que lhes são transmitidos**, semelhantemente ao violino cujas cordas, para produzirem sons, precisam ser [atingidas] e tangidas pelo violinista com o arco” (303).

Distingue-se, então, a *energia interior* a I (energia latente de origem, energia real em geral, e energia espiritual em particular) da *energia temporariamente transposta e aplicada em M* (energia aparente, de aparência, ou energia material), e que I especializa, programa e detém nos campos e corpos de matéria organizada. Ou seja, a energia material universal é uma **força oculta na matéria**, o produto duma programação armada por I, para determinado fim, nos campos ou corpos de matéria organizada.

“Só pode ser considerado **real** aquilo que for eterno, quando se raciocina com o poder penetrante do espírito. A realidade relativa é que serve de argumento nas configurações terrenas” (107).

Relativamente à energia material “é possível afirmar que, para onde quer que dirijamos a nossa atenção, observamos algum modo de energia [material] trocada, emitida, absorvida ou que permanece concentrada em formas estáveis. Por

outro lado, o próprio acto de observar deriva da entrada de energia radiante nos nossos olhos e da propagação de energia eléctrica nos nossos nervos até ao cérebro” (701).

De notar que:

a) I vibra em si mesmo, porque é Vida, porque detém **energia própria, activa por natureza**: é do uso dessa energia, por I e seus indivíduos, que decorrem todas e quaisquer outras animações ou modificações no Universo;

b) I emite e reproduz em M essa energia latente, por meio de vibrações e impulsos, formando a energia material, que, a cada instante, ou está em stock (aspecto estático - energia represada) ou está em manifestação (aspecto dinâmico - energia cinética);

c) a energia pronta a despende e especializada num determinado sítio material (campo ou corpo), é uma força operacional em potencial na matéria, que aguarda por uma determinação libertadora, ou espoletadora, para então despende-se, fluir e actuar num determinado meio ou sobre um determinado corpo.

Sendo assim, a energia actuante com que uma estrutura material qualquer (por exemplo, o meu corpo físico) me impressiona, não vem realmente do princípio material dessa estrutura, mas sim da vibração de I, ou de algum indivíduo seu, que organiza, incita e movimenta aquela estrutura material.

Eu, enquanto **força estrutural encarnada**, exteriorizo permanentemente (do meu interior) **forças operacionais** que incitam

e movimentam todas as **diferentes matérias** do meu corpo fluídico e do meu corpo físico (que são **agregados desagregáveis e transformáveis**), incluindo a sua contraparte etérica (a matriz do corpo físico, organizada com a matéria fluídica do mundo Terra). Dessa incitação e movimentação aplicadas, resultam **efeitos** pelos quais sou naturalmente responsável.

Não se deve confundir o conceito de *partícula de I* com o de *partícula de uma qualquer energia material*, incluindo o ainda hipotético *bóson de Higgs*.

É dos diferentes estados ou categorias da energia material que I desagrega e retira elementos para usar como matéria-prima na composição de corpos e correntes precisas na dimensão física e fora dela.

Ou seja: I produz matéria organizada e serve-se desta como meio de prolongamento da ação dele emanada. Assim, I age *directamente* para criar instrumentos materiais e, depois, os incita e movimenta em ações *indirectas*, para os mais variados fins. Pensemos, por exemplo, na energia que impregna e envolve um corpúsculo em movimento!

As energias dos campos e corpos, estão sujeitas a fluir, a movimentar-se, de um para outro campo ou corpo, sobretudo por meio da emissão de partículas carregadas de grande poder animador e movimentador (radiações corpusculares), por iniciativa de I ou dos seus indivíduos e, de um modo ou de outro, sempre dentro do que as leis naturais e imutáveis predeterminam.

Em particular, os corpos podem avigorar ou definhar em razão das energias materiais que lhes forem injectadas ou sugadas, ou, ainda, que eles tenham absorvido ou expelido.

O espírito, sendo uma partícula de I, pode emanar uma energia benéfica que se soma às doses de energia que *atrai* de I, directa ou indirectamente, por meio das suas vibrações individuais (cf 304). A energia de I flui no Universo, como raios, e atinge o espírito receptivo, bem intencionado, energizando-o, revitalizando-o, reavivando-o e assim influenciando-o para uma ascensão total e plena (cf 2003).

“[Os Espíritos Superiores] dispõem de Força suficientemente desenvolvida para transmitir aos semelhantes as suas vibrações benéficas, em forma de luz e fluidos [logo, energias espirituais e fluídicas benéficas]” (108).

“O espírito desencarnado ainda com pensamentos materializados precisa (..) [ou, sente falta] de **energia anímica** [essa vida que o espírito põe no corpo fluídico de passagem para o corpo físico], que todos os encarnados possuem em abundância, principalmente os médiuns [de incorporação] ...; esses espíritos aprendem a sugar fluidos dos encarnados desavisados, sem disciplina mental (...) deixando os seus assistidos fracos, sem ânimo, doentes, ou induzindo-lhes doenças, muitas vezes iguais às que eles tinham ao desencarnar” (ver mais em 901).

A energia espiritual representa, para o indivíduo, uma força operacional potencial de imposição, sobre si mesmo e sobre o meio exterior, a fim de conseguir resolver um problema, modificar uma situação no sentido pretendido. A vontade do espírito é o atributo que lhe permite o uso continuado da sua energia, para a obtenção de determinado objectivo engendrado pela acção do pensamento.

“O Racionalismo Cristão quer que cada um encontre em si mesmo a protecção, que reaja, que se torne forte, não conte com ninguém, pois em si encontrará a energia necessária para transpor os obstáculos, para vencer os sofrimentos desde que *saiba vencer-se a si próprio*” [isto é, desde que aprenda a dominar e adequar as suas próprias vibrações e impulsos].

“Há muita gente que ao menor abalo moral entrega-se ao sofrimento e deixa-se enfraquecer. Essas são as criaturas que não sabem dar valor ao pensamento, não sabem o que é a *energia espiritual*” (205).

Dos tempos primitivos da história da humanidade até à civilização tecnológica dos nossos dias, os seres humanos aprenderam a fazer uma **utilização controlada de diversas modalidades da energia material**.

Em contraste, é diminuto, ainda, o esclarecimento acerca da energia espiritual e sua correspondente utilização técnica, promovida seguramente por pessoas que optaram pela **elevação espiritual, pessoas disciplinadas e desejosas de levar o socorro espiritual àqueles que precisam**, como do pão para a boca, desse conhecimento e dessa utilização. Os Espíritos Superiores sabem, seguramente, em quem podem confiar, na Terra, para ministrar esse socorro.

“Uma criatura de elevação espiritual está sempre propensa a desculpar as faltas alheias, nunca irradia maldade nem deseja vingança. Sofre, afasta-se, não quer mais saber de quem lhe ocasionou sofrimentos e não profere uma palavra de revolta, ódio, malquerença ou vingança, ...” (206).

Na dimensão física do Universo ...

Como I se faz sentir, como I pode ser observado, pelos seres humanos? Ele não tem forma em si, mas os espiritualistas o vêem e sentem em toda a parte, nas mínimas coisas que se apresentam à sua visão e percepção. O Dr. Pinheiro Guedes e o codificador do Racionalismo Cristão, Luiz de Mattos, escreveram sobre essa grande questão. I e os seus indivíduos existem em si mesmos e manifestam-se na matéria, por toda a parte, das mais diversas maneiras, de que as cores, os cheiros, os sons e as demonstrações de pujança e perícia são apenas alguns exemplos.

Uma circunstância particular do imenso Universo, circunstância que também é familiar aos sentidos humanos, é a matéria condensada, considerada na sua globalidade. É o que poderíamos chamar de **universo físico, dimensão física ou plano físico do Universo**, que inclui particularmente o sistema estelar a que pertence o mundo Terra.

“A própria matéria [organizada em termos de átomos, moléculas, etc.] que compõe todas as coisas e a nós mesmos [melhor, os nossos corpos físicos] se pode considerar **energia altamente condensada e associada em formas dotadas de grande estabilidade**” (701).

Quando é que I começou a preencher a função de produção do universo físico, usando todo o seu ilimitado saber e servindo-se de M como matéria-prima irreduzível? A resposta a esta questão não está ao alcance da mente humana actual.

No Racionalismo Cristão, admite-se que o universo físico é uma produção, em continuada renovação, da incessante emanção (irradiação) e aplicação (transposição) de I sobre

M, causando movimentos e consequências, nomeadamente os efeitos que I ocasiona em M para organizá-lo, para arranjá-lo como é preciso e mais relevante for para a eficácia do processo evolutivo:

“Onde há energia, atuante ou em forma potencial, sempre há uma força presente” (2002).

“A matéria visível e palpável, está em constante e permanente transformação. De um instante para outro, há modificações no estado material dos corpos, chegando eles a se desintegrarem e a desaparecerem aos olhos físicos, mediante desassociação de moléculas e de átomos” (107). “Seria o maior dos absurdos admitir que a matéria, que não pensa e se decompõe, fosse a geradora da Força, que é inteligência, que é luz” (204).

Em diferentes contextos, o termo *força* pode ser usado para designar:

- (1) Força, enquanto **unidade persistente, ou estrutura, imaterial, essencialmente inteligente**, animadora consciente e modificadora intencional do Universo; unidade indestrutível que, com recursos próprios, age e reage, produz quaisquer efeitos; **força estrutural em si**. Neste caso, Força equivale a I, como um Todo ou como um qualquer dos seus indivíduos, particularmente os espíritos, independentemente dos recursos, meios ou elementos materiais criados por I e pelos indivíduos.

“O espírito é sempre Força, Inteligência e Poder. Estas qualidades podem ser empregadas tanto para o mal, como para o bem. No Astral Superior os espíritos empregam-nas exclusivamente para o bem. No astral inferior,

ao contrário, são elas, consciente ou inconscientemente, empregadas para o mal” (305).

[Nesse contexto, Astral Superior designa o ambiente fluídico já diáfano que envolve os Espíritos Superiores, igualmente denominados Forças Superiores, ou espíritos que já concluíram o ciclo evolutivo terreno; astral inferior, quer dizer, o ambiente fluídico pesado que abriga espíritos desencarnados em estado perturbativo, aguardando que sejam criadas condições para o seu arrebatamento para os correspondentes mundos de estágio].

“A perversidade com que podem agir os espíritos do astral inferior é quase ilimitada. À ação danosa desses espíritos são devidos muitos e muitos infortúnios” (306).

Essa intromissão perversa dos espíritos do astral inferior na vida dos encarnados vem detalhadamente explicada na vasta literatura racionalista cristã, e decorre das leis naturais e imutáveis de atracção e de causa e efeito, as mesmas que possibilitam a nossa união espiritual consciente com os Espíritos Superiores, visto que pensar opera atracção, e conforme se pensa assim se atrai.

“Toda a **força** apta, na **plena posse de si própria**, nos dá uma sensação de saúde, e maravilha-nos pelo seu equilíbrio, segurança, domínio, desabrochamento e beleza”; “A desordem, a incoerência, a confusão, a brutalidade e a violência, são, em geral, sinais de impotência e fraqueza” (402).

- (2) **Força, enquanto meio (recurso, elemento) de cuja emanção e aplicação resulta um efeito qualquer no campo ou corpo receptor; força operacional ou energia** (poten-

cial ou actuante); **potência de I ou dos seus indivíduos, ou sua manifestação** capaz de quebrar resistências se necessário, de contornar oposições, de **ocasionar acontecimentos ou influenciar o curso dos acontecimentos**, por meio de vibrações ou impulsos de maior ou menor pujança, exuberância ou vivacidade:

“No plano físico do Universo, indicamos por **força a manifestação da Força [I]** e por **matéria** a organização da Matéria em termos de átomos, moléculas etc.” (2002).

A **força** (e grandeza) **de I** (Força) podem ser observadas nas suas diversas **manifestações** nos reinos da natureza, porém mais de perto se sente I quando se trata do ser humano, sua partícula mais evoluída nesses chamados “reinos da natureza” (cf 209).

“[A força, estrutural ou operacional] só tem **valor** pelos **efeitos que produz** [ou, pelos resultados que ela determina e impõe que aconteçam]” (402).

Tanto no repouso dos corpos, como nos seus movimentos, uma ou mais forças são necessárias e determinantes. Com efeito, dizer que um corpo está em repouso é dizer que sobre ele exercem forças contrárias que se anulam mutuamente; dizer que um corpo está em movimento é dizer que existe uma força que determina e impõe movimento a esse corpo. “O movimento é produzido por uma Força” e “a Força se manifesta pelos seus efeitos” (1001), quer referidos à força estrutural ou à força operacional.

“O Racionalismo Cristão estimula o leitor a acreditar em si mesmo, a confiar na ação da sua vontade e na **for-**

ça prodigiosa e imensurável do seu pensamento [que é uma força operacional]” (307).

“O espírito [que é uma força estrutural, uma estrutural-luz, ou simplesmente Luz] é um agente de ação permanente, de grande força [operacional] em potencial, por meio da qual imprime em seu corpo físico os traços predominantes da sua natureza, o reflexo da sua pouca ou crescente espiritualidade” (109).

- (3) Força, no sentido especial de **meio de exercício de coerção ou coação**, meio de imposição de domínio, de algum indivíduo ou grupo sobre outro indivíduo ou grupo, ao nível da sua Força Interior ou da sua circunstância material, para obrigá-lo a adoptar atitudes (ou, predisposições assumidas, para agir de certas maneiras, em relação a certos alvos visados) ou a realizar actos que não adoptaria nem realizaria se a tal não fosse coagido. Nuns casos será “lei do mais forte”, noutros “força da lei”.

A observação regista que, em determinadas situações, uma determinada força parcelar resiste, combate ou anula outra força parcelar, ao contrário de outras situações em que forças parcelares se ajustam e coligam (se unem), para a produção de um resultado comum.

Note-se que a ligação espiritual do ser humano com correntes perversas alquebra o vigor do espírito, impedindo, assim, que tal vigor se manifeste com a sua maior potencialidade.

“Quando a pessoa se predispõe à prática do mal, suas vibrações espirituais estabelecem os **pólos de atração** das correntes afins do astral inferior e passam, então, os obsessores,

valendo-se da mediunidade intuitiva desse ser, a influenciá-lo mentalmente, para levá-lo a cometer desatinos” (303).

“Se considerarmos apenas as normas tuteladas por meios que culminam no emprego organizado e monopolizado da **força física**, empregamos o termo Direito no seu sentido restrito” (1101).

A consciência nítida dos elevados desígnios que dependem do cumprimento dos deveres que a vida a todos impõe, levamos à auto-animação (ou, mobilização interior autónoma) para a concretização gradativa daqueles desígnios. Quando falta essa auto-animação ou se descamba para a delinquência, então, faz-se necessária uma recaída policiária, como acontece, por exemplo, na situação escolar.

Toda a acção inteligente precisa dum mínimo de **ordem**, do **respeito de todos à força maior comum**. “**Toda a gente deve poder ouvir a lição**. Se a lição não tiver interesse, nascerá uma desordem que exigirá recurso à ordem. Se a situação se tornar permanente, a disciplina [imposta por uma **força exterior**] substituirá o ensino” (1201).

Para o Dr. Pinheiro Guedes o termo *força* designa, em sentido amplo, tudo quanto tem no agir, no produzir, no criar, no expandir-se, a sua condição de existir; tudo quanto manifesta energia, age e reage, produz quaisquer efeitos. Neste sentido, ou seja, de acordo com essa premissa, as vibrações, anteriormente referidas, são *forças operacionais*; as forças que fazem, repetem e subsistem a impulsos, forças detentoras de iniciativa própria, são, para esse autor, *seres vivos em si, ou forças estruturais*. Ali, a modalidade, a sucessão; aqui, a

persistência, a iniciativa. As *forças operacionais* são verdadeiros e diferenciados prolongamentos saídos ou desprendidos das *forças estruturais* - suas fontes, suas sedes, suas nascentes.

Em particular, “a atmosfera fluídica da Terra está repleta não só de espíritos [forças estruturais] como de pensamentos [forças operacionais], daí resultando as vibrações de correntes distintas, umas favoráveis e outras desfavoráveis ao progresso espiritual” (303).

O Dr. Pinheiro Guedes fala-nos, no livro *Ciência Espírita*, das forças estruturais e operacionais que criaram os planetas e os seus ocupantes físicos: “Os corpos e tudo quanto hoje se encontra na Terra, aqui se criou, em virtude e por ação das potências e energias naturais, chamadas forças cósmicas” (1002).

Outros esclarecimentos acerca de I

Sempre há lacunas nos conhecimentos do espírito encarnado neste mundo-escola que é a Terra. Por isso, os estudiosos do Racionalismo Cristão estudam todos os dias, sem desanimar, pois sabem que as Forças Superiores dão respaldo a todos aqueles que estudam e raciocinam com a finalidade de ampliar a sua própria consciência da vida real e, bem assim, de ajudar as Forças Superiores a levar o esclarecimento espiritual ao maior número de pessoas.

Sabemos que, quanto mais realistas forem as nossas concepções acerca do próprio I e, conseqüentemente, acerca da nossa estrutura-luz (nosso espírito), mais iluminada será a estrada que nos conduzirá ao máximo desenvolvimento espiritual, nesta e noutras encarnações.

1) I é Luz, mas uma luz que não se confunde com a luz material

A energia luminosa ou energia radiante que nos é familiar (vulgo “luz”) não é constituída por átomos, mas é algo muito concreto. Por exemplo, essa luz gera energia cinética, quer dizer, exerce alguma pressão sobre corpos expostos aos seus raios (cf. 702).

“A luz emitida pelos corpos solares não pode ser confundida com a luz astral [ou, brilhante, fulgurante, fora da matéria], que representa a Força, por ser ela de constituição inteiramente diversa”, “luz astral, que penetra todos os corpos, até o mais ínfimo lugar no espaço. Dia e noite expressam períodos apenas relacionados com a vida material” (302).

A Força Criadora de tudo, a que muitos chamam **Deus**, para nós é **Luz e Inteligência** a clarividenciar **os espíritos, as mentes ou inteligências**, e a impulsionar os **átomos** para a formação de **células e moléculas** (cf 207).

“A Força é também denominada Inteligência Universal, Luz, fonte de vida de todos os seres” (...) Essa Força (...) pode ser (...) sentida pelo ser humano em si próprio, a todos os momentos” (208).

“... a Inteligência Universal que (...) o Racionalismo Cristão afirma ser o Grande Foco e **não ter forma de homem ou outra qualquer**, é a Grande Luz Universal de que se compõe o Universo, em que estão envolvidos os planetas que nele gravitam e todas as galáxias” (202).

Em particular, o ser humano é uma **individualidade-luz, ou estrutura-luz (consciente de si e do exterior)**, em manifestação transitória numa **estrutura densa (inconsciente)**, que “é, apenas, **uma forma animal organizada pela Força espiritual**, pela alma, para a sua estada provisória neste mundo” (202).

Portanto, “somos pequenos fachos de luz, ainda muito embotados, de um **imenso clarão que impulsiona o Cosmos** – que é Vida Inteligente Universal” (301) e devíamos tirar o máximo partido desta convicção de que a Luz Astral (Inteligência Universal em eterna vibração e em constante promoção do processo evolutivo) penetra todos os corpos materiais, próximos ou distantes, até o mais ínfimo lugar no espaço, a mesma Luz que existe no interior de cada um e todos os seus indivíduos.

2) I é a fonte suprema do pensamento, ele é todo Amor e está continuamente em acção construtiva, plena de sabedoria

“O Pensamento é um Poder da Inteligência Universal, multipartido entre os seres, por onde se constata a filiação que existe entre a partícula e o Todo” (110).

“Os Espíritos do Astral Superior não têm dificuldades em ajustar as suas Forças Pensantes [Forças Operacionais] a essas vibrações do Poder Supremo, quando fica o impossível reduzido a nada. Entretanto, essas Forças Pensantes são controladas pelo próprio Ente [Força Estrutural] que as produz, de maneira a não alterar a marcha normal dos acontecimentos. É quando se dá a ocasião de nem todas as aspirações que sobem da Terra, poderem atingir a sua consumação” (108).

“As vibrações da Inteligência Universal enchem o Espaço Infinito, atravessam e saturam todos os corpos, conduzindo, na sua essência, o **amor supremo**, de que também se constituem” (111). Ver, na segunda parte, a lei do Amor.

“A Inteligência Universal está em toda parte (...) porque é a fonte do bem, e, assim, da moral e de todas as virtudes humanas” (209). Por isso, o condão ou vocação para a prática do bem é uma potencialidade espiritual, está dentro de cada indivíduo em desenvolvimento, e este só tem a perder e, mais tarde, a arrepender-se amargamente, quando não exerce essa vocação do seu eu consciente.

“A Inteligência Universal não cessa um instante de trabalhar para manter a sua organização sideral e cósmica em pleno funcionamento” (112).

“Evolui a estrutura substancial do Universo, sob o poder da Força Criadora” (103).

“Ninguém porá em dúvida a sabedoria do Grande Foco” (113). Há seres tidos como sábios apenas por manifestarem uma inteligência acima do comum. A sabedoria, no ser humano, é um pecúlio de conhecimentos, por ele conquistado a muito custo, e que lhe permite “a conquista de uma postura exemplar destinada ao aproveitamento máximo, no sentido positivo, de uma transitória vida física” (902).

“O Grande Foco abrange toda a Verdade”; “A Verdade Sublimada, a Verdade Universal, exprimem um conceito Superior, que se encontra irmanado ao Supremo Grau da Inteligência” (114).

3) I disciplina-se a si mesmo, dando o exemplo de cumprimento das leis naturais e imutáveis que regem o Universo, dele emanadas e por ele tuteladas

Na vida espiritual, “Todos, até a Força Criadora, estão subordinados [ou, vinculados], voluntariamente, às leis naturais e imutáveis (LNI), e quem quiser quebrá-las, passar desdenhosamente por cima delas, sofrerá irremediavelmente, as consequências torturantes da transgressão” (115).

Nenhum espírito poderá recusar indefinidamente a obediência às LNI, porque a força operacional que assegura a sua aplicação coerciva, sempre que necessária, emana do próprio I.

4) Reveste-se de grave importância a compreensão da propriedade transitiva das relações que é possível captar através de um triângulo contendo nos vértices as letras x, y e I

Estudam-se, nesse triângulo, as seguintes relações: de um determinado indivíduo (x) indiretamente com I, ligando-se (ele, x) diretamente a um outro indivíduo (y); de um indivíduo (x) indiretamente com outro (y), ligando-se (ele, x) diretamente com I; de I diretamente com um indivíduo (x), com ligação a outro indivíduo (y):

“Todos os seres são partículas inteligentes, dispendo, por isso, da capacidade de vibração harmônica e sincronizante com aquele [Grande] Foco com o qual estão permanentemente ligados os Espíritos do Astral Superior, por vibrações concordantes” [a questão aqui é, basicamente, a ligação vibratória concordante do indivíduo com I ou, transitivamente, com algum outro indivíduo que esteja em vibração concordante com I] (108).

“Para estar com essa Força, dela receber influências benéficas *por intermédio* das Forças Superiores (...) e ser um instrumento dócil, um elemento atrativo seu, preciso se torna que a criatura física se quede quase inerte, seja vencida pelo seu corpo mental [espírito], por intermédio do seu corpo astral (fluido nervoso), e que em tais condições saiba colocar-se no mundo físico, onde terá os pés, e **ligado o seu mental às esferas superiores, à Inteligência Universal**” (210).

“As ligações espirituais devem ser feitas [diretamente] com as Forças Superiores, que são os Espíritos do Astral Superior” (116).

“A comunhão com a Inteligência Universal (...) estabelece contato com os Espíritos Superiores” (116).

“Nesse conjunto de seres humanos, assim em pleno temporal, quase a serem tragados pelo oceano em fúria, a Inteligência Universal se manifesta, bem claramente, bem nitidamente, porque a irradiação da força das almas desses seres, por sobre os seus corpos físicos, é de tal forma forte e pura, que chega a confundir-se com ela, alçando-se aos seus mundos superiores, dos quais descem efluações puras sobre as almas desses heróis do mar, desses verdadeiros lutadores, e lhes dá a precisa coragem para continuarem a esperar pela bonança, que não deve tardar” (211).

De facto, as pessoas necessitam dessa coragem induzida, para travarem continuamente as duras batalhas materiais e espirituais de cada dia que passa.

“Os que desconhecem o Racionalismo Cristão, rezam e oram, no desejo de se porem em contato com o Criador; esse

contato é uma necessidade pela sua ação purificadora. No entanto, teria de ser feito de maneira racional, sem peditórios, sem cegueira e sem interferir nos desígnios planejados para o bem.

De certo modo, algum proveito pode ser tirado dessa união através dos pensamentos da partícula individual inteligente sintonizados com o Todo, dada a correlação espiritual existente” [porque desejamos pôr-nos em contacto com I, de maneira racional, elevamos a ele indirectamente os nossos pensamentos, em horas ou ocasiões propícias, como recomendado pelo Racionalismo Cristão, isto é, por ligação directa com os Espíritos ou Forças Superiores] (116; ver p. 31 supra).

5) I é o Todo, Absoluto e Eterno; é a Força que envolve o capital real de todos os seres

“O Racionalismo Cristão, em suas obras básicas, revela que o chamado **Deus** é espírito, Força Criadora, Inteligência Universal, Vida e Poder, e que, com esses atributos, domina o Espaço Infinito” (117).

“A Força Criadora é Espírito Puro, na refinada acepção do vocábulo e com ele está a vida Espiritual Absoluta [ou, a Espiritualidade Suprema]” (118). Com efeito, em Metafísica, uma das acepções do termo espírito é a de “Princípio da vida e do pensamento”; para Lavelle, O Espírito é o foco comum que **aclara e une** todas as consciências particularizadas, possuindo ele mesmo a Consciência Absoluta.

“A Força Criadora envolve o capital real de todos os seres do Universo. De tudo quanto se sente, na órbita espiritual, é esse capital que prevalece” (119).

“[Os militantes convictos e zelosos da Causa do Bem] prosseguem, firmes nos seus propósitos, bem orientados nas suas disposições e regozijantes por se sentirem iluminados pela Luz do Grande Foco, que os conduzirá, triunfalmente, ao ancoradouro da vitória” (120).

6) I é o Supremo Cientista

“A Força Criadora mantém o Universo constituído na base da sua Ciência. Assim, as descobertas científicas que se fazem são o resultado da captação de vibrações do campo cósmico, feita por estudiosos que, com esforço conquistaram essa faculdade receptora” (118).

“A Ciência está intimamente ligada ao Poder Total, tanto que é manifestação da Verdade. Assim, serve ela também para desvendar os erros do cristianismo atuante, e colocá-lo na sua real posição. Poderá parecer aos mais desprevenidos que a Ciência é, apenas, produção da força intelectual, como se esta não fosse emanção do Espírito, que recebe as vibrações solicitadas do Saber, componente da Inteligência Universal” (121).

“Não é preciso procurar ninguém para incutir-lhe pensamentos próprios, egoisticamente. **O indivíduo, quando quer saber, procura os meios**; todos estão mergulhados nas vibrações da Inteligência Universal e, pelas leis da afinidade, os encontros oportunos se fazem, quando uma alma deseja ardentemente conhecer a Verdade ou o caminho certo” (122).

“A Inteligência Universal está presente em toda parte, e cada ser se move no seu oceano de Sabedoria, com uma trajetória definida” (123). **É o mau uso do livre arbítrio que opõe dificuldades a que o espírito prossiga, serenamente, na sua jornada.**

“A consciência dos fatos se dilata [se expande, se amplia] na proporção do aumento da capacidade individual, e de conformidade com a modulação vibratória que se desenvolve, até sintonizar com a Absoluta” (124).

“Tudo na vida está [- de acordo com as leis naturais e imutáveis do Universo -] bem pensado e bem distribuído. Há a Força Inteligente a presidir todos os acontecimentos restauradores. Embora seja, às vezes, difícil de compreender como um fato ocorrido, aparentemente mau, possa redundar, em bem, na realidade isso se dá, porque acima dos horizontes humanos, está a ilimitada Visão Astral” (125).

7) I é semelhante (análogo) a este indivíduo que eu sou e a qualquer outro indivíduo, mas a nossa semelhança em relação a I tende a crescer mais e mais, rumo à meta final, pelo processo da evolução

A noção de igualdade ideal, isto é, de semelhança completa (zero faltas) e perfeita (zero falhas) entre A, B e C - enquanto rigorosamente idênticos e indiscerníveis entre si -, é uma ideia intuitiva comum a todas as pessoas que pensam e raciocinam normalmente (e não patologicamente).

Desde que A, B e C apresentem uma característica (ou padrão) comum, que não seja suficiente para determinar e impor a igualdade ideal de A com B e com C, então, em relação a essa precisa característica, podemos afirmar que A, B e C são **relativamente semelhantes** ou, se se quiser, iguais apenas relativamente a tal característica comum mas não decisiva da sua semelhança em todos e quaisquer quesitos. Serão análogos, mas não absolutamente iguais.

A relação de semelhança: é reflexiva (A é necessariamente semelhante a A, e o mesmo se pode dizer de B ou de C); é simétrica (se A é semelhante a B, então, B é necessariamente semelhante a A); é transitiva (se A é semelhante a B, e B é semelhante a C, então, A é necessariamente semelhante a C).

Exemplo: o facto de três triângulos terem em comum a “igualdade interna de qualquer lado com qualquer outro” constitui, tão-somente, uma razão de semelhança, entre outras possíveis, mas não determina e impõe que esses três triângulos tenham entre si uma igualdade ideal, pois para obstar a realização indesmentível desse tipo ideal de igualdade basta que, por exemplo, o domínio interior de um deles não tenha uma igualdade ideal com os domínios dos restantes dois triângulos referenciados à partida.

Isso para dizer que: dados I, o indivíduo x e o indivíduo y, não existe igualdade ideal de I com x, nem com y, porque - entre outros motivos suficientes - x e y são parcelas pertencentes a I, mas este não se resume nem a x nem a y, nem mesmo à soma de x com y. Também, x e y eram idealmente iguais antes de entrarem em evolução, e só no limite Infinito voltarão a ser - assim perspectivamos - idealmente iguais, mas a igual constituição substancial, que os estabelece, nunca mudou nem mudará, desde quando coexistiam na Fonte Original Comum de deslocamento para fins de evolução.

“Deus é, na essência, puro espírito a animar o Universo. O espírito humano, partícula sua, anima o seu corpo” (1003) [Deus manifesta-se em toda a matéria do Universo; no ser humano, o espírito manifesta-se em toda a matéria de que, também, é feito o ser humano].

“A consciência da eternidade é comum ao Criador e à criatura [ou seja, ao indivíduo na sua evolução no género humano, inserido nesta existência de que estamos mais seguros e melhor conhecemos]” (113).

“Outra demonstração que atesta a filiação do Todo às suas partículas, está na manifestação da sabedoria” (idem, idem) [I de tudo tem consciência, e à sua acuidade cognitiva não escapa nenhum pormenor da vida, em todos os seus aspectos, assim como a sua conduta é de todo em todo íntegra, irrepreensível em benefício de todos os seres].

“A inteligência latente no espírito, desabrocha em todas as criaturas, de acordo com o esforço de cada uma, para revelar-se mais ou menos brilhante, através das suas atividades” e “atributos inteligentes da Força Criadora refletem-se nas suas partículas, demonstrando, mais uma vez, que estas são centelhas, em evolução, do Grande Foco” (idem, idem).

“Igualmente comum à criatura e ao Criador é o sentimento do Amor, (com “a” maiúsculo) [ver na segunda parte a lei do Amor]” (idem, idem).

“Quanto mais a criatura evolui, mais recursos adquire para chegar a esse estado [de felicidade]” (idem, idem).

“O anseio de progresso da partícula em evolução, expressa a força natural de expansão dos atributos espirituais que se encontram enclausurados no interior de cada ser, e forcem a [ou, obrigam à] sua libertação ...” (idem, idem).

“O homem [o género humano em geral, e cada ser humano, em particular] não pode continuar a ser ele próprio sem tra-

balhar constantemente para se elevar acima de si mesmo [até onde é preciso chegar, no processo evolutivo]” (Lachelier, filósofo).

“Não se pode conceber a Força Criadora, sem reconhecer-lhe o domínio absoluto nas suas manifestações. O ser humano pode não exercer o domínio sobre si mesmo, por acomodar-se a uma fraca força de vontade, mas tem desejo de possuí-lo” (113).

“Assim, quando se diz que o indivíduo, na sua evolução no género humano, é a imagem e a semelhança do Criador, implicitamente se afirma que a partícula espiritual é o espelho, o reflexo ou a imagem desse valor absoluto, que é a Inteligência Universal”;

“O indivíduo é uma fração infinitesimal da Força Criadora ou Inteligência Universal (...) essa fração, como ocorre com a gota de água do oceano, encerra a mesma **substância** do todo, e idêntica **composição** espiritual” (113).

[Um espelho – colhe um determinado feixe de irradiações e sintetiza-as numa forma representativa ou informativa do correspondente foco irradiante original; um reflexo – embora se situe a jusante, remete-nos, por um fio de conexão, à sua própria fonte emissora, situada a montante; uma imagem – marca, informa ou testemunha, onde ela se forma, acerca de um referente passado, presente ou possível de existir no futuro]

“Por esse modo, chega-se a compreender a importância do indivíduo como ‘centelha de luz’, e a absoluta igualdade que

prevalece entre todas as centelhas entre si ou entre todos os indivíduos, na concepção substancial [ou seja, em I] (113).

Renovar é aperfeiçoar, actualizar, progredir, desenvolver, apurar:

“Assim, torna-se necessário renovar os conhecimentos para andar-se em dia com o presente, conforme em dia andam as operações siderais”; “A renovação é um bem que traz satisfação e alegrias” (103).

A sociedade, relacionando indivíduos (por definição), precisa de passar por sucessivas renovações; os indivíduos, relacionados em sociedade, precisam de evoluir, continuamente. Renovação da sociedade e evolução de cada um dos seus membros: não há escapatória possível desta lei natural, a não ser ilusoriamente. E, assim, a sociedade que se nega a renovar-se e o indivíduo que se nega a evoluir, terão que arcar, infalivelmente, com dolorosas atribuições correctivas.

8) I é originária e eternamente livre de agir, de reagir e de abster-se, de modo reflectido e decidido, e ele sabe ser livre em relação às leis naturais e imutáveis

Desde quando o Universo é Universo, I possui a capacidade de agir por si próprio (espontaneidade) e de criar novidades no Universo (usa a inteligência para elaborar imagens perfeitas e variadas daquilo que deseja realizar), isto é: ele é livre de obstáculos em geral e de maus hábitos em particular (dele não emanam acções ou reacções decorrentes de automatismos adquiridos, e que sejam anacrónicos no presente actual); é livre de intervir ou de abster-se de intervir em qualquer parte

ou situação particular da vida do Universo; é livre de agir bem ou agir mal, em toda a parte, o tempo todo; nada pode trans-torná-lo, fragilizá-lo, abatê-lo ou desviá-lo dos seus propósi-tos.

Com efeito, I é dotado de Vontade Própria e, diante dele, M é passivo e amoldável; I não é obstaculizado por imagens ou ideias perturbativas, nem é algemado por medos, nem é avas-salado por paixões. Entre I e M, na concepção substancial universal, não é possível qualquer interacção, visto ser M ab-solutamente passivo:

“A interacção é uma acção recíproca de dois ou vários agen-tes [coexistentes]” (A. Birou), pelo que este conceito não se pode aplicar a M antes dele ser organizado por I. Por exem-plo, entre o indivíduo e os seus corpos materiais associados existe uma **interacção constante, actual, condicionando-se reciprocamente a todo o tempo.**

Porque a I não falta o conhecimento de si mesmo e das suas próprias leis, e porque ele dá continuamente o exemplo maior de obediência aos preceitos contidos nessas leis, os astros fa-zem os seus movimentos com absoluta pontualidade.

“[Certos de que I é quem melhor sabe fazer uso das leis na-turais e imutáveis] “À medida que o ser passa, de grau em grau, a subir a [ou, a allear-se na] escala da evolução, vai se submetendo aos princípios da moral, deixando de fazer o que não convém, para seguir a voz da consciência, cada vez mais nítida e imperativa. – O cerceio da liberdade é um bem, sem-pre que usado no sentido de conter o mal. E por mal [neste contexto] se compreende tudo aquilo que contraria as boas normas de viver, pautadas pelas leis Supremas e Universais” (126).

I é “Chefe” de si mesmo. Os espíritos, indivíduos dotados de livre-arbítrio (ver na segunda parte a lei do livre-arbítrio), passam por situações em que são obrigados a prestar obediência a um chefe (por exemplo, o chefe de equipa); esse mesmo chefe, nessas mesmas experiências, é obrigado a comandar os seus companheiros, guiando-se sempre por determinados preceitos disciplinadores do exercício da autoridade, escutando também e seguindo escrupulosamente a voz superior da consciência espiritual.

9) Os atributos, faculdades, dons, poderes ou recursos de I, existem nele em estado puro e perfeito, absolutamente

“O espírito é uma fonte perene de dons e recursos que aguardam oportunidade e condições para se manifestarem, dependentes do próprio indivíduo, que precisa esmerar-se para a obtenção de conhecimentos espiritualizadores” (110).

As forças interiores não manifestadas pelo espírito encarnado - quais fogos que ainda não saíram do seu foco - designam-se frequentemente por “forças ocultas” no âmago de cada espírito. Essas forças acham-se nele incubadas, adormecidas, silenciadas, a aguardar pela ocasião propícia, em que o espírito já terá adquirido “aquele estado de independência, de domínio próprio, de lucidez, de esclarecimento e espiritualidade, com que ficará habilitado a reprimir em qualquer instante, a mais leve intenção perniciosa” (113).

“Para levantar, do materialismo em que se encontram, as massas, não se empregam forças ocultas, mas doutrinações apropriadas e esclarecimento espiritual [prestado por quem dá exemplo de cumprimento constante dos princípios doutrinários], único meio de reformar as criaturas” (128).

“Cada criatura é uma partícula desse Poder, dessa Força Criadora, e precisa **agir como seu reflexo, ao externar as suas propriedades espirituais** [agir desse modo é revelar espiritualidade, assemelhação com I]” (129).

10) Últimos reparos

Do ponto de vista racionalista cristão, nenhum ser humano poderá entender e compreender, a si mesmo e ao seu semelhante, em profundidade, largura e altura, tanto quanto lhe é possível neste mundo, sem antes ter estruturado, na própria mente, uma ideia suficientemente consistente do que sejam o Princípio Inteligente (I) e o Princípio Matéria pura e simples (M), na globalidade do imenso Universo.

Coube ao grande espírito de Luiz de Mattos trazer à plena luz, no início do século XX, esta concepção real que, a seu tempo, virá a ser largamente reconhecida pelos cientistas terrenos.

“A confiança que a ciência inspira provém precisamente do facto de que a verificação de cada avanço está ao alcance do primeiro que chegue. Mas, **certos seres excepcionalmente dotados** ignoram as etapas convencionais e “**vêm**” a **solução oculta a todos**, do mesmo modo que o aviador vê sobre as estradas e nos campos, as manobras de tropas, invisíveis para os que estão em baixo” (1301).

“O Espiritualismo [que estudamos continuamente] é o manancial de conhecimentos que conduz a criatura, por caminho seguro, aos mais altos píncaros da sabedoria, de onde poderá descortinar, com visão ampla, todos os recantos da natureza, e habilitar-se, desse modo, a compreender os fenómenos que nela se operam.

Os estudantes do Espiritualismo estão voltados para o nascente, de onde, simbolicamente, vem a luz que a todos banha por igual. Uns recebem-na com alma esfusiante, de maneira a **absorver** os seus **luminosos e fortificantes raios**, enquanto outros olham-na com o entendimento obscurecido.

Para os primeiros, as influências diretas daquele raiar luminoso produzem resplendentes efeitos, ao passo que, para os segundos, para os que não compreendem ainda a linguagem da natureza eterna [ou, a linguagem do sentimento nobre], aquele esplendor não se revela com a verdadeira imagem” (130).

Os indivíduos que evoluíram o bastante para não mais precisarem de voltar a este mundo a fim de dar continuidade ao seu processo evolutivo eterno, merecem o nosso respeito sem reservas e nossa gratidão sincera e eterna, por tudo o que fizeram e continuam a fazer para ajudar os seus irmãos encarnados a abrir os olhos – os olhos espirituais - para a luz libertadora, a Luz (Grande Foco) que está eternamente dentro e em torno de cada indivíduo, sem exceção alguma.

Para isso, no entanto, é imprescindível proceder-se regularmente à purificação do ambiente fluídico pesado que envolve os espíritos encarnados, obedecendo a disciplina superiormente instituída para a realização desse grandioso trabalho de generosidade e solidariedade para com a humanidade.

Andar na vida pelo caminho da espiritualidade

“No caminho da espiritualidade incentiva-se o avivamento da sensibilidade psíquica, para que aflorem os predicados da alma, latentes, e se manifestem as virtudes ocultas no indivíduo [virtudes essas pertencentes a I e de que são beneficiários potenciais os outros indivíduos]” (131).

“Andar pelo caminho da espiritualidade é, pois, obedecer às leis naturais estabelecidas [por I] para a evolução do espírito, é pôr em prática, em cada instante, aqueles atos que se impõem pela sua natureza purificante, moralizadora e construtiva” (118).

“O gênero humano, dotado de inteligência e raciocínio, diferindo, portanto, muito e muito dos animais que só agem pelo instinto, só se tornará verdadeiramente humano quando chegar a ser espiritualizado. Mas é bem difícil espiritualizar a criatura quando ela prefere rastejar a andar a pé” (212).

O entendimento espiritual da vida humana exige que o ser humano se veja a si próprio (e ao semelhante) *como um espírito distinto do corpo físico, mas temporariamente interligado com ele, para o exercício de atributos de I na Terra, um mundo-escola*, em acatamento às leis eternas que tudo regem.

O espiritualista dá o primeiro plano ao espírito (sede de governo da pessoa inteira) e coloca em segundo plano o corpo físico (dependência desse governo, em forma animal desagregável), embora sem negar a este o significado que tem, a sua grave importância, no processo terreno de evolução espiritual.

A evolução individual não tem regresso, o seu sentido é um e único: o desenvolvimento gradativo que se obtém, não é reversível. “O princípio de justiça funda-se nas leis evolutivas. Todos têm de enfrentar idênticas dificuldades e chegar ao triunfo pelo próprio esforço” (302).

“Só não se dá uma ingressão em massa no setor da espiritualidade, por falta de compreensão e esclarecimento. As van-

tagens são tantas, para os que as podem ver, que ninguém se deixaria ficar atrás, sonolentemente, como acontece, se as suas vistas não estivessem empanadas” (118).

Por me parecerem de grande significado, apresento aqui extractos do depoimento, datado de 13-11-2009, de um grande benfeitor da humanidade, o português Prof. Dr. Fernando Nobre (ver seu blog em sapo.pt):

“Poderá parecer estranho a muitos, e em particular a quem me julga conhecer, que eu me debruce, mesmo que sucinta e superficialmente, sobre um tema difícil, sensível, para alguns esotérico ou nebuloso até.

Eu, médico, especialista em cirurgia e em urologia, que participei em tantas missões humanitárias concretas, na tentativa quantas vezes infrutífera e inglória de salvar umas vidas. Eu, o homem com os pés bem enraizados no solo terreno, porque se assim não fosse não teria sobrevivido sem enlouquecer, de tanto ter convivido com o sofrimento alheio, e até com o meu, o que tenho eu a ver com a espiritualidade e até mesmo com a religiosidade?

Mas tudo! Nunca poderia ter feito o pouco que fiz se não tivesse os pés bem enterrados e simultaneamente a cabeça, nas “nuvens”! Foi porque permanentemente me interroguei sobre a minha própria essência e sobre a razão profunda de ser da minha efémera existência, que sempre levantei os olhos para os meus semelhantes e para o “céu” à procura de explicações e, porque não dizê-lo, de consolo.

.....

Membro de uma cadeia fraterna sem fim, vinda de nenhures e a caminho da sua total plenitude e harmonia, eu, poeira

[fig: roda-viva] infinitérrima, sou insubstituível, como todos vós, porque sou único e parcela dessa entidade que se convencionou apelar de Deus ou de outros milhares de nomes. Sem mim, sem vós, sem todos nós em união, esse Deus está incompleto e possivelmente ferido de morte.

.....

Para mim, é esse o sentido da Espiritualidade. Sem essa Força [Inteligência Universal] que move montanhas, continentes, planetas e galáxias, nada seria possível. Só ela permitirá que ultrapassemos os nossos mortíferos egoísmos, indiferença, intolerância e ganância que tantos genocídios têm praticado entre nós, fazendo-nos compreender o seu completo “não senso”.

.....

Acredito que a verdadeira e bem entendida Espiritualidade nos conduz inevitavelmente para o valor mais sublime: a Solidariedade activa para com o nosso irmão mais infeliz, último nome do Amor”.

Nota final

Termino esta primeira parte com algumas palavras do mestre Luiz de Mattos, extraídas do livro intitulado Pela Verdade:

“... pelo que dissemos com relação à Força e à Matéria, fácil se torna agora compreender não o Deus inventado pelas religiões, porque tal não existe, mas sim a Inteligência Universal (Grande Foco), tal qual é, e garantir, sem receio de contestação, que no Universo apenas existem Força e Matéria, e que **é na Força que se encontra a explicação dos porquês de todas as coisas**, e a ela se liga o ser pela irradiação de seus pensamentos elevados.

Fica assim destruída a falsa idéia de um Deus à imagem do homem, dos animais diversos e até dos astros, ou inteiramente materializado, como é apresentado por todas as seitas, inclusive a Católica Romana, cuja ignorância crassa sobre a existência da Força, em si é completa, e fácil se torna isso verificar pelo aparato das suas grotescas exibições e dos templos e figuras de santos neles existentes, como se fossem um mercado de coisas, onde cada freguês pudesse adquirir o que mais lhe agradasse à vista e ao paladar (...).

Fica, pois, assim definido o Grande Foco, a Inteligência Universal ou Força Criadora, o primeiro Princípio componente do Universo, a Alma Máter de tudo quanto existe e vida tem” (213).

Como a Inteligência Universal se faz sentir e ver – tanto quanto possível – neste mundo físico, o mestre no-lo disse na obra intitulada Vibrações da Inteligência Universal. Com efeito, se os corpos e fenómenos materiais, de qualquer categoria, não se fazem, não acontecem nem se sustentam sem vibrações, e se essas vibrações têm o seu início absoluto na Inteligência Universal, que é activa por essência, então, deduz-se sem contradição que essa Inteligência está presente, continuamente, em todos os corpos e fenómenos materiais, muito em especial na música (cf. 214), além dela já estar nos seus próprios indivíduos, em todas as galáxias e fora delas.

Por outro lado, onde há acção contínua, onde há emanção vibratória permanente, há, correlativamente, aplicação acertada ou errónea de leis naturais e imutáveis – as predeterminações a que tudo está sujeito.

2.^a Parte

LEIS NATURAIS E IMUTÁVEIS As predeterminações a que tudo está sujeito

“Toda a alma possui, inata, a consciência do bem, que permite com que as expressões da verdade se alojem, se acomodem em si, se casem com o sentimento situado no âmago do seu ser, que é realmente puro. Por isso, a verdade [ou, toda a concepção condizente com as leis naturais e imutáveis, e por elas sustentada] tem poder penetrante e convincente, e a sua influência se faz sentir com proveitosos resultados naqueles que desejam, sinceramente, absorvê-la” – Eng. Luiz de Souza (130)

Nota introdutória

A quem adere ao Racionalismo Cristão, o título mais cobiçado é simplesmente o de estudioso e praticante dessa filosofia espiritualista, em benefício próprio e do semelhante. O estudioso do Racionalismo Cristão sabe que a sua ignorância é imensa, mas esforça-se por cumprir o dever de superar, *piano, piano*, a principal ignorância - aquela que respeita à vida real, eterna.

Essa filosofia coloca-nos o maior de todos os problemas intelectuais, que consiste em fazer finca-pé na síntese Princípio Inteligente (I) e seu Campo associado de manifestação permanente (M) e, daí por diante, procurar ver, passo a passo, como é que todo o Universo (patente e oculto) realmente cabe nessa grande síntese.

Um Director e professor do Instituto Superior de Economia e Gestão, de Lisboa, que tive a oportunidade de frequentar, disse numa aula que nunca tinha conhecido nada complica-

do que não pudesse ser trocado por miúdos. Retruquei, “Sr. Professor, mas também não existe nada simples que não possa ser progressivamente complicado”, ao que ele respondeu, "Sim senhor, está certo!".

Exemplificando: qualquer um pode pegar na forma mais simples duma fracção (0/1, por exemplo) e complicá-la progressivamente, até aquela forma inicial se tornar irreconhecível, oculta, nas suas versões muito complicadas. Contudo, ela - a forma simples, irreduzível -, continua presente nas suas versões, das pouco às muitíssimo complicadas!

A ciência humana oficial continua à procura de uma chave simples, credível e pacífica, baseada no estudo do longo passado do Universo, capaz de abrir a porta para o conhecimento da origem e destino de tudo. Essa chave, para os estudiosos do Racionalismo Cristão, está sintetizada no conceito do binómio “I e M”, os dois únicos Princípios de que decorrem as outras coisas, sem excepção alguma, inclusive as leis que tudo regem.

“Os grandes avanços da ciência sempre ocorreram pela substituição de um conjunto de ideias por outro – a Cosmologia de Copérnico, a teoria da Evolução de Darwin, a teoria da Relatividade de Einstein. O pensamento científico é, neste ponto, nitidamente distinto de qualquer sistema dogmático de crença” (1501). O Racionalismo Cristão oferece aos cientistas uma visão espiritualista do Universo, que lhes permite planear novos experimentos no terreno da verdadeira ciência da alma, também designada por espiritualidade.

Os princípios, as coisas que deles decorrem, as coisas que resultam da sua aplicação reciprocamente coerente

O termo “princípio” designa: a) o **ponto de partida** - com negação de outras possibilidades - em que coincidem e de onde decorrem ou derivam outras coisas, ou, disjuntivamente, b) **uma forma definida e constante**, uma directriz, uma norma, um modelo ou padrão, uma estrutura formal - com negação de outras possibilidades - por que há-de reger-se o agente no amoldamento, modelação ou geração de outras coisas.

No primeiro caso, o princípio (ou ordem de princípios), constitui a base geral e fundamental, ou o traço de união de todas as diferentes coisas dele decorrentes no tempo e no espaço; no segundo caso, o princípio (ou ordem de princípios) é o termo primordial, a chave, a predeterminação estrutural duma relação constante de harmonia, de concordância, ou de sentido, na série de aplicações que dele sejam feitas no espaço e no tempo (determinações operacionais, exercícios de aplicação).

Note-se, por ser importante, que estas determinações operacionais são secundárias em relação ao seu correspondente antecedente lógico – a norma a cumprir, o modelo a reproduzir, ou a forma que deverá ser preenchida pelas respectivas determinações operacionais singulares.

Tomando uma certa porção de açúcar, Lavoisier investigou quais os princípios essenciais desse corpo (ou, os elementos fundamentais sem os quais ele não existe), e como eles se associam para reproduzir as variantes de moléculas de açúcar

“concretas”, isto é, consideradas como exemplos particulares do açúcar que existe de facto no espaço e no tempo.

Os sábios dizem que o Universo é uma “Unidade na variedade”: por princípio a Unidade, por fim a variedade sem quebra da Unidade que está presente em todas as partes integrantes da extensão dessa variedade. Com efeito, no Universo tudo o que tem contornos detectáveis é necessariamente uma decorrência de I e M, enquanto “unidades que se tocam nos seus extremos, que correm paralelas e que, na sua incomensurabilidade, abrangem o infinito e penetram e envolvem o Universo” (308).

Todas as forças operacionais - físicas e psíquicas -, sem excepção, têm uma origem estrutural comum: "o agente é sempre um - a Força Criadora - a apresentar-se de múltiplas maneiras" (303).

“Os objectos que existem a um dado nível formam apenas um mostruário limitado entre todos os possíveis oferecidos pelo nível inferior. (...) As sociedades humanas [por exemplo] estudadas por etnólogos e sociólogos representam apenas uma pequena parte do que é possível no que toca a interacções humanas” (1401).

“O universo [físico], além de ter o aspecto de uma máquina enorme, parece-nos também infinitamente complexo nas formas todas diferentes, ainda que muitas sejam as semelhanças. A norma [ou, o que é mais frequente e expectável] é que não existam dois objectos exactamente iguais, que pais e filhos se assemelhem apenas, que dois cristais de quartzo sejam um maior e outro mais pequeno. Esta variedade contribui não pouco para nos pôr de bom humor. Mas, **por baixo dela há**

uma simplicidade invisível que tem algo de extraordinário. Esta simplicidade é feita em parte de objectos e em parte de leis: poucos objectos, todos iguais entre si; poucas leis universais” (1402).

“Kepler, usando os dados de que dispunha, os que Tycho Brahe lhe deixara, observou que para todos os planetas do sistema solar era válida esta regra simplicíssima: que a relação entre o quadrado do período de revolução e o cubo do eixo maior é uma constante. Isto não depende do planeta em si: eis (...) uma constante, uma grandeza que é a mesma para objectos tão diversos como são os vários planetas” (1404). Kepler, portanto, perseverou no estudo dos dados disponíveis até que conseguiu formular o problema de um modo simples e aplicável acertadamente a uma grande variedade de exemplos particulares.

“(...) imaginar a existência ou as propriedades de objectos que estão ainda para lá do nosso conhecimento; explicar o visível complicado por meio do invisível simples, eis a forma de inteligência intuitiva à qual, graças a homens como Dalton e Boltzmann, devemos a atomística” (1402) – trecho de uma declaração de Jean Perrin, um dos mais formidáveis experimentadores no campo da física atômica.

A aludida simplicidade invisível, do nosso ponto de vista consiste, em última análise, no binómio I e M e nas LNI (leis naturais e imutáveis) que regem os diferentes campos e corpos de energia, os diferentes factos e fenómenos, os diferentes indivíduos e seus agrupamentos, tudo isso fazendo sentido, ou encaixando justamente, com o princípio da evolução obrigatória dos indivíduos, parcelas de I carregadas de atributos eternos do próprio I.

Tanto quanto posso entender e absorver, o Código Universal das LNI tem analogia com todos os códigos criados pelo ser humano, em diversos domínios da vida terrena.

Por exemplo: os códigos linguísticos são a base essencial, a fonte geral e fundamental de actos inteligíveis particulares, cada qual com a sua identidade própria, inconfundível: são os actos de discurso, que precisam ser reciprocamente coerentes com os seus códigos (diz-se que “têm sentido” se e só se forem “conformes ao seu código”).

De notar que a existência do código excede (transcende, ultrapassa) a existência efémera do discurso, e então os discursos jamais se confundem com o respectivo código subjacente. Portanto, os códigos, pelo menos na intenção, independem do tempo sucessivo, são estáveis e duradouros, são determinações estruturais.

Supondo que existem seres capacitados para usar um código linguístico contendo, virtualmente, todos os discursos possíveis de fazer, de que serviria esse código se aqueles seres se recusassem a aplicá-lo, actualizá-lo, ou exercê-lo em determinações efémeras de discurso? E, mesmo quando fazem discursos, o código é e continua a ser independente dos diversos usos que dele fazem os seus utentes, pois que ele é a sua estrutura-fonte. Entretanto, desses usos ficam efeitos que nunca se perdem no processo evolutivo, pois tudo o que se pensa, se diz ou se faz fica eternamente gravado ou impresso na matéria fluídica do Universo.

Os agrupamentos humanos não se reduzem a conjuntos absolutamente caóticos de pessoas. Com a evolução humana, surgiram sociedades juridicamente organizadas, cujos mem-

bros criam e impõem determinadas normas de coordenação do todo.

Essas normas são princípios concebidos para especificar os critérios condicionantes das condutas, cuja qualidade está sujeita a controle severo, com vista à obtenção das finalidades que a sociedade escolheu prosseguir: os seus últimos fins.

Trata-se de **princípios imperativos**, de **regras obrigatórias**, pois a aludida sociedade dispõe, normalmente, de meios eficazes para assegurar a sua própria disciplina, e à maior importância dos fins a atingir fará com certeza corresponder meios particularmente enérgicos.

Seja quem for que, por desconhecimento, por maus hábitos, por descuido, abandono e imprudência, ou por querer, se desajustar desses princípios, entra, como consequência, em **dissonância ou desarmonia com o poder socialmente estabelecido**, ou seja, incorre num **erro de conduta**, ou num incumprimento inaceitável da sua obrigação legal, contra o qual esse poder geralmente reagirá sancionatoriamente - desde que o erro fique confirmado como cometido - no sentido de dissuadir a sua repetição e multiplicação, no seio da sociedade.

É por analogia com os referidos princípios imperativos que falamos de **leis naturais e imutáveis** e de **erros e acertos de conduta**, relacionados agora ao Universo, na sua globalidade e evolução obrigatória.

Todos os acontecimentos na vida, sem excepção, traduzem a acção e efeito de um princípio gerador, ou ocasionador.

Dada uma base comum de ocorrência para dois acontecimentos A e não-A, pode acontecer nessa base que um acontecimento B ocorra regularmente depois de A, e não depois de não-A.

Quando isso se repete em todas as bases equiparáveis, diz-se então que A é o **princípio gerador ou ocasionador** de B, sendo este um **efeito, consequência ou resultado** decorrente necessariamente de A.

Exemplo: qualquer ser humano está sujeito a passar por sofrimentos (B) ocasionados quando ocorrem factos inevitáveis (A) da própria organização natural da vida terrena, que nada têm a ver com os seus maus procedimentos do passado ou do presente actual; a explosão (A) duma bomba, dependendo da sua potência, tem como consequência a destruição (B) de corpos atingidos, de resistência inferior à potência da bomba.

Certos efeitos (exemplo: o corpo humano, em relação ao espírito encarnado) aparentam uma continuidade e identidade simplesmente porque são sustentados por continuadas vibrações e impulsos emanados da sua fonte alimentadora (o espírito, no caso do ser humano).

"Só a necessidade da clareza de exposição, para a compreensão de fenómenos de ordem metafísica, já obriga a tratar do fato antes da pesquisa das causas e do seu mecanismo; além de que essa é a marcha da análise" (1004).

Na filosofia aristotélica, a semente é um ser concreto contendo a potencialidade e a necessidade de chegar a ser planta, desde que se reúnam as condições necessárias e suficientes

para o despertar dessa potencialidade e resposta a essa necessidade, determinando a sua entrada efectiva no processo que conduzirá à final realização, ou actualização, daquela potencialidade e, assim, à satisfação daquela necessidade.

A **planta decorrente da semente**, é a prova de que a potencialidade (inicial) chegou a acto (final). Diz-se, neste caso, que a semente continha um **princípio intrínseco a desenvolver**, e esse desenvolvimento foi realizado com sucesso.

Em particular, tudo aquilo que acolhemos e implantamos na nossa mente – como ideias, sentimentos, anseios, atitudes, etc. - converte-se numa semente daquilo que, provavelmente, virá a ser um acto, de acordo com a sua espécie, se não houver atempadamente uma decisiva mudança em contrário nessas condições mentais.

A potencialidade de tornar-se planta é um atributo comum das boas sementes, assim como a esfericidade é uma característica ideal comum de todas as bolas particulares que manifestam, grosseiramente, essa forma idealizada pelas mentes ou inteligências, independentemente do material de que as aludidas bolas sejam feitas:

“A partir de bolas vulgares, a inteligência humana foi aos poucos imaginando uma bola “ideal”, sem qualquer limitação material”. “Só lhe atribui propriedades que caracterizam a sua forma, eliminando as [propriedades] que caracterizam o material de que é feita, por exemplo a elasticidade, propriedade que pode ser comum a outros corpos de forma diferente. Cria, para a bola, outro nome que não evoca qualquer ideia de propriedades materiais: ‘esfera’” (1302).

A forma – a esfera - foi abstraída, isto é, foi liberta da prisão em que se encontrava nos diversos exemplos particulares, e pode ser agora usada para criar novos exemplos particulares. Mas também aquela abstracção significa que a inteligência descobriu uma unidade, nessa variedade de exemplos particulares.

Um **princípio orientador não imperativo**, apenas indicativo, equivale a uma sugestão de um sentido a seguir, ou não, pelo seu destinatário, ainda que esteja convicto da importância e desejabilidade da orientação recebida. No caso dos **grandes princípios morais**, eles representam importantes regras de conduta que existem no mundo desde tempos imemoriais.

Os mais antigos livros conhecidos (Instruções de Kegemmi, cerca de 4.000 a. C., e Instruções de Ptah-Hotep, cerca de 3.500 a. C.) trazem grandes lições de vida, que continuam válidas nos dias de hoje.

Caos, lei e ordem

Sem entrar em aprofundamentos teóricos, consideremos o estado relativamente desordenado dos materiais de construção duma casa, se observados, primeiro, antes do trabalho de construção e, segundo, depois da casa concluída. Nota-se que uma Inteligência introduziu nesse amontoado – ou caos relativo - de materiais uma orientação ou disposição apropriadas, uma ordenação, para o fim em vista - sem a qual não se obteria a casa pretendida.

No caso de M, podemos pressupor que ele começa por estar num caos absoluto, que I, com as suas LNI, converte em matéria ordenada e amoldada para trazer eficácia ao processo da evolução universal.

A palavra “**ordem**” tem várias acepções, vários sentidos de uso, vários significados. O uso pacífico de cada uma dessas acepções deve respeitar a sua consonância cognitiva dentro do contexto de compreensão, implícito ou explícito:

- 1) **Ordem**, pode designar um imperativo emanado de quem tem poder de mando ou tem autoridade (poder adstrito à função exercida) sobre outrem, e que vincula, ou obriga, esse alguém a cumprir, aplicar no espaço e no tempo (ou, actualizar) determinadas exigências, salvaguardando os seus pressupostos de aplicabilidade “com sentido”.

Com esta acepção diz-se, por exemplo, que “ordem dada é para ser cumprida”, isto é, actualizada, realizada, determinada operacionalmente de maneira satisfatória, para que o seu aplicador mereça o correspondente resgate, ou desobrigação. É o caso da ordem assegurada por instituições com poderes para proteger o bom funcionamento da vida colectiva, da vida activa ou da actividade individual independente. Neste sentido a lei é uma ordem imperativa proveniente duma autoridade legislativa, e imperativa porque ela, lei, contém a exigência de determinadas condutas.

- 2) **Ordem**, pode designar um conjunto integrado e coerente (conjunto ordenado), isto é, um conjunto de seres ou coisas criteriosamente diferenciados ou hierarquizados em posições, classes ou categorias; ou, as posições, classes ou categorias destinadas aos seres ou coisas nesse conjunto resultante da negação do caos.
- 3) **Ordem**, pode designar uma disposição uniforme de coisas no espaço, ou o seu desenvolvimento uniforme no tempo,

que satisfaz a razão e a lógica, com vista à obtenção dum fim - contrariamente ao “caos” de coisas ou seres simplesmente amontoados na proximidade uns dos outros. Ordem implica, necessariamente, reconhecer a Inteligência que a concebeu e implementou.

Razão designa, neste contexto, a luz integrativa dos aparelhos do entendimento, que nos permite inspeccionar o que existirá para além da experiência sensorial; a **Lógica** é o atributo que permite ao espírito verificar a verdade ou a falsidade das suas conclusões em relação aos princípios-premissas, a fim de ter coerência (consonância cognitiva) em suas atitudes, congruência (conveniência mútua) na condensação das ideias, e ordenação (acção ou efeito de introduzir uma certa disposição e orientação) nos pensamentos.

Nessas bases, partindo de um ou mais princípios-premissas, fazem-se e seriam-se logicamente inferências e tiram-se conclusões válidas, isto é, juízos culminantes que serão geralmente aprováveis se e só se foram respeitados rigorosamente os princípios racionais, ou as condições essenciais do pensamento lógico. Sem o pensamento lógico, também não haveria métodos, ou processos especiais de bem dispor entre si sequências de diversos pensamentos, com o fim de descobrir a verdade ou de provar aos outros a sua descoberta.

É evidente, também, que o aparecimento futuro e seguro duma consequência desejada, depende do cumprimento rigoroso duma determinada ordem de coisas, congregando uma soma de energias, estável e suficiente para levar ao aparecimento final dessa consequência desejada, ainda

que tenham de ser feitas uma ou várias tentativas aparentemente falhadas. “No plano de acção [humana], nunca nada caminha exactamente como previsto. Há desatenções, erros, insuficiências, negligências” (1203).

“A palavra ordem não deve aqui ser entendida apenas no sentido de desenvolvimento no tempo: **um fenómeno não pode produzir-se depois de um outro que necessariamente deve precedê-lo** [devido, por exemplo, aos meios adequados que é prioritário obter ou formar, antes de avançar para metas superiores]; neste caso, não poderemos também afirmar que aquele [fenómeno] é “causa” deste, tal como não poderemos dizer que o girino é “causa” da rã [visto que ao caso se aplica não o princípio lógico de causalidade, mas sim a ordem de desenvolvimento gradativo em bases seguras, ou ordem de evolução] ” (1204).

- 4) **Ordem**, pode designar a regularidade ou estabilidade de um grupo em que se presta acatamento incondicional às determinações da força coerciva que predomina nesse grupo. Exp: fazer reinar a ordem, impondo o respeito geral à força da lei; meter alguém na ordem; ordem!, lembra-se a alguém que quebrou a ordem que ele está obrigado a preservar.
- 5) **Ordem**, pode designar um estado de equilíbrio, um arranjo harmónico, uma coerência recíproca, ou uma conjunção e consonância efectiva dos diferentes elementos do mesmo todo.
- 6) **Ordem, referida aos corpos orgânicos**, designa o estado extremamente bem organizado da matéria nos compostos

orgânicos, carregados de energias, de que se alimentam os animais superiores. Neste sentido, diz-se que esses animais roubam “ordem” ao ambiente: carne, fruta, verdura, massa, peixe, tudo coisas muito “ordenadas” que os vivos destroem, diz Carlo Bernardini.

Nota: - As restantes acepções da palavra ordem não são relevantes para o tema em estudo.

“A palavra ‘lei’ foi popular nos séculos XVIII e XIX e numerosas teorias elaboradas naquela época foram conhecidas como ‘leis naturais’ (e. g., lei de Boyle, a lei da gravitação, as leis da evolução). A palavra tem analogia com leis humanas, promulgadas pelos governos e talvez apresente, também, uma implicação de permanência e de verdade eterna” (1502).

De facto, as leis humanas - com todas as suas faltas e falhas - põem uma ordem relativa nas sociedades humanas. No Universo existe uma Ordem Perfeita, aliás reconhecida por todos os cientistas amantes da verdade e sinceros consigo mesmos e com os seus semelhantes. “A disciplina estabelece a ordem, e esta sustenta o progresso” (115). As LNI traçam disciplinas – ou, orientações correctas, seguras e apropriadas a que devem submeter-se os seres – as quais presidem, desde logo, a todas as actividades do Princípio Inteligente, e, bem assim, as actividades dos indivíduos que ele fez entrar (e continua a fazer entrar) em evolução.

“Frequentemente o homem *faz*, antes de *conhecer as leis* susceptíveis de explicar correctamente os resultados obtidos, e a circunstância de atribuir essas realizações a alguma divindade não implica que as suas realizações eram míticas. Os altos-fornos funcionavam muito antes do nascimento da

química industrial, ...” (801). Se isso é verdade para o homem, todavia, o mesmo não se pode dizer de I, que é o detentor da Ciência Total e domina a Técnica Total, desde sempre, eternamente.

As LNI são de complicadíssima sabedoria, para o homem físico, que, por isso, o perturbam e assustam, leis essas que encerram todos os segredos, todos os conceitos verdadeiros, e esclarecem todos os fenómenos (cf 202).

Convenhamos que o assunto é delicado e muito complexo nos seus detalhes. Mesmo assim, vale a pena exercer o poder da inteligência e do raciocínio para espiar, ou espreitar, o que está na origem dessa tão importante questão. Sem pretensão de já dominar o assunto, ninguém por certo me negará o direito de dizer o que penso, como opinião, acerca das leis naturais e imutáveis, contando desde agora com opiniões divergentes, dignas da maior consideração e respeito.

Uma opinião particular é, simplesmente, uma interpretação limitada, ou mesmo errónea, da realidade. A minha opinião não existe geralmente sem uma opinião divergente e, quiçá, mais valiosa que a minha. Quem tem opinião estruturada tem pensamentos firmes em matéria de problemas políticos, morais, religiosos ou filosóficos.

I, através das LNI, impôs ordem a M, às relações dos indivíduos ou grupos, e às contínuas vibrações (ondas e formas) que cruzam o espaço em todas as direcções. Essas leis não foram criadas e impostas pelos indivíduos, nem pela matéria, nem pelas vibrações.

Na vida espiritual, “todos, até a Força Criadora, estão subordinados [ou, vinculados], voluntariamente, às leis naturais e imutáveis” (115).

Essas leis são como que decisões tomadas e represadas *a priori*, são predeterminações armazenadas, acerca de cada categoria de coisas, factos ou fenómenos. Não foram criadas a esmo, à toa, sem uma finalidade superior a presidi-las, e a energia infinita de I é inseparável delas na promoção permanente e disciplinada do funcionamento racional e equilibrado do Universo. Lembram as acções programadas de que fala Alvin Toffler (2201).

Por isso, desde quando o Universo é Universo, está predeterminado por que meios adequados ou em que condições apropriadas é que as coisas, os factos, os fenómenos, deveriam acontecer uns depois de outros, por todo o sempre, no imenso Universo.

As situações - quer dizer, o conjunto das condições actuais da existência de um ser ou colectividade, incluindo a maneira individual ou colectiva como os seres interiorizam e sentem essas mesmas condições existenciais - elas (as situações) são, na verdade, actualizações das LNI, são o resultado de determinações operacionais correspondentes, enquanto que essas leis preexistem, regem e excedem (sobrepõem, ultrapassam) todos os seus desdobramentos operacionais.

Entretanto, toda a situação criada pode ser mudada, para melhor ou para pior, em mais ou menos tempo, desde que as forças competentes queiram empenhar-se, tenazmente, nesse sentido!

A acção organizada e disciplinada de I inclui modelos mentais definidos, perfeitos e constantes, de produção de corpos e fenómenos. Tais modelos ideais são traduzidos em matrizes fluídicas, pelas quais começa o processo de criação da matéria densa. Um exemplo é o caso da criação dos planetas, a Terra inclusive: “O processo de sua criação deve ter sido o mesmo, que o dos outros todos” (1002).

A disciplina estabelece, actualiza ou realiza a ordem idealizada e predeterminada por forma a conduzir os seres ao progresso, e, por isso, é ela que, por via dessa ordem implementada, sustenta o progresso, diz-nos o Eng. Luiz de Souza, no livro *A Felicidade Existe*.

Havendo uma ordem bem concebida e disciplina na sua execução (ou, adesão permanente e ampla submissão àquela ordem idealizada), haverá tranquilidade e paz num determinado grupo social. “Em todo o Universo, a ordem e a disciplina são fatores fundamentais, na promoção do progresso” (132).

“A organização regulamenta e define os processos, isto é, as séries de operações ou de actos que devem conduzir à realização duma actividade complexa” [dados os meios ou recursos adequados, as condições apropriadas] (1202).

"A organização é, por si mesma, um fenómeno racional. Nasce da reflexão que o agente faz da sua própria acção [acção com finalidade, para lhe inculcar eficácia]" (1207). As determinações apropriadas e consistentes que, num dado momento, se tomam para organizar uma actividade, projectam-se num espaço maior ou num futuro longínquo. E assim aconteceu, sem dúvida, na organização do Universo, cujo Agente Organizador Original é o próprio I, o criador das LNI.

"A vida humana está de tal maneira organizada que os acontecimentos ocorrem em época própria, assim considerada quando não são contrariadas [ou, não são cometidos erros contra] as leis naturais no decorrer da existência" (306).

Porque a I não falta o conhecimento de si mesmo e das suas próprias leis, e porque ele dá continuamente o exemplo maior de obediência aos preceitos subsumidos nessas leis, os astros fazem os seus movimentos com absoluta pontualidade.

As primeiras e eternas determinações de I, são:

a) *Naturais*, por decorrerem de uma sequência lógica no processo evolutivo, onde, aliás, essas leis podem ser descobertas (logo, “sabidas”) e depois enunciadas, ou formuladas, pondo em destaque a sua interpretação mais consistente com os desígnios superiores a que elas servem.

“O princípio de que todas as coisas se realizam de acordo com uma ordem determinada [ou, numa sequência lógica], é sem dúvida devido a uma lei (...) universal” (1204).

As LNI foram idealizadas, pelo próprio I, o Agente determinador e organizador da evolução universal, para assegurarem e presidirem o processamento lógico da evolução dos indivíduos.

“O Direito se compõe dum conjunto de normas de tipo diverso, entre as quais se destacam, pela sua importância, as que podem ajustar-se ao modelo duma ordem ou proibição garantida por ameaças, e as que concedem faculdades, poderes e direitos subjectivos, e facilitam meios para alcançar fins práticos desejados pelos particulares” (2801).

“O direito [ou, Direito] é, incontestavelmente, organização” (1205) e, esta, intenta evitar tudo o que seja nocivo ou indesejável para os fins superiores em vista. Assim sendo, a imposição de uma sequência lógica ao processo evolutivo é reciprocamente coerente com a determinação, tomada pelo mesmo Poder Total, de pôr os indivíduos e o Universo em interminável evolução (ver na segunda parte a lei da evolução).

“Na vida [dentro do mundo físico] tudo tem a sua explicação racional e científica, não há nela mistérios. Há, sim, coisas ainda inexplicáveis quando se passe à vida transcendental” (309).

Também, milagres, só acontecem na imaginação humana. Na verdade, “para a realização de um fato, de um fenómeno, de qualquer coisa, enfim, são precisas condições apropriadas, faz necessário um meio adequado” (1006), e, então, uma vez reunidas as condições apropriadas ou disponibilizado o meio adequado, tudo o que acontecer dentro deste quadro referencial, determinando secundariamente a passagem obrigatória de uma situação inicial a uma situação final, diz-se que “é um facto natural” nesse quadro referencial (contexto ou situação).

Por outras palavras, tratar-se-á de um facto decorrente necessariamente da maneira como o Universo foi organizado, por I. Atenção: as LNI traduzem-se mais cedo ou mais tarde, mas infalivelmente, em determinações operacionais, de que resultam os corpos e os fenómenos do Universo.

- b) Imutáveis**, por serem absolutas, amplas, livres de qualquer dependência ou sujeição. Nesse sentido, não há lugar

para o imprevisto, para o acaso ou a dúvida, tudo está encadeado e tem sua razão de ser, se levarmos em conta que tudo se ressent de origens, e nessa origem está um Princípio I (Luz) que tudo sabe e tudo pode, tanto sobre si mesmo como sobre M. Por isso, nada que aconteça no Universo em marcha será razão suficiente para a alteração dessas leis.

"Na grandiosa obra da Inteligência Universal tudo se encadeia num sentido harmonioso [sentido da Ordem Universal]. Nas sábias leis que *conduzem* à perfeição e *produzem* desde o insignificante grão de areia, o pequenino insecto, o microscópico átomo, aos grandes astros dispersos no infinito, constituindo o Universo, tudo toma o estado preciso [ou, adaptado] ao meio e às correntes fluídicas, para o estabelecimento de uma vida em harmonia com as irrevogáveis leis da natureza" (310).

As necessidades naturais e os raios fluídicos universais

Os seres vivos conhecem, por experiência própria e natural (inata, incondicionada), estados interiores pressurosos, imperativos, mais ou menos afrontosos, que os empurram para determinados comportamentos, em busca de algo que possa remediar esses estados, no sentido do equilíbrio, apaziguamento e satisfação da sua força interior. Tais estados, como definidos, constituem as necessidades naturais dos seres vivos.

Por isso que as necessidades naturais traduzem o império das LNI, ninguém pode fugir definitivamente à satisfação dessas necessidades, que não se confundem com as necessidades não naturais, ou adquiridas (ver, adiante, a lei do hábito).

“A satisfação das necessidades [quer naturais, quer adquiridas] é o que virtualmente motiva [desencadeia, faz espoletar] qualquer tipo de comportamento humano” (1901).

Dada uma necessidade a satisfazer, ocorrem problemas quando não está disponível o objecto satisfatório pretendido, quando surge a dúvida se ele existe ou não, ou quando se sabe que ele existe simultaneamente com um obstáculo que dificulta ou impede o seu alcance.

Uma necessidade qualquer, enquanto não é satisfeita, expressa-se na forma de sofrimento, isto é, de um transtorno ou contratempo emocional que traduz a dor sentida, a experiência (física ou moral) de agravo, como nos faz ver o Dr. A. Pinheiro Guedes, no livro *Ciência Espírita*, cap. *Origem da Medicina*.

“A causa do sono, a única real, verdadeira, aquela que o determina e impõe, é a necessidade da suspensão da atividade psíquica, a supressão das funções de relação: a paralisação temporária da vida animal” (1007). “O repouso é sempre necessário, para a recuperação da vida anímica perdida pelos seres humanos durante a atividade material” (906).

No estudo da organização muscular e glandular dos animais inferiores e dos seres humanos, observa-se que os músculos são contraídos e as glândulas são feitas secretar em resposta a estímulos determinados, como programado nas LNI. Neste contexto, “O conjunto dos processos de resposta é chamado **reflexo**, e os animais de todas as espécies apresentam grande número de **reflexos congénitos**. Alguns desses reflexos são comuns e simples, como a contracção da pupila diante de uma luz intensa e sua dilatação em ambientes mais sombrios.

Reflexos simples estão presentes em todas as atividades animais, como o respirar, o comer e o conservar determinada posição. Nos organismos animais de menor desenvolvimento, podem também observar-se seqüências de comportamento, compreendendo uma série de reflexos simples ou algum outro padrão coordenado de atividade muscular” (1503). Esses reflexos representam o cumprimento inconsciente e automático, incondicionado e indeliberado, das LNI.

Os indivíduos vivem continuamente sob pressão dos fenômenos impressionantes do mundo externo, conjuntamente com os apelos insilenciáveis do seu mundo interno, e isso cria nelas a necessidade de adquirir recursos, de conquistar meios, de alcançar postos, e é assim que a alma humana “aperfeiçoa-se e progride, perlustrando a escala dos seres humanos, que se diferenciam, formando classes distintas, pelo caráter, pelo saber e pela moral” (1008).

Assim como “o pensamento criador está envolvido pela força de vontade, e saturado dela” (133), assim também I envolveu e saturou as LNI da sua energia, manifestada nos raios fluídicos, sonoros e harmônicos, inseparáveis dos seres ou coisas do Universo, raios esses que asseguram a aplicação e o cumprimento obrigatório dessas leis, tal como pressuposto nelas mesmas.

I, esse Luminoso Poder Absoluto, "se faz sentir em todos os corpos e em toda a parte, neste e nos outros planetas, pelos raios fluídicos que envolvem o Universo, agindo sobre as plantas e seres dos reinos da natureza, os quais muitos não vêem nem conhecem, mas cujos efeitos sentem nos seus corpos físico, astral e mental, em todo o seu 'eu'. De acordo com

esses raios sonoros e harmónicos, que são naturais e imutáveis, é que todos os seres vibram, pensam e vivem moral e materialmente" (215).

A verdadeira liberdade do espírito

I criou as leis Soberanas e Universais e, simultaneamente, renunciou à sua liberdade original constituinte, para se submeter às leis por ele próprio criadas. Daí em diante, a liberdade que realmente interessa ter em conta é a liberdade de escolher cumprir, ou aplicar acertadamente, essas leis, impedindo-se voluntariamente de as contrariar.

Isto, aplicado a I, quer dizer que ele é a Fonte suprema e infalível do Bem pensar e Bem agir, isto é, ele é o exemplo máximo do pensar e agir em permanente e total conformidade com as leis naturais e imutáveis. De I só podemos esperar o Bem Geral, nunca o mal, independentemente das aparências em contrário.

“Aquele que obedece aos seus próprios ditames continua, afinal, sendo livre” (Prof. Dr. Dias Marques, reportando-se a Rousseau). Ou seja, I era e é Livre, os seus ditames são soberanos, perfeitos e inelutáveis, e, portanto, os indivíduos estão obrigados a cumpri-los desde o instante da sua partida para a evolução.

“No seu superior sentido, consistirá a liberdade, não em ignorar as leis, mas em saber servir-se delas. A vontade será uma função tanto mais económica (no seu esforço) e tanto mais fácil (no seu exercício), quanto melhor esclarecida estiver [pela luz da razão] sobre a íntima (e oculta) correlação dos fenómenos” (1801).

As LNI devem ser aplicadas de modo a favorecer a obtenção do fim superior e edificante da vida, e jamais de modo a estorvar essa consecução!

Dizia o monge Savonarola: “A verdadeira liberdade [para sermos felizes], única que merece tal nome, é o propósito de vivermos para o bem. Que classe de liberdade seria a que nos trouxesse sujeitos à tirania das paixões? Desejais libertarvos de toda a dependência? Amai o vosso próximo, amai-vos uns aos outros, amai a felicidade e o bem universal. Quando alcançardes esse amor e essa união, então tereis atingido a verdadeira liberdade” (311).

“À medida que o ser passa, de grau em grau, a subir a [ou, a altear-se na] escala da evolução, vai se submetendo aos princípios da moral, deixando de fazer o que não convém, para seguir a voz da consciência, cada vez mais nítida e imperativa. – O cerceio da liberdade é um bem, sempre que usado no sentido de conter o mal. E por mal [neste contexto] se compreende tudo aquilo que contraria as boas normas de viver, pautadas pelas leis Supremas e Universais” (126), assim como o seu oposto - o bem - é tudo o que traduz na prática uma boa norma de viver pautada nessas mesmas leis.

“As grandes descobertas científicas dos últimos cem anos são meros brinquedos comparadas com as forças titânicas que serão libertadas quando o homem se dedicar a compreender e dominar a sua própria natureza. Não pode deixar de haver conflito no mundo enquanto não deixar de o haver no homem” (1702).

“A dignidade do indivíduo deve nascer do esforço por ele feito para se arrancar ao jugo da carne e obedecer às vozes

interiores” (1303). Aquele que obedece às ordens das LNI aplicáveis à sua natureza espiritual, esse é, na verdade, um ser livre, autônomo, um ser que sabe escolher o bem e só o bem, para si e para os outros, em harmonia com essas leis eternas que conduzem obrigatoriamente à perfeição e felicidade os seres espirituais.

“Webster adverte: - ‘Não é livre o homem que não se governa a si mesmo; a liberdade existe na proporção do autodomínio equilibrado” (1703). “Nos mundos de escolaridade como a Terra, as emoções fazem parte da vida cotidiana. Essas emoções são experimentadas, indistintamente, por todos os habitantes. Quando o espírito se torna superior às sensações da pobreza e da fortuna, que completam o quadro das referidas emoções, aí, sim, o sentido da vida espiritual começa a despertar” (302).

Outro aspecto importante da liberdade que dá ao espírito o esclarecimento espiritual relaciona-se com a lei de causa e efeito, ao levar-nos a enfrentar serenamente todas as consequências legais dos nossos maus comportamentos do passado, assim como nos leva a planejar e a travar uma luta tenaz em favor de um futuro melhor. Portanto, nem medo das consequências do passado reprovável, nem medo dos obstáculos a vencer, na luta pela realização dos nossos ideais construtivos elevados.

“Os estudiosos do Racionalismo Cristão aprendem a confiar em si mesmos, na sua capacidade espiritual e no poder da vontade para lutar e vencer. Não são, por isso, adoradores, nem pedinchões, nem lamuriosos” (312). Foram libertados pelo conhecimento da vida real - a vida de I e seus indivíduos (com ou sem forma animal transitória) -, e das LNI, e tam-

bém pelo uso habitual desse conhecimento em benefício próprio e do semelhante. Assim é a sabedoria racionalista cristã.

Investigando cientificamente as LNI

A humanidade fez e continua a fazer dolorosos esforços para descobrir as LNI. Para isso, as pessoas minimamente qualificadas e apetrechadas para fazer essas descobertas – os cientistas – buscam “o conhecimento das coisas, dos fatos e dos fenômenos em si mesmos, em sua natureza e nas relações entre si e com tudo o que os cerca: o meio, o ambiente. – Esse conhecimento só se obtém pelo estudo metódico, observação atenta e análise minuciosa” (1007).

“O primeiro ponto de importância, no procedimento científico, é o de observar todas as coisas ou acontecimentos que estejam sendo estudados. O segundo é o de reflectir acerca das observações feitas, constatando o que parece estar em dependência mútua e o que parece não estar. Realizam-se, em seguida, novas observações, algumas vezes em condições semelhantes às anteriores, mas preferivelmente escolhendo uma situação em que aquelas condições possam ser reguladas com precisão e em que possam ser levados a efeito experimentos planejados”, todavia, “o planejamento de experimentos precisa ser feito em condições tais que o resultado seja logicamente informativo, e não desorientador” (1501).

Um dos pressupostos subjacentes da ciência é o de que, “dadas as mesmas condições [mesma situação à partida], os mesmos acontecimentos ocorrerão [como resultado ou produto final]”. Essas “mesmas condições” controladas de observação, constituem os experimentos, os quais precisam ser descritos com o máximo de rigor e totalmente abertos à prova de qualquer outro cientista controlador.

Quando os cientistas estudam os acontecimentos que eles próprios delimitaram e elegeram como objecto da sua rigorosa investigação, não se preocupam com a reprodutibilidade de um acontecimento isolado, pois sabem que todo o acontecimento consumado é único, no tempo e no espaço.

Em ciência, procura-se reconhecer, nas coisas ou acontecimentos verificados dentro de *bases equiparáveis*, se a sua ocorrência será ou não o resultado da aplicação de algum princípio natural e imutável (ou, presumido como tal), que ofereça garantias para efeito de predição do que possa vir a surgir, já sem carácter de novidade, no espaço e no tempo.

As LNI estão registadas indelevelmente, e assim documentadas, no foro íntimo de cada indivíduo, em cada partícula de matéria fluídica, em cada onda de energia, e são aplicadas continuamente, quer por I quer pelos indivíduos. Dito por outras palavras: tudo esconde em si informações naturais e imutáveis, ou conhecimentos verdadeiros e úteis, que explicam tudo acerca do que se passa em toda a parte, em qualquer tempo. Aos cientistas cabe tirar cá para fora tais conhecimentos, convertendo-os em valores adquiridos, em verdadeiros tesouros de grave importância e desejabilidade na vida de todos nós.

I, a Realidade viva, inteligente e eterna, fala a Verdade para todo aquele que, dentro das suas limitações, quiser esforçar-se por ouvir, entender e compreender parcelas dessa Verdade, encaixando-as umas nas outras segundo a lógica da essência das coisas, numa série interminável.

“Os cientistas realizam descobertas de várias maneiras, conforme a matéria que estudam (quer dizer, o objecto ou questão de que tratam), os meios de que dispõem e seus traços

especiais”, mas, “uma estrutura formal qualquer [ou, uma ordem de princípios norteadores das ações e movimentos ulteriores] está por trás do que é feito, dito ou escrito [relativamente às suas pesquisas da verdade]” (1504). No entanto, sabe-se que “a pesquisa mais frutífera, tal como a comunicação mais eficaz ou a poesia mais tocante é, com frequência, não-metódica; e, aparentemente, chega a violar tantas regras quantas observa” (1504).

Além do método, a descoberta das LNI exige o recurso a processos e meios de trabalho adequados a cada domínio particular de investigação:

Por exemplo: "Achado o instrumento [ou, o meio prestável e adequado de que alguém se vale para fazer uma coisa especificada], estudado em suas aptidões, começaram os fatos a ser observados, a princípio os espontâneos, mais tarde os provocados, no intuito de reconhecer a natureza da causa provocadora de tais fenómenos [os estudados pela ciência espírita, ou espiritualidade]" (Dr. A. Pinheiro Guedes). "Experimentos planejados são mais convenientes do que acontecimentos que acontecem [ou, ocorrem] espontaneamente, pois se torna mais fácil perceber conexões - causais neste último caso" (1501).

"A partir do que já é conhecido, dos fatos conhecidos, formamos um modelo [explicativo] que traduz a nossa ideia de como se organiza a natureza [ou, expressão organizada da Força Criadora], ou seja, as suas leis.

Em seguida verificamos se o **modelo proposto** funciona de acordo com a própria natureza, não só com os fenómenos dos quais conhecemos de antemão os fatos [ou, exemplos

particulares], mas também com fenómenos cuja natureza factual desconhecemos" [quer dizer, com novos factos que possam coadunar-se ou não com o modelo proposto].

“A nossa mente (...) associa os factos, procura uma ordem e uma relação entre eles [ou seja, procura uma consistência cognitiva reconhecível que desmascare o caos aparente dos vários factos registados]: organiza os factos de modo a tornar visíveis as leis internas que os regem, dispondo-os em redes coerentes.

A ciência é, portanto, uma organização de conhecimentos [cabendo à natureza, através de novos factos, dizer se está a favor ou contra o quadro racional explicativo, ou modelo teórico, proposto pelo cientista]”(2601).

Ideias são, de modo geral, imagens ou quadros mentais logicamente significativos para uma inteligência espiritual, quadros esses que se prendem com situações vivenciadas, pois, sem essa ligação é pouco provável que as ideias sejam bem compreendidas. As ideias que passam e repassam na nossa mente podem ser ideias próprias ou ideias obtidas por via da percepção sensorial intuitiva.

No livro “O Homem, esse Desconhecido”, do Dr. Alexis Carrel, prémio Nobel de Medicina, lê-se o seguinte:

“A observação dos objectos é apenas uma forma inferior da ciência, a forma descritiva. A ciência descritiva classifica os fenómenos. Mas as relações constantes entre as qualidades variáveis, isto é, as leis naturais [reveladas por essas relações constantes, ou independentes dos factos transitórios] só aparecem quando a ciência se torna abstracta” (cap. primeiro)

“Das coisas que se encontram no mundo material [ou, universo físico], sejam elas átomos ou estrelas, rochedos ou nuvens, aço ou água, foi possível abstrair certas qualidades, tais como o peso e as dimensões espaciais. Estas abstracções, e não os factos concretos, é que são a matéria do [ou, o assunto de que se ocupa o] raciocínio científico” (cap. primeiro)

“A cirurgia moderna nasceu do conhecimento dos ‘processus’ de reparação [traduzindo o funcionamento das LNI]. Se as funções de adaptação não existissem [na Natureza], o cirurgião seria incapaz de tratar uma ferida. O cirurgião não age sobre os mecanismos da cura: limita-se a guiá-los (...). As suturas mais exactas não bastariam para fechar estas feridas, se o organismo não soubesse [ou, não estivesse programado para] reparar-se a si próprio. A cirurgia moderna baseia-se na existência deste fenómeno, e aprendeu a utilizá-lo” (cap. sexto).

As LNI *não são* modelos ou esquemas mentais induzidos, pelos cientistas humanos, das populações de fatos por eles rigorosamente observados e objectivamente documentados: as propostas desses cientistas, para a interpretação e formulação da realidade, não são necessariamente inderrocáveis. "O que pode acontecer é que (...) por estarem errados esses esquemas, não lhes correspondam em absoluto os fenómenos que com eles se pretende interpretar. Neste caso, adoptar-se-ão novos esquemas (...) que permitam apreender com mais exactidão a realidade considerada" (1104).

“Dado que a maioria das noções científicas reclamaram, mais cedo ou mais tarde, revisão, talvez seja preferível empregar os modestos vocábulos ‘teoria’ ou ‘hipótese’, nos quais está presente o carácter de limitação” (1502).

Exemplos familiares de teorias dos cientistas, são: (1) a modalidade constante segundo a qual se dão as desintegrações dos átomos radiactivos e (2) a relação constante entre o peso e o volume do mesmo material. “Os dados apresentam-se sempre como um conjunto confuso. Há que separar os seus elementos, caminhando assim do complexo para o simples” (G. Bousquié).

Exemplo de um “dado”, aquilo que foi observado e enunciado exactamente como exemplo particular, ou caso concreto, é o facto de, ao nível do mar, a água ferver (efeito, consequência) quando recebe, a par do mercúrio dum termómetro, 100° C de força calórica (princípio ocasionador, ou causa) - a força que incita e expande a matéria, em aplicação da LNI da expansibilidade da matéria, sem excepção. O mercúrio, entretanto, nas mesmas condições só ferve a 357° C. Note-se: as LNI não são “dados”, sendo antes os princípios imperativos eternos e irrevogáveis, que as forças (no sentido quer estrutural ou operacional) e as matérias aplicam, ou exercem, para o bem ou para o mal do processo evolutivo universal.

O propósito final da ciência é a descoberta duma consistência cognitiva entre as hipóteses postas à prova [ou, possíveis imagens explicativas duma realidade] e a população dos factos observados em condições envolventes controladas, utilizando meios adequados, imparciais e credíveis - logo, tidos como insusceptíveis de distorcer ou influenciar a conclusão a tirar dos factos rigorosamente seleccionados para estudo, excluindo todos os outros -, factos esses também relatados minuciosamente, segundo convenções criadas pela comunidade científica.

Os factos, expõem-se à observação de qualquer cientista, especialista na observação exacta daquilo que parece aconte-

cer e repetir-se, e sua descrição de modo reconhecível por qualquer cientista da mesma especialidade, mas “o trabalho [de experimentação científica] se processa por alternância entre o desenvolvimento de hipóteses e a coleta de resultados, à vista dos quais as hipóteses podem ser testadas” (1505).

Uma das grandes responsabilidades do cientista experimental é que ele não está autorizado, pelos seus pares, a enganar-se nas suas observações e medições dos factos, quer dizer, dos exemplos particulares criados pelas forças no espaço e no tempo.

O termo “lei” utilizado pelos cientistas experimentais não passa de uma síntese (em fórmula) de um grande número de “dados” tirados da observação e comparação das coisas e acontecimentos relacionados, dados esses que acabam sendo tratados e expressos na aludida síntese em fórmula.

“A tarefa suprema do físico é chegar a [formular] leis (...) [sínteses em fórmulas], a partir das quais se possa construir um ‘cosmos probabilístico’, por pura dedução” (2602). As leis (melhor, teorias dos cientistas) que se chegam a enunciar devem *dizer justamente como as coisas mudam, com continuidade (sem mistérios e sem passes de mágica), entre dois instantes consecutivos*. É a questão do mecanismo de passagem contínua e completa de uma situação inicial a uma situação final progressivamente decorrente daquela.

“As fórmulas são frases resumidas, sintéticas, que muitas vezes se podem dizer também utilizando a linguagem de todos os dias” (1403). As LNI, visto que existem em si mesmas, são independentes de quaisquer fórmulas que forem elaboradas para exprimi-las, ou traduzi-las, cognitivamente. O cientista não cria qualquer LNI: somente lhe é permitido lutar tenazmente por descobri-las, passo a passo.

O cientista, como o poeta, o pintor, o filósofo especulativo e outros intérpretes potenciais, procuram observar e analisar a realidade e exprimir, através de uma *imagem explicativa simples*, as fortes e indeléveis impressões que essa realidade observada cunhou na sua sensibilidade, na sua inteligência e no seu subconsciente (corpo fluídico).

Na gíria científica, é comum citar-se o princípio da "navalha de Occam", ou do corte do supérfluo, segundo o qual a perfeição, em enunciados científicos, só se alcança quando e só quando já não há mais nada que suprimir ou retocar.

Era esta a opinião de Einstein a respeito da natureza da ciência, acrescentando que essas imagens explicativas simples, induzidas pelo espírito, e para o espírito, dão aos seus autores “a paz e a segurança que não podem encontrar no mundo demasiado estreito da turbulenta experiência pessoal” (2602).

Perante uma mesma realidade observada, cada artista ideifica-a, ou faz dela a sua versão inigualável, a sua interpretação ou tradução artística. É o que acontece quando diferentes indivíduos lêem as mesmas palavras de um poema, porém, o que cada um faz do poema é diferente daquilo que os outros dele fazem, porque durante o processo evolutivo não existem duas personalidades exactamente iguais entre si.

Por isso, as LNI descobertas, ou assim consideradas provisoriamente, admitem modos diferentes de formulação, todos merecedores de respeito, até porque cada modo alternativo de abordar a mesma convicção tem o seu valor. No entanto, é indispensável ter sempre presente que qualquer LNI tem, subentendidos em sua essência própria, desígnios superiores que devem ser invariavelmente respeitados e realçados por essas formulações equivalentes.

Se tudo o que existe no Universo está sujeito às LNI, então, nele nada acontece de misterioso ou de milagroso para quem conhece todas elas, como é o caso de I. Aos espíritos, em evolução, cabe ir descobrindo, passo a passo, essas leis, sendo que os mais evoluídos já conhecem um grande número delas, em contraste com aqueles que ainda estão a engatinhar os primeiros passos no crescimento espiritual. Aquilo que, por estes, é taxado de mistério ou milagre, para aqueles outros trata-se da coisa mais "natural" do Universo, porque enquadrada nas LNI que explicam todas as determinações operacionais que as forças realizam a cada instante que passa.

Quando o ser humano tem fortes razões para se convencer, honestamente, de que descobriu uma LNI, daí em diante ele cessa de engendrar novas hipóteses para confrontar com novos factos ou casos observados, passando então a interpretar estes últimos, numa base constante, como “remates”, isto é, situações finais necessariamente resultantes da aplicação dessa LNI a situações iniciais equiparáveis, nela previstas, cujos elementos concretos podem variar, mas não a sua sujeição à mesma lei presumida como invariável, a menos que aconteça algum exemplo particular incomportável na teoria científica embasadora dessa lei provisória.

Uma breve introdução a algumas LNI, consideradas da perspectiva da sua relevância para a conduta humana

A integridade, ou a excelência da conduta individual, provém da saturação de luz interior e de uma sólida disciplina pessoal, em coerência com essa iluminação transbordante. O conhecimento e a compreensão das LNI, são imprescindíveis para que a luz se faça em nosso espírito, a fim de irmos reduzindo, gradativamente, velhos desacertos no desempenho da tarefa de viver.

As LNI são a base da saúde, paz, prosperidade e felicidade, quando aplicadas acertadamente, ou seja, quando cumpridas. “A ignorância [ou a negligência] dessas leis é responsável pela pressão que a bota de alguns homens faz no pescoço de outros” (1705).

De facto, todas as LNI, sem excepção, foram criadas *para* assegurar a mais eficaz prossecução de desígnios superiores, e é por aí que se afere o sentido acertado da sua aplicação, ou seja, o sentido do dever a ser cumprido. As LNI também contemplam, em forma negativa, o tipo de facto cujo preenchimento desencadeia, contra os seus maus aplicadores, ou incumpridores, o accionamento da sua tutela repressiva, ou seja, da reacção legal contra os erros consumados.

Portanto, a intransigente exigência de cumprimento, é um imperativo que faz parte integrante das LNI.

Os **actos devidos** por cada um, em correlatividade com os direitos que as LNI conferem aos seres, designam-se por deveres. Os deveres, deduzíveis das LNI, são fórmulas de procedimentos dignificantes, proveitosos e construtivos, em benefício próprio e do semelhante, e a cumprir permanentemente, em coerência com as diferentes situações que se apresentarem.

Todos precisam de pensar, sentir e querer com elevação moral, isto é, com respeito pelo “princípio pelo qual o agente pensante, sensível e volitivo põe em acção todos os elementos constitutivos de sua natureza, dirige e encaminha a sua vida psíquica e social, tendo por bússola o dever” (224).

É por isso que consideramos erros de conduta “os atos que contrariem as leis naturais, e, entre eles, a alimentação de ví-

cios de qualquer espécie e tudo quanto seja cometido [ou praticado] em prejuízo próprio ou do próximo” (cf 313).

“O objectivo da vida não é estar a criatura a passar pelas mais duras provas da dor. A vida tem um fim superior e edificante, o qual todos devem procurar atingir o mais depressa possível” (134). O espírito é uma força que “**crece**”, quer dizer, vibra e irradia luz cada vez com maior intensidade, demonstrando maior conhecimento da vida, maior poder criador e realizador, controle mais seguro dos seus actos e mais apurado uso do livre-arbítrio (cf 320).

“A chave que abre o portal que conduz ao caminho da felicidade (...) existe no âmago de cada ser, indistintamente, ...” (136). “O ser, na sua formação espiritual, está fadado a usufruir de todas as satisfações e alegrias da vida, num estado vibratório de tal modo superiorizado que nenhuma vibração inferior, como a de tristeza, de amargura, de sofrimento, de angústia, de preocupação, de dúvida e de desespero o pode atingir, por falta absoluta de sincronização” (134).

“As correntes construtivas que operam no espaço, apanham toda forma desejada que sintonize com elas, e, assim, as aspirações que visam a felicidade, a alegria, a abundância, o progresso, a saúde e a paz, entrosam com o sistema evolutivo, e recebem o reforço daquele sistema, que atua sempre no sentido das realizações” (135).

As torturas decorrentes do mau uso do livre-arbítrio, não são indispensáveis para a evolução do espírito: a abolição desses sofrimentos desnecessários, na nossa vida física presente ou futura, depende do esforço e decisão de cada um, nesse sentido. Isso é perfeitamente possível, e o conhecimento de certas

LNI é indispensável a fim de direccionar a respectiva energia colossal para acções construtivas elevadas, dando-nos a certeza absoluta de vencer a luta que viemos travar na Terra.

N. B.: - As LNI estão entrelaçadas e completam-se umas às outras, salvaguardando a sua recíproca coerência de conjunto, na composição da Ordem Jurídica Universal. Por isso, não é de estranhar que no estudo de cada uma delas tenhamos, sempre que útil, de fazer alusão a outras LNI.

I - Lei da evolução

Uma realidade em si (um crime de morte, por exemplo) é na Terra estudado de diferentes pontos de vista. Do ponto de vista jurídico-normativo pretende-se saber, entre outros aspectos, qual a pena que se lhe seguirá. Do ponto de vista naturalístico, questionar-se-ão a sua génese psicológica (individual, estritamente privada), as influências exteriores (inclusive a intromissão dos espíritos do astral inferior), os seus meios físicos de execução, os resultados produzidos sobre o corpo da vítima, etc.

Uma só realidade em estudo - vários pontos de vista pelos quais ela é questionada e examinada por seres humanos, em tudo limitados (cf 1104).

Apesar de isso ser verdade, existe um ponto de vista que se impõe aos demais, que é aquele que se refere ao princípio da evolução: “O princípio fundamental da vida no Universo, é a evolução (...) Não há explicação lógica nem racional para a existência [corpórea] se a evolução não é devidamente considerada” (314). É por isso que esse mesmo criminoso virá a

ser, no futuro mais ou menos distante, uma grande alma, um espírito reabilitado, altruísta e incapaz de praticar acções que a consciência reprove.

Ninguém evolui se não transita, faseadamente, de uma versão inferior a uma versão superior de si mesmo, em resultado de imprescindível e bastante experiência acumulada na luta pela vida.

Essa transição, porém, existe latente, potenciada, em cada indivíduo desde que saiu do estado de involução. No caso particular dos espíritos, "o anseio de progresso da partícula em evolução, expressa a força natural de expansão dos atributos espirituais que se encontram enclausurados no interior de cada ser, e forçam a sua liberação, rumo à meta final, pelo processo da evolução" (113).

A LNI da evolução impera, continuamente, na intimidade de cada ser, como se fora um apelo longínquo a que ele tem que obedecer, irrecusavelmente, custe o que custar.

Pelo processo evolutivo espiritual, o indivíduo antigo que nós éramos (doentio, medroso, ineficiente, infeliz) é substituído pelo indivíduo novo que somos obrigados a ser (saudável, destemido, produtivo, feliz).

“O objectivo deverá ser sempre o de desenvolver as qualidades espirituais que nos oferecerão, na marcha dos acontecimentos, vida mais agradável, maiores alegrias, faculdades inatas ampliadas, encarnações prósperas, convivência num círculo maior de relações afetuosas, trabalho condizente com as predileções, liberdade de bem querer superiormente, campo de ação mais extenso e consciência do bom aproveitamento dos frutos no labor cotidiano” (137).

A necessidade de evoluir, comum a todos os indivíduos, é o eco duma lei emanada de I. Porquê? Para quê? Só ele sabe todas as respostas exatas e seguras, para todas e quaisquer questões. “Todos são forçados a evoluir, e dentro desse sistema hão-de galgar os vários estados de renovação ...” (103).

“As leis naturais (...) exigem que cada ser evolua, e dão a cada um os meios para isso. Um deles é este planeta (...) e outro meio é a dádiva do corpo físico para ele adaptado” (138).

A LNI da evolução dos indivíduos é, sem dúvida, a lei maior (Lei Principal), pois todas as demais LNI encontram naquela a sua razão unificadora. Nenhuma destas leis entra em contradição com a lei da evolução.

O acto de partida dos indivíduos para iniciarem a sua ascensão progressiva à máxima evolução, é um acontecimento fatal, inalterável, e o fazem em **igualdade de potencialidades** e em **equivalência de oportunidades** de evoluir. Os atributos latentes, inatos, próprios dos indivíduos, vão-se libertando da sua clausura quando eles atravessam sucessivamente o reino mineral, o reino vegetal e o reino animal inferior, até chegar ao reino hominal, e é aqui que todos se submetem, voluntariamente, à LNI da reencarnação, para depois continuarem a sua ascensão em planos onde a organização da vida obedece a outra sistemática.

Quando o indivíduo entra no processo da evolução, desconhece que ele é riquíssimo: desconhece que possui uma parcela da substância do Todo e qual o valor infinito desse conteúdo. É no decurso da sequência lógica do processo da evolução que ele vai despertando para a consciência desse conteúdo e do respectivo altíssimo valor a fim de chegar a

desfrutar duma existência em total harmonia com as irrevogáveis leis da natureza, criadas pelo Todo (I).

Ao conseguir o máximo dessa consciência, através de indesmentíveis provas dadas, ele juntar-se-á a outros indivíduos que também já conquistaram esse mesmo grau de consciência provada, mas... o Todo integra e excede todas as Altas Consciências parcelares. Não há como confundir as Altas Consciências com a Consciência Absoluta e Total, que é exclusiva do Todo.

No livro O Futuro do Espírito, de Lecomte du Noüy – biólogo de renome mundial, lê-se o seguinte:

“Poderemos nós estabelecer, racionalmente, uma continuidade entre os acontecimentos sucessivos dessa história [do universo físico]? É evidente que se nós conseguíssemos convencer-nos dessa continuidade, poderíamos tentar compreender-lhe o **sentido profundo** [sua direcção constante, sua norma de rumo, seu padrão de orientação]; mas, se tal não conseguirmos, será preciso abandonar essa esperança [de descortinar esse sentido profundo e imutável], porque a sucessão dos acontecimentos, na aparência independentes uns dos outros, não permitiria mais do que a organização de um catálogo cronológico, desprovido de todo o interesse” (cap. II)

Nós, humanos, “temos a impressão de que a Natureza, de olhos vendados, avança, tacteando, lançando-se à direita e à esquerda, para voltar, em seguida, como se fosse guiada por suave e persistente **FORÇA**, por um apelo longínquo, ainda incompreensível, mas a que deve obedecer” (cap. VII).

“Se aceitarmos a ideia da evolução, importa reconhecer que, desde o começo do mundo [e, mais geralmente, do universo físico], ela se manifestou, em média, num sentido progressivo, sempre idêntico na sua orientação” (cap. VI).

As LNI impõem um sentido determinado, uma linha certa de progresso, ao encadeamento dos fenómenos que compõem a história real dos seres, fenómenos esses cuja independência uns dos outros é apenas ilusória. No Racionalismo Cristão a essa linha certa de progresso real dos seres deu-se o nome de princípio ou lei da evolução, a que estão inexoravelmente atados todos os indivíduos do Todo (I), cujos atributos, poderes, faculdades ou capacidades pertencem, eternamente, ao Todo, assim como eles próprios, indivíduos.

“O símbolo da evolução [dos indivíduos] é uma espiral que nasce de um ponto, (ponto de deslocamento da partícula involuída da Fonte Original) e desenvolve-se em curvas que se abrem, à medida que se elevam, ganhando em altitude e latitude, até atingir a cota final. Em face desse sistema instituído pela Grandeza Total, é que na vida, como lei, todos obedecem ao princípio inviolável da renovação constante” (103).

A inteligência do indivíduo é o atributo que, com o seu despertar, permite-lhe, nos cenários da existência, ir captando, diferenciando, congregando e memorizando impressões e reacções, na relação permanente com o meio interno e externo. Mais tarde, no ser humano, esse atributo posiciona-se na retaguarda do raciocínio, provendo-o dos meios necessários ao seu desdobramento.

É a inteligência que dá alcance ao horizonte do espírito, é

o instrumento capaz de clarear ou fazer brilhar a luz na sua mente, proporcionando-lhe maior discernimento sobre a vida espiritual.

A inteligência espiritual evolui através da busca continuada de conhecimentos verdadeiros e úteis, ou do estudo, que deve ser metódico e permanente, sem estafas desnecessárias. “Deixando para trás o instinto animal e as reacções animalizadas negativas, a Força [partícula ou parcela do Grande Foco], já agora na qualidade de espírito, começa a realçar os atributos da inteligência e dos numerosos sentimentos e emoções.

Estas últimas evoluem no homem até se transformarem em virtudes próprias dos seres superiores, até que o espírito não precise mais reencarnar para atingir esse objectivo de aprendizado, desenvolvimento e purificação” (2004).

O efeito material progressivo, necessário ao desenvolvimento dos indivíduos, ou que dele resulta, constitui a chamada **evolução material**, ou seja, o progresso dos meios ou condições em que se desenrola a evolução dos indivíduos. Porém, M foi, é e será sempre o mesmo: não evolui de nenhuma forma! Também as diversas categorias ou estados primários de M, organizados por I para servirem ao processo evolutivo, não evoluem, porque essa matéria necessária “já existe tal qual deve ser e é necessária, nos seus diversos estados, envolvendo os milhares de mundos, ligando-os, uns aos outros, ascendentemente” (203).

“Tanto a Natureza, expressão máxima da Força Criadora, como a partícula dessa Força – o espírito – são produtores de iniciativas, cada qual na sua esfera de ação” (127).

Na Terra, é comum perguntar-se “por que há-de haver terremotos, ciclones, tempestades, erupções, inundações, maremotos e outros ex-abruptos dos agentes naturais [forças operacionais de I], que, quando aplacam a sua fúria, tão solícitos amigos e benfeitores se mostram do homem” (2101).

“Qualquer pessoa está sujeita às contingências da vida [em corpo físico], algumas das quais escapam inteiramente à sua vontade, como as epidemias, as calamidades públicas, os cataclismos geológicos” (315).

Tudo isso ocorre porque a LNI da evolução é intransigente e irrevogável: chegado o tempo próprio, tudo tem que melhorar, as condições de prosseguimento do processo evolutivo têm que ser mudadas e adequadas aos novos desafios a ultrapassar, pois, a evolução é interminável, além de que quem faz evoluir as condições do planeta são os seus habitantes, para o que estão devidamente dotados.

“Se a evolução se processasse isoladamente, tendo em vista apenas o indivíduo, seria admissível deixá-lo para trás a unir-se com outros também tardios, mas o caso é que a evolução se faz por grandes grupos, em que os mais adiantados precisam zelar pela evolução dos mais atrasados do seu grupo, dentro de um certo limite de tolerância” (139).

O entendimento espiritual da vida humana exige que o ser humano se veja a si próprio (e ao semelhante) como um espírito, fonte real de vibrações e impulsos, inconfundível com o corpo físico, inconfundível com o corpo fluídico, mas temporariamente preso à matéria densa, neste mundo-escola, em busca de esclarecimento e maior evolução, de si próprio.

O corpo físico do ser humano é interpenetrado duma matriz etérica, produto do fluido próprio da Terra, mas o corpo fluídico, associado ao espírito, é um campo individualizado de energia, produzido com extractos de diferentes campos energéticos interligados à Terra.

A evolução individual não tem regresso, o seu sentido é um e único: o desenvolvimento gradativo que se obtém, não é reversível.

“O princípio de justiça funda-se nas leis evolutivas. Todos têm de enfrentar idênticas dificuldades e chegar ao triunfo pelo próprio esforço” (302). Assim sendo, é um dever espiritual, é uma obrigação originária do próprio interior do espírito, quando em estado normal, “imprimir uma superior orientação à vida, para encurtar o processo de sua evolução, esforçando-se por ser operoso e progressista, tendo sempre a atenção voltada para o aprimoramento da própria personalidade” (314).

Aplicar a grande norma de fazer força por evoluir espiritualmente, sem perda de tempo, andando pelo caminho da espiritualidade, é um bem; contrariar essa norma, é com certeza um mal.

II - Leis da transformação da matéria

O ser humano, a sociedade, o planeta e a matéria em geral, provam que coexistem, de um lado, a capacidade de mudar ou transformar, e, de outro lado, a susceptibilidade de ser mudado ou transformado. “O facto mais notável da realidade material de que fazemos parte é, pois, a evolução [dos cená-

rios, utensílios ou organismos], a transformação e o movimento” (703).

O espiritualismo racionalista cristão sustenta que a inteligência, a energia, a forma ou o formato, e outras propriedades erroneamente atribuídas à matéria, não lhe pertencem de verdade. Para os espiritualistas, é I que faz M parecer ter calor, acção, movimento e vida. Portanto, os objectos materiais, grandes ou pequenos, são de facto ilusórios, temporários, perecíveis ou efémeros (“ilusões materializadas”), comparativamente à realidade eterna de I e seus indivíduos (cf 107).

“Tem (...) a matéria organizada origem na Matéria em si, que é elemento fluídico, do qual a Força lança mão para fazer, em conformidade com as leis do Universo, o que lhe apraz, neste planeta e fora dele” (204).

É I que constrói todos os meios adequados, cria todas as condições apropriadas, para o alcance dos desígnios superiores por ele próprio escolhidos para serem infalivelmente consumados. Agindo em obediência às leis evolutivas, I utiliza-se de M no estado primário deste, e, com ele, forma estruturas materiais e realiza fenómenos incontáveis e indescritíveis que escapam à apreciação comum, considerados os limitados recursos deste planeta (cf 316).

“Nada estaciona, nada morre na natureza, tudo se transforma, tudo se move na organização de novas formas e novos mundos, sempre dirigidos pelas leis naturais, emanadas da Inteligência Universal”. “A matéria grosseira que envolve os planetas inferiores, à medida que se desagrega dos corpos diversos que no planeta existem, vai servir para a organização

de novos corpos ou mundos” (203). “A Inteligência Universal não cessa um instante de trabalhar para manter a sua organização sideral e cósmica em pleno funcionamento” (112).

“As partículas de Força evoluem através de *transformações sucessivas da matéria organizada*, dando-lhes [aos bens materiais] *formas* cada vez mais complexas [complicando o que, à partida, era espantosamente simples, embora essa complicação seja imprescindível para imprimir eficácia ao processo da evolução dos indivíduos] ” (316).

Todo o corpo material é, invariavelmente, um produto da *indústria* que M sofre da ação feita por I, através de vibrações e impulsos consistentemente aplicados nesse sentido: “Toda indústria [isto é, a habilidade transformadora da matéria e criadora de produtos materiais] consiste em levar a uma matéria preexistente *modificações* graças às quais ela *se torna* [no estado intermédio ou final] *capaz de prestar serviços* que não podia prestar no seu estado anterior [estado inicial]” (G. H. Luquet).

São várias as leis que I aplica nas sucessivas transformações da matéria e nas relações dos corpos entre si, como por exemplo a lei de atracção (dos corpos), a lei da polarização e imanização, a lei de afinidade, a lei de coesão, e muitas outras que constituem objecto de estudo da ciência experimental.

[Quando se utiliza a expressão “transformação mental operada pelo esclarecimento espiritual”, está bem de ver que, neste contexto, não se trata de nenhuma indústria no sentido material, mas apenas duma valorização mental, operada pela luz do conhecimento espiritual (cf 140)].

Usando os olhos do espírito, podemos ver ou imaginar I e seus indivíduos incitando, organizando e movimentando a matéria, quer no nosso próprio corpo físico quer nos campos e corpos da nossa vizinhança, próxima ou distante. “O espírito encarnado labora a matéria do seu corpo, e maneja todas as substâncias do mundo: mecânica, física e quimicamente. As funções orgânicas não se efetuam sem consumo de elementos componentes dos órgãos; os elementos gastos são substituídos, simultaneamente, por outros imediatamente elaborados no seio do organismo” (1009).

“O pensamento pode transformar, pelo seu poder, qualquer composição material, por serem todas elas por ele criadas. Os Seres do Astral Superior, em **hierarquia espiritual ascendente**, rumo ao Poder Total, transformam a matéria, com o poder do pensamento, em toda e qualquer composição, sem restrições, sempre que essa transformação obedeça a injunções da Mecânica Universal, ditadas pelas leis da evolução (...).

Nenhuma idealização material se consuma, sem ter antes sido delineada, em todos os seus pormenores, pela força do pensamento. (...) Mais tarde, todos os seres terrenos irão saber como operar com o pensamento para que ele exerça sobre a matéria todo o domínio e poder. Só se poderá chegar lá, entretanto, muito depois de haver-se ingressado no caminho da espiritualidade” (110).

“Não há no Espaço montes, nuvens ou campos de matéria [como lixo votado ao abandono], e sim mundos em organização (as nebulosas), e outros já organizados, envoltos em auras ou atmosferas cinzentas, opacas, brancas diáfanas e de luz [fluídica], ligados ascendentemente uns aos outros, e é destas atmosferas cósmicas ou fluídicas astrais, que as partículas da Força lançam mão para organizarem corpos” (204).

“O planeta Terra é relativamente novo em relação a muitos outros corpos celestes e está ainda em evolução [ou desenvolvimento material], por isso muitos fenômenos denominados como sendo fenômenos da natureza estão acontecendo ou ainda estão para acontecer em processos encadeados, planejados e coordenados pela Força. Exemplo disso são os fenômenos tectônicos (tectonismo) quando as placas tectônicas com seus movimentos causam mudanças radicais na geografia ou topologia do nosso planeta Terra” (Marclei Barbosa Santiago, prof. universitário).

Os indivíduos – que são **intrucidáveis** - estão obrigados a evoluir. Porém, essa obrigação de evoluir arrasta consigo a obrigação de transformar a matéria, para a produção dos mais diversificados cenários, utensílios ou organismos, cuja razão de ser decorre das necessidades do próprio processo evolutivo. Portanto, esses cenários, utensílios ou organismos não constituem fins em si: são meios imprescindíveis ao desenrolar normal da evolução dos indivíduos.

As condições de vida na Terra mudaram expressivamente com as descobertas científicas feitas sobretudo no sec. XX. Todavia, “o progresso material precisa marchar sempre com o espiritual, para que o primeiro não sirva de arma de aniquilamento dos verdadeiros fins da evolução”. “Quanto maior for o progresso físico, maior será o trabalho Astral para proporcionar ao mundo o crescimento paralelo e equilibrado, no terreno da espiritualidade” (141).

Além do perigo que tantos recursos da ciência representam para uma humanidade espiritualmente despreparada, cresce que “os indivíduos materialmente ricos que se dedicam,

total e obcecadamente, às tarefas mundanas, estão sujeitos a se brutalizarem e se fecharem num círculo de reduzido espaço, que é aquele que só contém as efémeras e fugazes satisfações terrenas” (141).

III - Lei da atracção, fundada na afinidade de sentimentos

“A lei da atracção não falha. Todos estão sujeitos ao seu império” (323).

O espírito é eterno, a LNI da atracção é eterna, mas as operações de pensar, de atrair ou repelir, fazem-se e refazem-se, continuamente. A maior ou menor intensidade de exteriorização da força actuante do pensamento, depende da maior ou menor capacidade individual, desenvolvida, de fazer convergir os pensamentos para determinada finalidade.

No seio da matéria organizada, o pensamento faz todo o seu percurso em ondas vibratórias ou, então, em formas que ficam registadas no oceano infinito da matéria fluídica de que é provido o Universo. Em particular, o nosso planeta está envolvido por ondas de pensamento, boas e más, produzidas tanto por nós, espíritos encarnados, como por espíritos desencarnados quedados temporariamente na atmosfera fluídica da Terra, abreviadamente designados por “astral inferior”.

“As influências dos pensamentos não se restringem aos ambientes em que foram irradiados. Mesmo a distância se estabelecem, quando há sintonia, correntes mentais, por via da ligação fluídica entre as auras dos espíritos que alimentam essas correntes” (317).

O espírito pensa continuamente, o que significa que ele, incessantemente, emana e aplica vibração, inteligência e um poder imenso, de natureza espiritual. No entanto, essa transmissão de pensamentos, bons ou maus, não se dá sem que o espírito atraia e capte, na mesma intensidade, queira ou não, pensamentos afins aos pensamentos por ele transmitidos.

Neste contexto, atrair é atingir e fazer chegar, para si, algo que existe no espaço ou que virá com o tempo. Uma das LNI aplicáveis à matéria, nas suas transformações, é a conhecida lei da atracção recíproca das massas dos corpos. “A Partícula da Inteligência Universal, na ocasião em que estava evoluindo no reino mineral, aprendeu, quando estava sujeita à lei de formação dos cristais, o que era atracção e o que era afinidade” (903).

No caso dos espíritos, a condição primordial para se atraírem uns aos outros, é o **sentimento afim**: os afins se atraem, os contrários se repelem. O sentimento estabelece, realiza, ou assenta, a harmonia vibracional, ou sintonia, entre os espíritos, e gera o pensamento relacionado. O pensamento emitido *atrai* pensamentos de idêntica vibração; a percepção sensorial intuitiva *liga entre si* esses pensamentos e, por essa forma, *põe em contacto, ou em comunicação*, seus emissores (cf 142).

É o que sucede, por exemplo, quando uma pessoa deseja ardentemente conhecer a Verdade ou o caminho certo: “Não é preciso procurar ninguém para incutir-lhe pensamentos próprios, egoisticamente. O indivíduo, quando quer saber, procura os meios; todos estão mergulhados nas vibrações da Inteligência Universal e, pelas leis da afinidade [os afins se atraem, os contrários se repelem], os encontros oportunos se fazem, quando uma alma deseja ardentemente conhecer a Verdade ou o caminho certo” (143).

A fórmula “pensar é atrair” é uma versão bem simplificada da LNI da atracção aplicada aos espíritos. Isto quer dizer que o espírito, ao mesmo tempo que pensa, queira ou não queira aplica para o bem ou para o mal a lei da atracção, não podendo ser de outro modo por força dessa LNI.

“Pensamentos de valor e coragem, de firmeza e decisão, atraem vibrações de outros pensamentos de formação idêntica, produzindo ambiente de confiança capaz de conduzir ao sucesso”, e assim sendo “não é, pois, dando acolhimento às vibrações enfermias (...) que a pessoa se fortalece e resolve os seus problemas. Antes, entorpece a mente e se arruína com essas vibrações” (318).

“Pensou bem, atraiu as Forças Superiores, pensou mal atraiu o astral inferior” (A. Cottas), e, daí, as consequências ficam a cargo da LNI de causa e efeito.

Quando uma pessoa se liga pelo pensamento ao Astral Superior, atrai a sua luz e elementos do seu ambiente fluídico, que só benefícios trarão às condições de existência dessa pessoa, mas quando ela se descuida e emite pensamentos que se identifiquem com os baixos sentimentos dos obsessores, atrai um ou mais de tais espíritos para sua companhia e absorve parte dos seus fluidos inferiores, juntamente com a correspondente carga pestífera que conduzem, enquanto os obsessores lhe sugam energia anímica (cf 904).

Muitos detalhes dessa intromissão perversa dos espíritos do astral inferior na vida dos encarnados constam da vasta literatura racionalista cristã, e decorre das LNI da atracção e de causa e efeito, as mesmas que possibilitam a nossa união espiritual consciente com os Espíritos Superiores. “A perversidade com que podem agir os espíritos do astral inferior é quase

ilimitada. À ação danosa desses espíritos são devidos muitos e muitos infortúnios” (306).

“Pensar em uma moléstia, temendo contraí-la, é formar campo aberto para que ela se revele [em mais ou menos tempo]” (110).

“Os que pensam materializadamente achegam-se uns aos outros e formam comunidades poderosas” (123). A LNI da atracção está ao serviço da união dos seres afins (ou normais, ou anormalizados), e, como é sabido, a união faz os seres mais fortes. No caso particular dos seres humanos, “reunindo-se com todas as fraquezas, mas procurando auxiliar-se mutuamente serão mais fortes e mais felizes” (Olga B. C. de Almeida).

Para pensar de maneira dignificante, proveitosa e construtiva, em benefício próprio e do semelhante, antecedendo acções correspondentes, antes de mais devemos reconhecer e registar emotivamente as coisas que, ao longo do tempo, vêm trazendo muita alegria e conforto moral aos nossos espíritos, fazendo de nós devedores de gratidão e desejosos de saldar essa dívida contraída para com I ou para com nossos irmãos em essência. Atenção: *não há nenhuns objectivos que possamos alcançar sozinhos, sem o concurso de quem quer que seja, encarnado ou desencarnado.*

De seguida, ao pensar insistentemente nessas coisas aprovadas pela nossa consciência, podemos intensificar e condensar as nossas vibrações apelativas dessas mesmas coisas, até pressentirmos, fortemente, que é grande a probabilidade delas já estarem a caminho, consignadas à nossa pessoa. Nesse estado de espírito estaremos, de certeza, envolvidos por uma

luminosa couraça fluídica, impenetrável pelos danosos arre-
messos do astral inferior.

Cuidado, porém, para não desejarmos o impossível ou o ab-
surdo, sobretudo se limitarmos a nossa visão à encarnação
em curso, visto que o ideal é irradiarmos um pensamento
“límpido, cristalino e livre dos desvios espirituais ocasiona-
dos pelo viver sem método, pela egolatria e pela pressuposta
infalibilidade das opiniões que conduzem ao fanatismo das
ideias fixas” (318).

Mas, rigorosamente dentro das possibilidades de cada um,
sempre é possível criar e cultivar imagens mentais nítidas de
muita saúde, paz interior e prosperidades, e ir melhorando,
progressivamente – adverte-nos o Eng. Luiz de Souza. Tam-
bém, não devemos admitir, no nosso pensamento, nenhum
sinal de medo daquilo que não queremos que venha a acon-
tecer.

Pelo contrário, precisamos de mostrar absoluta firmeza na
nossa oposição a tudo o que concluímos, honestamente, ser
nocivo ou indesejável, para nós mesmos e para o semelhante.

Se o nosso “lar real individual” (ou seja, nossa mente) for
consistentemente positivo, só atrairá coisas igualmente posi-
tivas, que nos virão convencer de que a existência das pessoas
pode ter um sentido superior, espiritual, favorável à conquista
da felicidade relativa, aqui neste mundo-escola.

Um terapeuta brasileiro, de nome André Lima, salienta a
necessidade de, decididamente, mantermos a independência
em relação aos resultados, tanto quanto estes dependem fun-
damentalmente da LNI de causa e efeito, pelo que é errado

entrarmos em ansiedade, querendo adivinhar se vai acontecer ou não como desejado, em prejuízo da nossa paz de espírito.

Diz ele que este último passo pode parecer confuso, mas é muito importante. Com efeito, a nossa paz de espírito não deve ser subalternizada às circunstâncias, e quanto mais tranquilos e alegres nos sentimos no momento, melhor conseguiremos realizar nossos desejos legítimos, sem perdas excessivas de energias físicas e anímicas. Com semelhante predisposição mental firmada, os desejos deixam de ser anseios torturantes, para, então, se assemelharem mais a um jogo divertido, sem tensão, sem jugos, sem medos.

Pela lei da atracção, atraímos aquilo que começa por estar bem aninhado ou enranhado na nossa sensibilidade psíquica. Assim sendo, a vibração de quem gostaria que acontecesse uma determinada coisa, ao mesmo tempo que teme o acontecimento oposto, é – na realidade - uma vibração de carência, que atrai carência, que repele aquilo que ele gostaria que acontecesse.

O mesmo terapeuta nos adverte de que, quando nos desapegamos mentalmente dos nossos relacionamentos, ficamos mais seguros de nós mesmos e irradiamos essa segurança no nosso círculo social, com o que certamente atrairemos melhores e mais frutuosos relacionamentos.

“Vítimas dos seus próprios pensamentos são aqueles que sofrem desgraças na lei do retorno ou de causa e efeito, por mau uso do livre-arbítrio, alheios ao implacável curso das correntes consequentes” (110).

Afirma-se frequentemente no Racionalismo Cristão que “o pensamento é tudo”, ou que ele é de extrema importância na luta da vida, querendo salientar que:

- a) Temos a certeza absoluta de que a boa condução do pensamento, fazendo-o concordar com o Pensamento de I e das Forças Superiores, é fundamental e decisivo para o êxito, na vida de qualquer pessoa.
- b) O bom governo do pensamento é um factor de grave importância na vida, porque é o pensamento que guia o indivíduo, levando-o ou para o caminho do bem ou para o caminho do mal; o pensamento tanto pode trazer felicidade como infelicidade, dependendo da maneira como for dirigido pela vontade; é o pensamento em si que aplica a lei da atracção tanto do bem como do mal.
- c) Quem se irrita, quem se revolta, quem pensa mal, está sempre em más companhias astrais, será sempre mal intuído, será, portanto, um desorientado. Toda a gente tem o dever, a obrigação moral, de conduzir correcta, segura e apropriadamente o seu pensamento.
- d) Enquanto a humanidade não for esclarecida sobre a vida dos espíritos fora do corpo físico, acontecerão avassalamentos, enfermidades, contrariedades, fraquezas morais.
- e) Da vida terrena fazem parte tempestades, vendavais, contrariedades, muitos motivos para a pessoa perder o controle de si mesma. Mas, quando o espírito obtém o esclarecimento e se torna forte para todas as lutas que vierem, não haverá vendavais ou tempestades que possam abatê-lo, ele tudo vencerá, jamais cairá, caminhará sempre de pé, de frente erguida, procurando primeiro vencer-se a si mesmo, antes de se lançar valorosamente noutras batalhas.

- f) É preciso dar ao espírito mais e mais esclarecimentos, mais e mais conhecimentos espirituais, para que ele possa bem irradiar sobre o seu corpo, para poder locomovê-lo, para poder fazer com que o auxilie a passar por este mundo, algo realizando em bem da sua **espiritualidade**, isto é, da sua progressiva assemelhação com I, em inteligência, sabedoria, poder e amor, se quiser sentir-se com o seu mental sempre ligado a planos espirituais elevados, única forma de assegurar a sua paz de espírito.

"A melhor maneira de melhorar o padrão de vida está em melhorar o padrão de pensamento" (U. S. Andersen).

Com a certeza absoluta do quanto vale a aplicação positiva, pelo pensamento, da lei da atracção, o Racionalismo Cristão sugere, entre outras regras normativas de conduta, as seguintes: repelir os maus pensamentos; cultivar pensamentos elevados em favor do semelhante; não desejar para os outros o que não quer para si; não se ligar pelo pensamento a pessoas maldosas, perturbadas e inconvenientes; combater a maledicência (cf 324).

IV - Lei de acção e reacção, de forças que interagem entre si

“... estes princípios básicos e fundamentais da vida universal: atracção e repulsão, acção e reacção, causa e efeito” (319).

Chama-se “acção” de uma força sobre outra, à emanação orientada duma força, antes latente no seu foco (A), e sua aplicação controlável sobre uma força receptora (B), também designada por paciente; em contrapartida, B responde a A com uma força de igual intensidade, mas de sentido inverso, resposta essa que constitui a sua “reacção” à acção recebida de A.

“A e B interagem quando A modifica B e B *também* modifica A; ou quando, A e B, agindo conjuntamente, produzem, sobre C, modificação que não é a soma das modificações que seriam produzidas por A e B, agindo em separado” (1506). Note-se que, no ser humano, na interacção entre o espírito e o corpo é ao espírito que cumpre estimular e controlar o corpo, colocando-o ao serviço dos superiores interesses do espírito, cuja realização é obrigatória e infalível.

Foi Newton quem enunciou o princípio de que “a toda a acção há sempre uma reacção oposta e de igual intensidade”, ou seja, as acções de duas forças que se modificam reciprocamente, ambas da mesma natureza, são sempre iguais em magnitude, mas dirigidas em sentidos inversos. Para a primeira força dessa relação, dir-se-á que “deu e recebeu acção”, para a segunda dir-se-á que “recebeu e deu acção” - como quando, com uma pancada, fazemos reagir a força latente do corpo que suportou essa pancada.

“As leis [ou teorias] de Newton foram testadas por experimentos e observações por mais de 200 anos, e elas são, se não precisas, pelo menos uma excelente aproximação quando restritas a escalas de dimensão e velocidades encontradas no nosso cotidiano.

As leis do movimento, a lei da gravitação universal e as técnicas matemáticas atreladas, provêm em um primeiro momento uma boa explicação para quase todos os fenômenos físicos observados no dia-a-dia de uma pessoa normal. Do chute em uma bola à construção de casas e edifícios, do voo de aviões ao lançamento de satélites, as leis de Newton caem como uma luva” (Wikipédia, consulta feita na internet, em 13-09-2012).

Uma necessidade, falta ou carência sentida, e consequente tensão – seja ela normal ou patológica -, pede a intervenção duma força capaz de contrapor a essa pressão desconfortável uma reacção de controle, seguida duma acção apropriada no sentido da busca do objecto satisfatório, cuja obtenção e desfrute levará o ser à saciedade e consequente apaziguamento interior.

Nas relações interpessoais, “a acção humana só se pode conceber como interacção, [que assume] inumeráveis formas que vão da cooperação, à competição e ao conflito. (...) Um aspecto fundamental da interacção humana [consiste no facto de] agir consistir, para um agente, em exercer um poder sobre outro agente; mais exactamente, esta relação expressa pelo termo “poder sobre” põe em presença um agente e um paciente, (...) a acção é executada por alguém e suportada por um outro.

Nesta dissemetria fundamental da acção [humana] enraízam-se todas as perversões do agir que culminam no processo de vitimização: da mentira e da manha até à violência física e à tortura ...” (...) A regra ética enuncia-se então em termos de Regra de Ouro: ‘não faças ao outro aquilo que não queres que ele te faça’ ” (Paul Ricoeur).

De modo geral, podemos dizer que a lei da acção e da reacção, aplicada acertadamente, leva-nos a cuidar que as acções de nossa iniciativa sejam habitualmente ponderadas, justas, moderadas e valorosas, visto que assim agindo daremos bons exemplos no nosso círculo de acção, influenciando conscientemente os nossos próximos a agirem como nós.

V - Lei do retorno, de causa e efeito, ou dos ciclos de consequências

A LNI de acção e reacção, aplicada às relações humanas, diz-nos que: (1º) devemos fazer boas acções, no nosso círculo de acção, com o intuito de provocar reacções correspondentes nos nossos próximos; (2º) devemos evitar fazer acções nocivas ou indesejáveis, para que não induzam os próximos a secundá-las ou reforçá-las, em prejuízo geral.

A lei de causa e efeito, porém, é a lei que determina a imperativa e fatal sequência dos factos da vida, desde a *origem*, mesmo remota, até ao *desfecho*, mesmo demorado. Em minha opinião, esta lei vai mais longe do que a lei de acção e reacção, sobretudo porque nos leva a ter em atenção o Livro de Contas de todas as encarnações já realizadas ou que venhamos a realizar. Nesse livro, continuamente são registados, a nosso favor, tudo o que pensamos e fazemos de benéfico e desejável para o processo evolutivo (créditos morais) e, contra nós, tudo o que pensamos e fazemos de nocivo ou indesejável para esse processo (débitos morais).

Os créditos morais são o motivo da nossa felicidade relativa, enquanto os débitos morais têm que ser extintos caso a caso, única maneira de o espírito se redimir dos seus erros de conduta, perante a sua própria consciência, enquanto tribunal que sentencia a sua felicidade ou infelicidade. Ninguém pode se sentir feliz, se a consciência estiver acusando de estar a fugir de um compromisso nela gravado antes de encarnar, para ser cumprido na Terra.

Os actos que praticamos, as palavras que proferimos, são forças operacionais, são energias actuantes de maior ou menor

intensidade, que, como tais, produzem efeitos ou consequências sobre outros seres, e finalmente produzem “frutos” em nós mesmos, na acção de retorno, sem mudar a sua natureza benéfica ou maléfica, a fim de colocar um ponto final no ciclo que fomos nós a abrir.

Dito de outro modo: as correntes vibratórias, boas ou más, por nós dinamizadas e que vão incidir sobre outros seres, não mudam de natureza na volta a nós mesmos, origem da sua emanção. “O Racionalismo Cristão chama a atenção para o fato de estabelecer-se, ao fazer-se mal ou bem a alguém, contato com esse ser e, pelo fio de conexão entre ambos, receber-se o reflexo da boa ou má ação praticada”; “acontece que o tributo dos erros pode começar a ser cobrado na própria existência física em que cometidos, mas na maioria das vezes, essa cobrança vem mais tarde, em encarnações futuras, no meio melhor *escolhido ou preparado* para produzir as *reações recuperadoras*” (144).

“O corpo astral [ou fluídico], muito mais influenciável do que o físico, recebe em sua natureza, os traços bem caracterizados de todas as ações, boas ou más, perpetradas no correr da vida terrena.

Esses traços de origem má, ficam gravados no corpo perispiritual [corpo fluídico], e só desaparecem se transferidos a um corpo físico, o qual os absorve como se fora uma esponja, por uma espécie de sucção. Essas marcas, que definem falhas ou crimes, ao se transferirem para o corpo material [carnal], revelam-se com as características de moléstias como a tuberculose, a lepra, o câncer etc” [essas nódoas incomodam muito o espírito, no seu mundo de estágio, e nisso está

um dos motivos das reencarnações, que permitem ao ser, assim estigmatizado, livrar-se desses sinais, que constituem um gravame] (cf 147).

Por força desta lei, tudo quanto de ruim implantamos e alimentamos no nosso espírito contra o semelhante, virá a acontecer-nos, dia mais dia menos, na acção de retorno. Essa implantação é a origem daquilo que forçosamente irá seguir-se; “o desfecho final com a conclusão do ciclo pode retardar, mas consuma-se, implacável e inapelavelmente” (144).

“Aqui na Terra, e não no Plano Astral, é que se fecha o ciclo da lei do retorno; o faltoso é obrigado [ou sente-se forçado] a reencarnar para ter a chave do fechamento desse ciclo” (o. c., idem).

“O espírito tem, latente, todos os atributos positivos que lhe podem valer para não praticar o mal”, só que, “na acção de retorno, o mal ou o bem [praticados], voltam sempre, muitas vezes, com cargas revigoradas [voltam com novas energias, ou com um potencial de força aumentado]. Note-se como se reproduzem as sementes: de uma que se plante, nascem dezenas ou centenas]” (o. c., idem).

“Não é possível apreciar os fatos que ocorrem na vida terrena levando em conta a única encarnação em que eles se projetam; eles estão intimamente associados com o passado distante, com ocorrências verificadas em outras vidas. Desta maneira, o que acontece numa existência é como se fosse um curto capítulo de um longo romance. Evidentemente se a alguém for dado examinar um único capítulo de tal romance, de modo algum poderá ter uma ideia do conjunto da obra” (145).

“Pode o indivíduo estar movido, na encarnação atual, das melhores intenções, empenhado em não fazer mal a ninguém, e desejoso de manter-se em clima cordial, no trato com o próximo (...) mas não quer isso dizer que não tenha débitos contraídos, até mesmo em épocas remotas, ainda não resgatados, e que precisam ser liquidados e extintos para sempre. Ocorre então, nesse caso, que (...) sem motivos aparentes, em se levando em conta apenas aquela existência corrente, o quadro dramático pode aparecer, assinalado de cores vivas e impressionantes” (144).

“A obra da natureza não contém erros [quer dizer, tudo o que uma obra tem de dissonante e de reprovável, tomando por referência o seu tipo ideal, sua norma] nem imperfeições [quer dizer, tudo aquilo que terá que ser eliminado, substituído ou retocado, se se quiser levar uma obra a aproximar-se o quanto possível do seu tipo ideal, sua norma]. Suas leis são imutáveis e os acontecimentos mais surpreendentes que possam ocorrer não passam de consequência lógica do desdobramento da própria vida, cheia de ações e reações, de causas e efeitos, sempre em busca do equilíbrio final” (302).

“Como o acaso não passa de uma expressão irreal, todos os acontecimentos [no imenso Universo] obedecem a um planejamento ou a uma determinação superior, com o apoio na lei de causa e efeito” (141).

“Tudo na vida está [- de acordo com as LNI -] bem pensado e bem distribuído”. Tudo o que acontece no mundo é o resultado final da aplicação inexorável da LNI de causa e efeito:

“Neste mundo-escola a criatura tem que ter muitos sofrimentos, muitos aborrecimentos, muitas atribulações, para apren-

der a superá-los com tranquilidade e não deixar transparecer ao seu semelhante, através do desespero, da fisionomia fechada, o que está passando, porque isso de nada adianta, porque, como todos sabem, o desespero nada constrói, muito pelo contrário, só serve para piorar e avolumar as coisas.

Aprendam, pois, a lidar com os revezes que a vida terrena lhes impõe [porque os mundos-escolas, como a Terra, são organizados expressamente para dar lições de todo o tipo aos espíritos que neles evoluem em forma animal]” (905).

“Nas guerras, nos desastres, nas epidemias, nas hecatombes, nos cataclismos, desencarnam em massa indivíduos na flor da idade, vítimas na quase totalidade, da ignorância da vida espiritual. Os erros que a humanidade comete são inúmeros e idênticos uns aos outros, provocados pelo egoísmo, pela ganância e falta de amor fraternal. Esses erros terão a sua consequência fatal e inexorável, atingindo, não raro, a grupos ou comunidades” (148).

É de grave importância cada qual preparar-se para a encarnação futura: “Trata-se de cultivar uma boa sementeira; cuide-se, esmeradamente, de viver o dia de hoje sem um só toque dissonante, e empregue-se, para isso, o melhor dos esforços, a mais firme disposição” (144).

"Do que já se consumou não é possível dizer-se, sem contradição nos termos, que não tenha existido" (Prof. Dr. Dias Marques). Todavia, tudo o que um ser faz ocasiona consequências, proveitosas ou danosas, na sua situação actual ou futura, além das consequências ocasionadas, intencionalmente ou não, na situação actual ou futura de terceiros.

A LNI do retorno “faz sofrer sempre que se trate de eliminar o mal, sacudindo e alertando a criatura [alma encarnada] desavisada. São dores inevitáveis [na imperativa sequência de causa a efeito], mas depuradoras, necessárias e úteis” (144).

Na verdade, quando incumprimos as LNI, quando incorremos em algo que não seja o correcto, seguro e apropriado na situação em que estivermos, “o erro, por pequeno que seja, traz consequências desagradáveis e desfavoráveis ao viver. Um erro dá margem a outro, e, de erro em erro, chegam [as pessoas] ao desequilíbrio psíquico, situação muito triste, como podem observar” (2009).

No caso particular das consequências danosas, elas terão que ser consideradas quer do ponto de vista das suas causas estruturais (a remover mais cedo ou mais tarde, como por exemplo a ignorância de que o ser humano é um espírito passageiramente representado em forma animal), quer do ponto de vista dos danos consumados (materiais ou morais), que precisam de ser revertidos, compensados ou suavizados, tanto quanto possível, e onde isso for possível e preferível.

Sempre que, sem desculpa consentível, incumprimos as LNI por descuido momentâneo, por mau uso do raciocínio, por egoísmo ou pelo prazer de praticar o mal, fazemos nascer - nós próprios, para nós próprios - a necessidade de suportar a privação de algum bem (isto é, de algum meio, elemento ou recurso apto para a satisfação das necessidades experimentadas por nós mesmos, quer esse meio seja de ordem tangível ou intangível).

Essa privação, quando efectivada, manifesta a reacção correctiva das LNI à prática de qualquer facto por elas repro-

vado *a priori*, e à adstrição a suportar essa privação, dá-se propriamente o nome de responsabilidade retrospectiva – a obrigação de reverter ou contrabalançar, de algum modo, as consequências danosas ou indesejáveis do facto ilícito ocorrido.

Quando fazemos esforços para evitar erros e para praticar o bem no nosso cenário de existência, aí, sim, estaremos a exercitar a responsabilidade prospectiva, a responsabilidade pela construção de um futuro melhor, dando luta tenaz aos obstáculos e sofrimentos, para que o sonho acalentado, o alvo visualizado e desejado em espírito, se converta a seu tempo numa realidade palpável, fora de qualquer dúvida.

O exercício da responsabilidade prospectiva não se faz, porém, sem severidade, quanto baste, na execução das disciplinas (programas, métodos, regras de procedimento, escalas para as tarefas e ocupações, ...) seriamente determinadas para presidir actividades.

“Muitos males resultantes dos desajustamentos teriam remédio, se houvesse a coragem de um sentimento de culpa” (Olga B. C. de Almeida).

Vejamos sucintamente o que em Direito se ensina, sobre a culpa, aos iniciantes nessa ciência: “O acto ilícito (...) há-de ser acompanhado de um impulso psicológico ou subjectivo que o torna reprovável – a culpa. Esta vem a ser um estado de espírito que tem como ingredientes, um elemento volitivo – a vontade de realizar determinada conduta – e outro [ingrediente] cognoscitivo – a previsão ou previsibilidade do seu resultado ilícito”; “só há que falar em culpa se o acto puder configurar-se como um produto da vontade [própria] do seu

autor” (Prof. Dr. Dias Marques, num curso de iniciação ao estudo do Direito).

Daquele que agiu ilicitamente, sem prever o que era previsível, diz-se que actuou culposamente, por imprevidência, falando-se então de culpa no sentido mais restrito do termo. As LNI levam em conta os mínimos detalhes na determinação da existência de responsabilidade (subjectiva ou objectiva) e de culpa, tanto de grupos como de pessoas individualmente consideradas, quer por actos ou omissões, com ou sem intenção de incumprir a lei e de provocar danos, nos meios em que vivem e pelos quais à partida respondem prospectivamente.

As próprias leis humanas já regulam casos excepcionais em que são atingidas, pelas reacções correctivas provenientes da força de coacção organizada, “pessoas que não tiveram qualquer culpa no acto praticado ou no resultado danoso a que involuntariamente deram causa (...), nem está, sequer, excluído que o sujeito [não sendo infractor] haja de suportar uma sanção [uma reacção indesejável qualquer] respeitante a actividades desenvolvidas por outrem [infractor]” (a. c.). Embora pareça bizarro, isso terá com certeza a sua explicação, a sua razão de ser assim, e não de outro modo.

As LNI, na sua totalidade, não perdoam nada que seja feito contrariamente a elas, com ou sem premeditação, visto que, para tudo o que se pensa, se sente ou se faz, existem consequências predeterminadas e infalíveis, independentemente dos nossos protestos.

As LNI foram criadas para serem aplicadas com senso, isto é, com salvaguarda da harmonia com o que elas essencialmente preceituam. Contrariar essas predeterminações é incorrer em não-sensos, isto é, em faltas ou falhas que perturbam o funcionamento harmónico da vida universal.

Os espíritos que vivem nos campos astrais superiores, não dispõem nesses campos de condições de incorrer em erros de conduta. Ali, o cumprimento dos deveres que recaem sobre o espírito, de acordo com o seu grau de evolução já conquistado, representa uma imposição inadiável que é cumprida rigorosamente.

“Uma vez que o espírito humano é parte integrante do Todo [I], não pode, de maneira alguma, estar desamparado ou desligado do Todo, que integra; pode ficar em desarmonia com esse Todo, formar como que um *quistó* na contextura espiritual cósmica, por contrariar as leis naturais, em função do mau uso que fizer do seu livre-arbítrio, e neste caso, sofrer dolorosas consequências, mas isto não significa que dia mais, dia menos, não torne a harmonizar-se com a Unidade Espiritual, e não receba dela o fortalecimento reparador” (106).

"Assim, tornam-se os dramas da vida mais suportáveis, e a animar a criatura, fica a certeza confortadora de que, para o futuro, os mencionados dramas poderão ser evitados, com o conhecimento adquirido sobre essa fundamental lei do retorno" (144).

“Todos querem saúde, felicidade, poder e riqueza, mas não compreendem que essas coisas são apenas efeitos. A causa está dentro deles próprios [indivíduos], e manifesta-se através de planificação, imaginação, trabalho, (...) perseverança e promoção [e união espiritual disciplinada com as Forças Superiores] ” (1704).

“As circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis de nossa vida somos nós mesmos que criamos, independem de quem somos, onde vivemos ou trabalhamos, mas sim [dependem] de

como pensamos e agimos. Se nossos objectivos são do bem e os meios para atingi-los são dignos e honestos, nós só temos a ganhar com tal comportamento, o qual evidentemente está em sintonia perfeita com as leis do universo e, portanto, em harmonia com as leis do bem e da justiça perfeita. Somos protegidos pela nossa própria conduta dentro do caminho do bem” (Marclei Barbosa Santiago)

“Aquilo que geralmente se chama de má sorte, má sombra, a negra, ter o santo de costas voltadas e outras expressões mais ou menos figuradas, não é senão o resultado de uma má sementeira, de um procedimento desastrado, do tempo malbaratado, das ocasiões perdidas, dos talentos nesciamente enterrados, da preguiça, da desconfiança, da timidez e da concupiscência” (2102).

“Isso de dizer-se que ‘o futuro a Deus pertence’ é uma ridícula maneira de pretender-se anular a imperecível lei de causa e feito. Por isso, quando se diz que *cada qual terá o futuro que quiser ou merece*, afirma-se, mais uma vez, a inexorabilidade dessa lei, infalível como todas as demais leis espirituais” (149).

"Se bem interpretada a lei do retorno, desaparecem os desesperos, as alucinações, causados pelo sofrimento, uma vez que a compreensão venha tomar o lugar da ignorância sobre o caso" (144).

Lamentavelmente, nós, humanos, só nos aproximamos da Verdade das LNI depois de haveremos sofrido imensamente, como resultado da ignorância dessa Verdade. Eis porque só lentamente a humanidade se vai dando conta da realidade da LNI do retorno, e contra isto nada há a fazer, a não ser a luta renhida e tenaz a favor da espiritualização dos povos, com o auxílio certo, infalível, do avolumar de sofrimentos cada vez

mais torturantes, que não deixarão outra saída, a não ser a rendição à Verdade da vida real, imperecível, de I (o Todo) e seus indivíduos.

Na opinião de O. M. Aïvanhov, não é difícil conhecer o passado das pessoas. Baseado naquilo que elas são actualmente, baseado nas suas qualidades e defeitos, nas suas faculdades e lacunas, pode-se saber – sem entrar em detalhes – o que elas foram no passado: o que são na encarnação actual não aconteceu por acaso. A lei de causa e efeito entrou em ação para modelar a sua existência actual. Por isso, agora, eles devem se ocupar mais com o presente que estão vivendo, para que possam preparar o seu futuro.

“O que se deseja é que a lei do retorno a todos sirva para carregar do passado para o presente [ou, da encarnação actual para a encarnação futura] as recompensas maravilhosas da eficiente ação desenvolvida na encarnação antecedente” (144).

VI - Lei do trabalho

O que quer dizer trabalho humano? Qualquer definição de trabalho humano “implica uma concepção do homem e do seu lugar no mundo” (A. Birou). O Racionalismo Cristão, remontando às origens da evolução, inclui o trabalho nas LNI, entendendo que desde que os indivíduos entram no sistema evolutivo até ao reino hominal, inclusive, encontrarão pela frente intempéries, dificuldades, carências, lutas e sofrimentos, que constituem agulhões necessários à sua evolução.

O único meio ou modo de superar tudo isso, é trabalhando para desmascarar os impossíveis ilusórios, e, também, por meio desse esforço o ser há-de chegar ao autoconhecimento.

“O trabalho é uma condição inevitável da vida humana, a verdadeira fonte do bem-estar humano” (Leão Tolstói). “O trabalho é o corretivo de todos os males que assediam a humanidade” (Dr. A. Pinheiro Guedes).

“O trabalho a que está sujeito o homem consciente, livre e honrado é um elemento [inseparável] da lei da evolução, um requisito do progresso, uma das condições necessárias ao aperfeiçoamento individual e um dos meios mais eficientes de auto-educação” (2103).

“A Inteligência Universal [abreviadamente, I] não cessa um instante de trabalhar para manter a sua organização sideral e cósmica em pleno funcionamento” (Luiz de Souza), porque ela é a Força da Natureza, o Trabalhador Supremo do Universo.

Assim sendo, os espíritos devem imitar o seu Todo, assemelhar-se mais e mais a ele, se quiserem evitar as consequências a que se sujeita todo aquele que se furta a essa norma universal – o Trabalho. Todos precisam ser activos, operosos, diligentes no processo evolutivo geral. O corpo precisa de descanso para se refazer dos efeitos das toxinas, mas, o espírito, dada a sua natureza imaterial, não precisa de repouso, mas, sim, de trabalho. Este, “é tão necessário aos homens, como a luz do Sol” (112).

“A vida [humana] é uma tarefa, é uma obrigação, e exige compenetração e participação ativa. Ela tem um fim, o qual precisa ser alcançado, custe o que custar. Então, vale a pena alcançar esse fim, sem ser pela força, ou seja, pela imposição do sofrimento. O fim de que se trata, é a evolução, o desenvolvimento espiritual, a entrada na corrente do Amor e da Felicidade” (150). “É pelo trabalho que todas as criaturas efec-

tuam sua evolução, e o homem só arrimado a esse bordão caminha, pela estrada do progresso, para a perfectibilidade" (Dr. A. Pinheiro Guedes).

A ociosidade é o terreno fértil onde medram e se diversificam os hábitos viciosos. Combatendo a ociosidade, estar-se-á portanto a tirar terreno a esses inimigos da saúde e do progresso.

Neste sentido, a civilização humana trouxe motivos imperiosos para que o ser humano se disponha a trabalhar, a fim de ganhar os rendimentos de que necessita para fazer face a "uma série enorme de despesas, que aumentam, na medida do desenvolvimento do aspecto material da vida [a chamada 'evolução material']" (112).

"Os que não trabalham [ou, os que se furtam ao dever de trabalhar], são parasitas sociais, são elementos nocivos, espúrios da ordem geral. Sofrem de insatisfação, de tédio, de cetismo, provocados pelo vazio interior. Esses, além de não ajudarem a puxar o carro da vida, são arrastados como peso morto. Não colaboram com a coletividade, apenas se servem dela. É uma situação penosa que se mantém pela falta de esclarecimento, de compreensão, de espiritualidade" (112).

"Trabalhar é viver. Na realidade, sentindo e observando o movimento contínuo do Universo, não é difícil concluir que o trabalho e a vida se situam paralelamente" (112).

Luiz de Souza, no livro *Ao Encontro de Uma Nova Era*, tema *O Trabalho*, discorre sobre diversos ângulos pelos quais esse tema pode ser abordado, alguns dos quais já foram referidos acima. Mais diz ele que:

- a) A natureza dá aos seres as condições apropriadas para que trabalhem racionalmente, em benefício geral. Com efeito, é o trabalho a maior fonte de brindes, porque: ha-

- bilita o ser a praticar o bem, a beneficiar o próximo, a concorrer para o progresso geral; fortalece o espírito e o engrandece; quando bem feito, traz satisfação, alegria, contentamento; permite ao espírito adquirir experiência (perícia, adestramento), disciplina, concentração, senso de responsabilidade, noção dos deveres, paciência e tolerância;
- b) No trabalho em equipa, aprende-se a transigir, pela necessidade de harmonizar, acomodar interesses, de atender às conveniências de terceiros;
 - c) Quem trabalha frutifica, dá exemplos, ensina e prepara novos trabalhadores, para que haja produção de riqueza, conforto, bem-estar e facilidades de comunicação entre os seres, para fins culturais, para os intercâmbios, para as regalias terrenas;
 - d) O trabalho honesto é sempre honroso, seja de que natureza for. É preciso que cada um se coloque no seu posto, conscientemente, na certeza de que está cumprindo tarefa de valor;
 - e) Nada adianta ao cientista tentar pôr em prática os seus conhecimentos, se ele não tiver quem lhe ponha em ordem os instrumentos, quem lhe faça as roupas, quem lhe prepare os alimentos. Os diferentes tipos de trabalho servem-se e apoiam-se uns aos outros, razão pela qual todos eles têm valores intrínsecos equivalentes. Também, o chefe nada teria que fazer se não dispusesse de subordinados;
 - f) É trabalhando em diversos sectores, ao longo das sucessivas reencarnações, que o espírito apura o adestramento e aumenta a sua capacidade criadora e realizadora;

- g) O trabalho honesto, disciplinado, construtivo, proveitoso, é um processo hábil de desenvolvimento da espiritualidade, em franca oposição à materialidade da maneira de viver, embrutecedora do espírito;
- h) O estado anormal do mundo (em que estão aí a desordem, a ruína moral, os conchavos interesseiros, os golpes da aventura, a exploração das massas, as guerras fratricidas), tem por princípio o trabalho desvirtuado da sua verdadeira finalidade, quando os seus agentes, em lugar de ajustá-lo à organização sonora das vibrações Astrais, prefere, animalizadamente deixar-se atrair [ou, encantar] pelo magnetismo terreno, tirar partido das confusões, lo-cupletar-se do alheio, enquanto não chega a prevista nova estruturação da grande família humana, a Nova Era.

O trabalho aplicado ou empenhado é como uma supercola que congrega todas as energias do trabalhador, no esforço que este faz para produzir algo útil, ou prestável, para os outros e para si mesmo, seja de natureza material ou moral.

Alguém disse que o trabalho que fizermos na vida será a nossa estátua, de que fomos o escultor: atraente ou repelente, bonita ou feia, inspiradora ou degradante.

"O indivíduo, na oficina da vida, tem tarefas a executar, e durante as horas dedicadas ao trabalho deve ocupar-se, de modo completo, da sua obra. A operosidade revela-se pelo rendimento do serviço e pelo bom aproveitamento dos minutos que correm. Minuto perdido, é tempo que não se recupera mais.

Quando o período diário de trabalho é bem aproveitado, a produção aumenta e o custo diminui. A operosidade e o

aproveitamento concorrem para a melhoria do padrão de vida, com o que lucra a coletividade. Fazendo cada um a sua parte, os resultados serão surpreendentes.

A operosidade, ligada ao ótimo aproveitamento, favorece a constituição espiritualista do individuo e o predispõe a novas operações, dentro do seu circulo de ação.

Todos os que se dedicam à operosidade intensiva, estão filiados à corrente universal do trabalho, que estende os seus benefícios aos colaboradores, na proporção do merecimento” (147).

“Os pensadores, artistas, músicos, inventores, (...) sabem por experiência que quando se engolfam na obra científica, literária ou artística que se propuseram criar, chegam a um ponto em que o cérebro [irradiado pelo espírito] se embriaga de ideias e o trabalho é uma delícia, um gozo inefável, um verdadeiro paraíso natural, em que a alma se arrouba na (...) contemplação da Verdade, da Bondade e da Beleza” (2104), e aí entra com certeza o subtil envolvimento do trabalhador pela luz e fluidos atraídos do Astral Superior.

“O exercício fortalece e revigora os atributos e as faculdades do espírito. Ele é tão necessário à mente quanto ao corpo” (325).

VII - Lei do livre-arbítrio, ou da licença plena de agir, tanto para o bem quanto para o mal

Faculdade, neste contexto, designa um recurso (meio, elemento) intrínseco que permite a alguém fazer uma certa acção física ou moral. Distingue-se a acção espiritual da acção não espiritual (caso da acção animal inferior, por exemplo).

A acção do espírito está sujeita a julgamento do próprio espírito, tendo por cúpula o princípio de que ele deve querer fazer aquilo que for mais dignificante, mais proveitoso, mais construtivo, em benefício próprio e do semelhante, ou seja, deve querer o valor mais alto, de acordo com a sua sensibilidade de consciência.

É somente em função dessa consulta e desse querer que poderemos dizer isto é lícito, isto é bom, aquilo é ilícito, aquilo é mau, escutando a consciência própria, sem subserviência à consciência alheia.

A faculdade do livre-arbítrio não foi criada pela Inteligência Universal: ela é, sim, uma faculdade comum a todos os seres, isto é, ao Ser Uno, Integral e Total (Inteligência Universal, ou I) e aos seus indivíduos (suas parcelas individuais inteligentes).

“O indivíduo é livre quando decide os seus objectivos e utiliza os seus recursos sem estar submetido ao arbítrio de outrem” (Ph. Nemo).

Onde esta faculdade está disponível, ou onde já despertou para se desenvolver, ela dá ao ser liberdade plena para fazer quer acções para o bem, quer acções para o mal, sem esquecer que o sentimento e o pensamento antecedem qualquer outra determinação espiritual. Para controlar e orientar acertadamente tal faculdade, os seres terão que pôr em uso a vontade e o raciocínio próprios, na certeza de que o bom uso do livre-arbítrio está dentro da capacidade de cada um.

Essa faculdade é suspensa quando o indivíduo fica temporariamente interditado de decidir o que quer e de se servir dos seus recursos próprios, sempre que se trate de eliminar um mal, como é, por exemplo, a companhia danificadora dos seres encarnados, pelos espíritos do astral inferior.

Os espíritos quedados temporariamente no astral inferior servem-se de “pessoas de vontade fraca, que usam como instrumentos passivos para a consumação dos seus atos” (323). Muito cuidado, então, com as dores morais, e com os pensamentos de fraqueza, que precisam ser revertidos sem demora, não esquecendo que pela elevação do pensamento podemos atrair os revigorantes eflúvios do Astral Superior (cf. 320).

“A iniciativa [impulso criador do progresso, como que uma mola latente no espírito ou por ele accionada] nasceu com o livre-arbítrio. Ela se projeta com a liberdade do pensamento. Cabe, no entanto, não só fazer bom uso do livre-arbítrio, como imprimir, em todas iniciativas, o cunho de superioridade que elas requerem, para se tornarem, como devem, um sustentáculo da evolução”. “As criaturas precisam aprender que a vida terrena não é de gozos e passatempos, e, sim, de trabalho, ação e movimento” (127; 138).

É próprio do raciocínio elucidar a mente; é próprio do livre-arbítrio escolher, seleccionar, a acção para o bem ou para o mal; é próprio da vontade tornar explícito e actual aquilo que o livre-arbítrio quis que fosse feito; é próprio da consciência espiritual ou moral reflectir todos os actos do espírito, julgar e lavar a sentença, aprovando tudo o que traduza amor ao próximo, e condenando tudo o que seja discordante dessa lei.

Não é de hoje a presunção obsessiva de certos cientistas e filósofos em negar ao ser humano o livre-arbítrio. Para nós, porém, esta faculdade fundamenta a dignidade da alma humana, ao conferir-lhe a liberdade de participar activamente na grande obra da evolução universal, já sem necessidade de obedecer cegamente à força do instinto. Diz Pierre Lecomte du Noüy que,

- a) “depois de ter obedecido cegamente, durante dezenas de milhares de anos, a leis inelutáveis, um certo grupo de se-

res vivos diferenciou-se fisiologicamente dos outros e encontrou-se na frente de novas obrigações. Ordens novas, contraditórias das precedentes, lhe foram impostas, todas restringindo o domínio do seu gozo, dos seus prazeres físicos. Como não se havia de revoltar contra essa autoridade [a consciência moral] que ele não conhecia ainda?

- b) Semelhante ao cavalo selvagem que reage violentamente contra o freio, mas diferenciando-se [o homem] do animal em que é ele próprio [homem] que se impõe o freio, continuando todavia livre para o tirar ou para a ele se submeter, o homem tornou-se automaticamente senhor de si próprio, e é deste autodomínio, baseado na liberdade de escolher entre a satisfação dos apetites e o voo para a espiritualidade, que nasce a Dignidade Humana” (1304).

“É (...) certo (1º) que às vezes poderíamos ter agido de modo diferente se o tivéssemos escolhido, (2º) que, igualmente, às vezes escolheríamos diferentemente se tivéssemos escolhido ‘escolher’, (3º) que seria quase sempre possível que tivéssemos escolhido diferentemente”; “**poderíamos** às vezes ter actuado realmente de modo diferente, **se o tivéssemos querido** de modo diferente” (G. E. Moore).

Mas, e a LNI do livre-arbítrio, o que é? – No essencial, esta lei – criada por I, como as demais - determina eternamente que:

- a) o ser deve escolher fazer apenas acções para o bem e cuidar-se para não confundir acções para o bem com acções para o mal. I (Inteligência Universal) dá o exemplo de cumprimento desse dever, e é nesse sentido que ele,

através das Forças Superiores, influencia as nossas consciências, continuamente, sempre que vibramos em concordância com essas Forças e, assim, com I, visto que não lhes cabe intervir directamente no livre-arbítrio de cada um;

- b) “a faculdade do livre-arbítrio começa a despontar [no indivíduo, onde estava enclausurada e adormecida] quando a partícula inteligente ascende à fase evolutiva que lhe dá condições de encarnar em corpo humano. Nessa fase, como é compreensível, o conhecimento sobre o processo da evolução é incipiente. A pessoa, porém, já possui consciência do bem e do mal” (320);
- c) “ninguém pode defraudar, sem arcar com as penosas consequências da lei suprema da liberdade, da lei do livre-arbítrio” (108), consequências essas que estão taxativamente indicadas, fora de qualquer incerteza, nas LNI, para os actos praticados e as palavras proferidas pelos seres.

A consciência espiritual aponta-nos o caminho do melhoramento dos hábitos pessoais e dos costumes generalizados no meio social, se quisermos favorecer e promover a evolução humana.

Alexis Carrel era de opinião que “cada pessoa devia registar todos os dias o bem e o mal por si praticados. Acima de tudo devia tomar nota de quanta alegria ou tristeza, ansiedade ou paz, ódio ou amor, deu aos seus familiares e vizinhos. É pela paciente aplicação destas técnicas que a transformação dos nossos corpos e almas se torna gradualmente em realidade” (cf 1706).

Mas, para isso termos que adquirir o hábito do raciocínio lógico, livrar-nos de vícios e maus costumes e reprimir sem tréguas os sentimentos inferiores. Com efeito, quem tem curta capacidade de raciocinar, quem alimenta vícios, maus costumes e sentimentos inferiores, recobre-se a si mesmo de vibrações ruins, que o empurrarão para cometer procedimentos reprováveis (cf 320).

“Este mundo-escola está repleto de tentações: cada vez que o espírito vence uma, dá um passo em frente e adquire mais poder [ou, cresce em poder]. Assim, também cada vez que se deixa levar ao sabor de uma tentação, dá um passo atrás, e torna-se mais fraco” (138).

“O espírito vibra com a intensidade correspondente ao seu grau de progresso. Quanto maior for essa intensidade, mais acentuado é o conhecimento da vida, mais evidente o poder de ação espiritual, mais seguro o controle dos atos humanos e mais apurado o uso do livre-arbítrio” (320).

Qualquer ser humano esclarecido sobre a sua constituição como espírito e corpo, esclarecido razoavelmente sobre a força e inalterabilidade das LNI e, em particular, esclarecido sobre o risco que corre de ser avassalado por espíritos do astral inferior se não cuidar bem dos seus pensamentos, sentimentos e procedimentos, apercebe-se da possibilidade e necessidade de usar o seu pensamento e a sua vontade, em favor de si próprio e do semelhante, “para o estabelecimento de uma vida em harmonia com as irrevogáveis leis da natureza” (310).

As LNI estão eternamente presentes e latentes no âmago de todos os seres ou coisas do Universo, daí termos a obrigação de avaliar regularmente se estamos em harmonia ou em de-

sarmonia com as vibrações categóricas dessas leis. Estar em vibração harmónica com as LNI é, necessariamente, estar em vibração concordante com as Forças Superiores e com a Inteligência Universal, e vice-versa.

Note-se que, se alguns querem fazer mau uso do seu livre-arbítrio, outros estão no seu direito de fazer, em contrabalançamento, bom uso do livre-arbítrio, na chamada luta do bem contra o mal.

“Se as leis espirituais permitissem que as criaturas encarnassem sem a possibilidade de se defenderem, com êxito, das artimanhas do mundo, seriam insensatas. Como, no entanto, ninguém pode admitir esse absurdo, fica evidente que os que caem, que baqueiam, que se afundam no trajeto da existência terrena, são vítimas de si mesmos, da sua falta de atenção, da indolência mental que adquirem com o mau uso do livre-arbítrio” (151).

Isto quer dizer que são as nossas capacidades inatas que nos colocam na posição legal de responsáveis pela evitação ou pela normal aceitação das consequências dos nossos erros de conduta, assim como recebemos com alegria as compensações íntimas das nossas acções nobilitantes.

Antes da fase humana da evolução dos indivíduos, não se aplica o conceito de Moral, pois antes dessa fase a lei do livre-arbítrio não é aplicável, visto que ainda não existe a possibilidade de o indivíduo reconhecer, distintamente, as orientações da consciência própria e, bem assim, de julgar os próprios actos, sem mentir a si mesmo.

O livre-arbítrio é uma faculdade espiritual que “tanto pode servir, se bem aplicada, para que se cumpra na Terra a rota preestabelecida no Astral, como pode prestar-se, se mal aplicada, para desviá-lo dessa rota e entregar-se o ser ao gozo efêmero das atrações terrenas” (ver mais em 157).

“Grande parte da humanidade pouco sabe a respeito do livre-arbítrio. Muitas pessoas acreditam que a vida [ou, a jornada do espírito que encarna na Terra] se limita a uma única passagem por este planeta e por isso agem de maneira inconsequente, o que contribui para a perda preciosa das oportunidades que este mundo-escola oferece para a evolução espiritual”. “O que se impõe, acima de tudo, é a necessidade imperiosa e inadiável de cada pessoa enfrentar com determinação, coragem e valor os problemas e responsabilidades da vida” (320).

A missão essencial, imprescindível, da educação do ser humano deve ser, invariavelmente, a de formá-lo ou prepará-lo para um viver livre, responsável e criativo, em benefício próprio e do semelhante.

“Para manter na devida ordem todos os assuntos que se relacionam com o viver terreno, muito há que se raciocinar e meditar em cada dia, e os que assim não procederem erram, a cada passo, promovem sofrimentos [desnecessários], acarretam prejuízos, como a perda prematura do corpo físico, acumulando dívidas morais para resgate, mais tarde, em condições penosas” (326).

“É longa, sem dúvida, a jornada do espírito pela Terra, em sucessivas etapas. Todas elas, porém, poderão ser galgadas sem repetições, se os princípios racionalistas cristãos forem

rigorosamente observados, e deles faz parte destacada o bom uso do livre-arbítrio” (320).

VIII - Lei da reencarnação

O indivíduo, quando chega ao patamar de espírito, ou alma do ser humano, tem necessariamente gravado no seu corpo fluídico (subconsciente) “todas as qualidades distintas, características das espécies animais; qualidades que são condições absolutamente indispensáveis, à manutenção da vida para cada um deles; para este a audácia, para aquele a timidez; ora, a ostentação, logo o disfarce; e assim: a astúcia, a ganância, a velhacaria, a versatilidade, a hipocrisia, a imprudência, a vaidade, o orgulho, a teimosia, a ferocidade, e muitíssimas outras, que o estudo da vida dos animais, tem patenteado: as quais são virtudes nos animais e vícios no homem”;

“Além dessas disposições viciosas, oriundas do processo de sua formação, outras são criadas, hauridas no meio em que se desenvolve o espírito, provenientes de suas relações e muitas outras circunstâncias; tais são: a ambição [desmedida], a mendacidade, o latrocínio, a venalidade, a maledicência, a luxúria, o fanatismo, o cepticismo etc., os atentados aos bens, à honra e à vida dos seus semelhantes” (1009).

“O desejo é uma força que pede consumação, e os que estão apegados a alguma ansiedade terrena, desejam viver na Terra até se saturarem dela. (...) Nessa saturação entram em jogo o egoísmo, a vaidade, a presunção, a pretensiosidade, o orgulho, a ostentação, a prepotência, e demais atributos negativos, até que todos sejam queimados no cadinho do sofrimento” (146).

"É nela e só por ela [a lei da reencarnação], que a alma humana pode, perlustrando a via da perfectibilidade, realizar o seu progresso, aperfeiçoar-se, depurar-se e elevar-se na escala dos seres à categoria angélica de espírito puro" [ou, categoria dos espíritos que já não mais precisam de tomar um corpo material denso, para prosseguir a sua evolução] (1010).

"A reencarnação, além de ser uma necessidade, pois que sem ela o espírito não pode aperfeiçoar-se [como é sua obrigação]; é também o meio de que ele pode socorrer-se para reparar as suas falhas, provando assim um arrependimento sincero" (1010).

"Alguns espíritos, ansiosos por reencarnar, aceitariam até as piores condições físicas, contanto que, reencarnados, pudessem eliminar as nódoas impuras da sua natureza astral"; "Não se pode, dentro das leis espirituais, provocar abortos, a menos que essa medida tenha de ser imposta para salvar a vida da genitora. O espírito encarnante sofre durante as consequências do aborto, e nenhum sofrimento pode ser levado a outrem, sem que, ordinariamente, o reflexo volte multiplicado ao agente" (147).

Afirma o Racionalismo Cristão que "o espírito tem até o terceiro mês para decidir se segue em frente irradiando de forma mais intensa, através dos cordões fluídicos, o seu futuro corpo físico. Muitas vezes, nesse período, a mulher se descuida, comete exageros. A matriz etérica, o esboço do corpo físico, precisa ser revitalizada, energizada com fluidos benéficos através de pensamentos elevados e de alimentos saudáveis.

A partir do terceiro mês de gestação, se tudo estiver de acordo com o planejamento astral do espírito que irá encarnar,

ele segue o processo naturalmente, encarnando no momento certo” (2005). Eis porque até ao terceiro mês de gravidez acontecem muitos abortos espontâneos.

O mundo-escola Terra oferece aos seus aprendizes um acervo de conhecimentos que formam o cabedal, os tesouros, da humanidade. Ora, a captação segura e total desses tesouros não estaria ao alcance de um espírito que encarnasse uma única vez. Além de que é com o estudo continuado que a inteligência se desenvolve ou evolui, conferindo ao espírito maior aptidão para adquirir e dispor dos conhecimentos que são postos à sua disposição, dentro e fora das estruturas académicas.

É também neste mundo que “o indivíduo, na cadeia imensa de suas reencarnações, faz as experiências [ou, a passagem consciente do indivíduo por determinadas situações ou relacionamentos, de qualquer natureza, mas cheios de sentido] de pobre, de rico, de servidor braçal, de mentor intelectual, de patrão, de empregado, de homem, de mulher, e cumpre milhares de atribuições inerentes àqueles exercícios. Por esta razão encontra-se na Terra, para cursos experimentais, toda essa variedade de misteres e afazeres, cada qual correspondendo às necessidades adequadas” (145).

Quando o aluno perde o ano, seja por que motivo for, o pai ou a mãe não o priva de repetir o curso, antes anima-o, compele-o mesmo a fazê-lo. “Por que, pois, há-de o Grande Foco, impedir suas partículas (...) de repetir o curso desta escola, privando-as assim do único recurso, de que podem dispor, para aprender as lições Racionais e Científicas já explanadas por Cristo, e que também ensinou-nos a amar ao próximo como a nós mesmos?” (1010).

Os materialistas dizem que a vida humana consiste, tão-somente, em “nascer, viver, morrer”. Os espiritualistas acrescentam: “tornar a nascer e renascer ainda; progredir sempre”. A reencarnação é, com efeito, uma necessidade que todo o espírito está obrigado a satisfazer, a fim de se livrar dos vestígios animais e das faltas e falhas cometidas em anteriores encarnações, ao mesmo tempo que se esforça e persevera por sincronizar as suas vibrações com as da Inteligência Universal, esforço esse que recebe o nome de espiritualização.

“A espiritualização começa a ser promovida na Terra, e só então poderá prosseguir no Espaço. Assim, enquanto os habitantes deste orbe não derem início à ação espiritualizadora, terão de reencarnar, tantas vezes quantas forem necessárias, até resolverem dar esse passo” (111).

Para que o indivíduo chegue a ser luz puríssima semelhante ao Grande Foco, tem de aperfeiçoar-se, dia a dia, deve purificar-se, e, neste sentido, a lei da reencarnação não pode ser frustrada, todos os espíritos devem submeter-se, absoluta e necessariamente, a ela.

A vida na Terra confronta-nos com certos contrastes que, na aparência, contradizem a infalibilidade das LNI. Muitos são os "bisbórrias" maldosos, incorrectos, imorais, vingativos, desonestos, que parecem ter encontrado na Terra o seu paraíso. “Altos dignitários poderão ser, em vidas subsequentes, lixeiros, carregadores, e varredores, para compensarem, nos pratos de equilíbrio da balança, o contrapeso da vaidade, do orgulho, da prepotência e da presunção” (145).

Seja o que for que permaneça erradamente agregado ao espírito e ao seu corpo fluídico – constituindo uma impotência,

fraqueza, erro latente, imperfeição ou inferioridade transitória - terá que ser infalivelmente eliminado, substituído ou retocado, geralmente pelo processo das reencarnações, tantas quantas sejam precisas.

IX - Lei do equilíbrio

Na observação dos fenómenos da natureza e do que se passa connosco, constatamos pares de fenómenos afastados entre si, mas que balizam, enquanto extremos, um fenómeno médio equidistante desses extremos, frequentemente designado por “meio-termo”: o claro se opõe ao escuro, o seco ao molhado, o quente ao frio, mas, no meio-termo, encontra-se a penumbra, o húmido e o morno, respectivamente (cf 2006).

Um excesso de álcool é mau para o cérebro e para o fígado; um excesso de prazer físico acarreta uma depressão profunda; uma ausência ou escassez de actividade útil traz sérios malefícios à existência.

Uma das características essenciais e eternas do espírito, designa-se por senso de equilíbrio, ou a capacidade de se dar conta de estar - entre os extremos - apumado em concordância com ideais construtivos elevados, nas suas atitudes, juízos, emoções e actos, em qualquer condição episódica da vida. Quando a pessoa constata em si mesma um estado de inteira submissão ao princípio da harmonia do conjunto, ela sente-se “equilibrada” e, em consequência, feliz.

No Universo, em geral, todos os corpos e fenómenos estão em movimento e em interacção, uns relacionados aos outros, mas cada elemento é conectado e exactamente regulado com a sua vizinhança, próxima ou afastada, como condição-chave para a obtenção da normalidade geral e particular.

Esta é uma determinação eterna, designada por lei do equilíbrio: “O universo inteiro actua em perfeito equilíbrio e harmonia com cada uma das partes que o compõem. Há justamente o necessário de cada coisa para que o conjunto trabalhe em unísono e com sucesso” (1707).

A vida equilibrada em sociedade exige que cada membro se relacione com os demais em pé de igualdade, fraternidade, colaboração e cooperação, para que os desentendimentos possam ser prontamente concertados e a animosidade não tenha mais lugar.

A noção de meio-termo é imprescindível no processo de formação do carácter. “Na definição das linhas do carácter, todos deverão considerar o meio-termo, a posição equidistante dos extremos, em que o equilíbrio se estabelece e refulgem as **qualidades**, os **ideais construtivos**, que engrandecem o espírito, fazendo-o crescer na escala ascendente da evolução [quer dizer, aumentar a intensidade da sua vibração, com tudo o que isso implica]” (321; ver também 320).

Tal processo inicia-se com “prolongados períodos de meditação em numerosas existências, ao longo das quais as observações e conclusões vão amadurecendo sob a árdua prova da experiência. Só depois de incontáveis desenganos e de sofrer muitas injustiças e ingratidões é que a pessoa mede, no íntimo da sua natureza espiritual, a extensão das imperfeições humanas contra as quais passa a se insurgir.

Assim, de repugnância em repugnância às mazelas morais, ela vai-se libertando das ações inferiores [ocasionadas por extremos a abandonar, tais como o medo e a temeridade, a malquerença e a adoração, a prodigalidade e a avareza, ...] para colocar-se, por convicção haurida do esclarecimento, nas linhas rígidas de uma **conduta modelar**.

A posição de equilíbrio na satisfação de duas ou mais necessidades distintas, mas igualmente imperiosas, situa-se sempre entre dois extremos: em lugar de atender exclusivamente a uma delas, com total descaso pelas outras, esse atendimento irá situar-se num meio-termo, equidistante dos extremos, a fim de servir comedidamente a todas elas, na medida justa e exacta para cada uma.

“Numa empresa industrial nem sempre o objectivo será [simplesmente] produzir o maior número de peças; tratar-se-á, naturalmente, de produzir o maior número de peças utilizáveis e que seja compatível com as necessidades de uma conveniente manutenção das máquinas e com limites de fadiga razoável para o pessoal” (1206).

Dentro do lar, um extremo seria cada cônjuge fechar-se na respectiva competência e ignorar as dificuldades do companheiro no desempenho das suas funções; coloca-se no extremo oposto quem procura inverter os papéis, intrometendo-se nas atribuições que lhe não pertencem.

No lar, então, onde são todos por um e um por todos, é que a colaboração deve se exprimir com as cores mais vivas. “O fato de existirem competências definidas nas atribuições dos sexos, não vai ao extremo de impedir a colaboração; esta é útil e necessária” (132). Não devem uns ficar refastelados sob qualquer alegação, desde que haja saúde, enquanto outros se esfalfam.

A lei do equilíbrio também precisa, como todas as leis, ser respeitada. Não se querará saber no lar, se a atribuição é sua ou não, porque o que falará mais alto é o dever da ajuda, da solidariedade, da cooperação (ver o. c., idem).

O ser humano é, sem dúvida, um complexo de elementos psíquicos e materiais interactuantes. “O equilíbrio espiritual tem uma grande importância no sucesso da vida material e a desorganização, a perturbação, a falta de controle, a falta de ordem e método da vida material, perturba a vida espiritual. Todo aquele que tem uma vida moderada e metódica possui equilíbrio espiritual, lucidez de raciocínio, critério, calma e ponderação. Todo aquele que tem vida moral equilibrada possui vida material normalizada” (216).

Os seres equilibrados revelam-se pelas suas atitudes ponderadas, reflectidas, pelo seu critério e bom senso, pela sua calma, serenidade e moderação. São “conselheiros prudentes, habilidosos, que não se deixam enrascar nas malhas da confusão e gostam de analisar fatos, ponderar sobre as hipóteses, e concluir acertadamente” (152).

Equilíbrio do conjunto, quer dizer o estado geral preferencial a outros possíveis, em que todos os elementos são regulados e estabilizados numa linha comum de recíproca acomodação.

A solução mais equilibrada para um problema complexo, incluindo níveis e subníveis de realidades interpenetradas, e em que os comportamentos de cada elemento são condicionados diferentemente pelos seus diferentes relacionados, é aquela que produz a mais valiosa conjugação de valores, isto é, de conquistas altamente importantes e desejáveis, para quem está directa ou indirectamente envolvido e afectado com a questão que precisa ser eliminada racionalmente.

Nas controvérsias, “a arma superior, é a Razão [ou, neste contexto, o discernimento justo e congregador das almas ver-

dadeiramente esclarecidas]. Ela precisa ser descoberta, com o raciocínio bem trabalhado e, do lado em que ela estiver, estará a solução do problema, o ganho de causa, a justiça que todos precisam respeitar” (125).

“A razão, como a verdade, é uma só, e não pode pertencer a dois partidos antagônicos. Quando se tem a razão como cúpula, debaixo dela se acomodam, cordial e harmoniosamente, todas as almas verdadeiramente esclarecidas” (153).

“Aquele que estiver sem razão, situa-se numa posição falsa. Mesmo que consiga uma vantagem aparente e superficial sobre a razão, estará perdendo, porque esta se conserva em linha de equilíbrio e todos os acontecimentos que se projectarem fora dessa linha, voltam a ela ou nela se encaixam, em mais ou menos tempo” (153).

É preciso que cada um rejeite e vença as influências dos espíritos do astral inferior, para poder pensar e deliberar a salvo das perturbações que esses marginais podem provocar. É que as vibrações produzidas e os fluidos energizados pelas forças do astral inferior tornam o ambiente turbulento, pesado e enfermiço. É sabido que os desequilibrados mentais tendem a pensar em função de categorias arbitrárias, sem lógica, obedecendo às intuições absurdas que recebem dos seus obsessores.

“Fora do Racionalismo Cristão não se dá a assunto de tamanha magnitude a importância que ele tem, razão por que o equilíbrio dos indivíduos não é tão comum” (...). “Os bem intencionados, aqueles que se esforçam por contribuir, com humildade, para o bem geral dos seres, contam com a boa

assistência astral, e sempre que a sua natureza penda para a posição de equilíbrio, aí estarão as Forças do Astral Superior concorrendo, com os seus poderes, para a efectivação dos nobres ideais” (152).

O equilíbrio das nações tem por princípio natural e lógico o equilíbrio dos indivíduos, que precisam aprender a atingir e a conservar o seu equilíbrio económico, social e administrativo, a fim de não criar desarmonia no conjunto em que estiverem inseridos. Os princípios espiritualistas aí estão para que, sendo aplicados no dia-a-dia, ajudem os seres na conquista do hábito de viver equilibradamente – sem desmandos, sem irregularidades, sem desarticulações evitáveis com a linha do equilíbrio. “Antes de poder participar da harmonia com os outros, precisamos estar em harmonia com nós mesmos” (1603).

O termo equilíbrio é usado em todas as ciências. Fala-se, por exemplo, de equilíbrios económicos, equilíbrios financeiros, equilíbrio de uma sociedade, equilíbrio de uma cultura, equilíbrio de um sistema de forças, equilíbrio de um agrupamento lógico. A conexão e a coerência recíproca dos elementos integrantes de um mesmo todo, tendo como objectivos a estabilização, ou a adaptação, ou a integração, ou a animação moderada da marcha para a finalidade comum, é tudo o que é preciso fazer para que prevaleça o equilíbrio nas diferentes actividades humanas.

As energias estabilizadas nos campos e corpos, estão sujeitas a fluir (a serem movimentadas de um para outro campo ou corpo), cumprindo em particular a LNI do equilíbrio, por meio da mobilização de partículas materiais (densas ou fluídicas) carregadas de poder animador e modificador, seja por

iniciativa de I ou dos seus indivíduos e, de um modo ou de outro, sempre rigorosamente dentro do que as LNI predeterminam.

“... no Universo as forças procuram situações de equilíbrio, e quando se deseja que do potencial maior – Forças Superiores, desçam energias para o potencial menor – seres encarnados, cumprem-se razões de equilíbrio da esfera espiritual” (108).

Equilíbrio no viver, traz harmonia, paz de espírito, esperança num futuro promissor, menos projectos inacabados, menos fracassos, menos problemas de relacionamento, menos sofrimento; desequilíbrio, traz doença, miséria, desgraça, relacionamentos difíceis, mais angústias, mais sofrimento.

“Conquistar a orientação de equilíbrio é cercar-se o ser de uma firme estabilidade com a qual poderá contrapor-se, eficientemente, aos embates destruidores do contra-senso, da indisciplina e da imoralidade” (152).

“O senso de equilíbrio consegue-se aos poucos, com esforço, desejando-o pela consciência que se tiver do seu valor. É atributo do espírito e, portanto, eterno”. “No fim de certo tempo, sobressaem-se as criaturas portadoras do senso do equilíbrio acumulado por parcelas cuidadosamente agregadas, no correr de várias existências” (152).

“É o que torna o homem magnífico ... Considerar-se como um elemento harmónico de um maravilhoso conjunto” (Samuel Taylor Coleridge). “Quando estamos de harmonia conosco próprios andamos com aspecto natural, físico e mental trabalhando em harmonia. Então, sabemos o que é a felicidade” (1707).

X - Lei das influências

Aviso: - A generalidade dos parágrafos que se seguem, foram extraídos do livro *A Morte Não Interrompe A Vida*, tema *As Influências*, do Eng. Luiz de Souza.

Um emissor E, influencia um receptor potencial R, quando E leva até R, ou até ao interior de R, alguma quantidade de energia, boa ou má, que afecta R, para o bem ou para o mal. É esse poder de influenciar (de E), e essa susceptibilidade de ser influenciado (de R), que são regulados pela lei das influências: as benéficas, devem ser atraídas, exercidas e integradas no estilo de vida; as nocivas, devem ser evitadas, combatidas, dissipadas, ou desenergizadas.

A boa educação espiritual, de si mesmo por si mesmo, consiste em saber atrair as influências que beneficiam, para fecundação de boas obras, e repelir as influências nocivas ou indesejáveis. As influências más apresentam-se de modo atraente, induzem encantamento, atentando para a vaidade ou o egoísmo, com o fim de forçar a entrada, pela porta mais vulnerável.

“O mundo físico à nossa volta revela, entre seus diversos componentes, grande quantidade de interações e influências. A ciência, na tarefa de identificar as leis que regem essas interações e entender a lógica a elas subjacente, tem procurado congregá-las num só princípio que as sintetize e as unifique. O Racionalismo Cristão, por outro lado, transpondo os limites das considerações estritamente materiais, explica-nos que tudo, em última análise, é consequência de um processo evolutivo cuja tessitura é obra da Inteligência Universal” (316).

“O poder é atributo de um indivíduo ou de um grupo. A palavra significa a força, ou intensidade de influência, que um grupo ou um indivíduo são capazes de exercer” (Wilfred Brown). Porém, a eficácia da influência dum força aplicada, varia com o modo mais ou menos inteligente, mais ou menos lúcido e criativo, como ela é aplicada, sobretudo nas competições.

As pessoas irradiam pensamentos, bons ou maus, e estes vão no sentido de influenciar, bem ou mal, outras pessoas, visto que ninguém está absolutamente blindado contra tais influências. Qualquer um pode ter os seus pensamentos, sentimentos e procedimentos modificados, positiva ou negativamente, por influências vindas de fora.

As vibrações emitidas recorrentemente sobre as coisas e lugares, nelas ficam impregnadas e acumuladas, e são portadoras de **influências (boas ou más) e informações**. Ao manusear essas coisas e ao frequentar esses lugares, certamente sofreremos consciente ou inconscientemente as influências que delas emanam espontaneamente.

A Inteligência Universal, agindo absolutamente em conformidade com as suas determinações eternas, envolve todos os seres, por toda a parte, com uma contínua influência benéfica, fortificadora e iluminadora. Nenhum ser pode fugir, de todo ou interminavelmente, a essa força envolvente e penetrante.

As influências governam o mundo, e imperam no Universo agindo como leis eternas, naturais e imutáveis, por serem forças em constante movimento, que devem, por isso, ser estudadas, analisadas e aplicadas com conhecimento de causa, para produzirem os benefícios que delas se possam esperar.

A luz astral representa a Inteligência Universal, Força Criadora. Os espíritos desencarnados, mas já em estado normal, enxergam coisas, factos e fenómenos, nos campos onde podem actuar, através da luz astral que penetra todos os corpos, até o mais ínfimo lugar do espaço (cf 302).

Quando nos candidatamos a ser receptores dóceis da sua Luz, “... O Grande Foco surge em nossa consciência, clarividência o espírito, mostra-nos a razão” (1009).

As influências manifestam-se de indivíduo para indivíduo, como de nação para nação; muitas nações foram arrastadas à guerra, por força de influências indiscutivelmente egoístas.

Acontece na vida que certos indivíduos ou grupos possuem força suficiente para exercer predomínio sobre outros indivíduos ou grupos. Os tiranos fazem prevalecer o seu eu voluntarioso e intransigente, pouco se lhes importando a voz da razão. Incorrem num crime, cujas formas de consequências ficam desde logo sentenciadas para o criminoso, pela lei de causa e efeito.

Mas, quem vibra amor espiritual, valoriza a felicidade daqueles a quem ama, pelo que emite em sua direcção boas influências. Quando o amor é recíproco, estabelece-se uma corrente que impregna as almas das mais salutares influências.

O espírito, quando encarna, isola-se do seu passado, esquecendo-se por completo das anteriores encarnações, apenas retendo em seu subconsciente a experiência, ou, neste contexto, a bagagem espiritual resultante das provas pelas quais passou, e as tendências (pendores, propensões) resultantes do uso que fez do seu livre-arbítrio (cf 319), tendências essas que serão despertadas e revividas no presente, desde que actuem sobre elas influências eficazes.

As influências más devem ser prontamente contidas ou afastadas, venham elas de quem vierem, do plano físico ou do astral inferior. Particularmente, devemos ter cuidado com a pretensão dos outros em querer incutir-nos o seu modo de pensar, não necessariamente melhor que o nosso, ou em persuadir-nos com o seu modo de agir, nem sempre o mais recomendável. Só as criaturas sem personalidade madura é que aceitam qualquer directriz que lhes pareça atraente, apelativa, segundo as suas imperfeições morais.

As influências existem, na realidade, formam correntes, e, pela força do pensamento e a ação do sentimento, são atraídas ou repelidas. Os bons pensamentos que originam as boas influências, são os mesmos que formam as correntes do bem.

Os portadores das mesmas tendências encontram afinidades entre si, unindo-se por isso, em grupos, e fazendo-se amigos e companheiros. Quando as tendências são más, o grupo é também mau, e as influências que exerce são sempre perniciosas.

Estes grupos maus formam correntes de pensamentos comuns, e os sentimentos por eles externados reflectem o estado de suas almas mal intencionadas, com vibrações ligadas às do astral inferior, de onde recebem influências da pior espécie. Tais grupos, por serem focos de disseminação do mal, devem ser isolados, mentalmente, quando não se puder dar outra solução.

O mal que alastra nos grupos humanos, age como vírus contaminante; há sempre almas mal preparadas, por falta de lares esclarecidos em seu meio, que se sentem traiçoeiramente atraídas pelo mal que passa de pessoa a pessoa, e são estas que se aproximam de grupos nocivos.

Nestas circunstâncias, todo indivíduo precisa estar atento, bem escudado na sua força de acção, para não se deixar envolver pelas malhas traiçoeiras dos agentes do mal, as quais estão espalhadas por toda a parte, em armadilhas perigosas, para nelas colherem os desprevenidos, os incautos, os imprevidentes, os que vivem, embora acordados, como se estivessem dormindo.

Aquele que traz consigo um fardo pesado de tendências más, acumuladas no passado, pode influenciar o semelhante a seguir pelo seu desvio moral, se ele escolher dar mau uso ao seu livre-arbítrio; mas também pode aceitar aquilo que, para ele, é uma tentadora influência, do seu igual, que viveu desajustado nas vidas anteriores. O mal que o indivíduo causa ao seu semelhante, é produto de más influências com as quais se casa a vítima, na maioria das vezes, por inaptidão para repeli-las.

Com tais indivíduos é preciso ter uma dupla cautela para ajudá-los, e evitar que os maus pendores afluam, procurando, para isso, exercer sobre eles uma influência benéfica, fortificadora e esclarecedora. Por outro lado, urge vigiar as companhias, para afastar as perigosas, que façam reviver velhos e condenáveis costumes.

Assim como os animais inferiores são domesticáveis, os seres humanos impregnados de maus hábitos e de erros latentes, também são passíveis de receber educação e ensinamentos reformadores, por força de influências benéficas.

A acção educacional é tarefa difícil, por exigir argúcia, atenção e penetração psicológica. Logo na infância, pelo estudo

das tendências, não é difícil descobrir se o adolescente tem força moral suficiente para reprimir os impulsos negativos da alma, ou se precisa de muita ajuda para contê-los nos limites de uma conduta recomendável.

É pela influência de pais, professores, irmãos e amigos, que as criaturas se tornam melhores ou piores do que já foram, isto é, o melhoramento do carácter das pessoas pode ficar a dever muito às influências que receberam nesse sentido, a somar aos esforços próprios.

Os lares valem, pelo que ministram em influências salutare; as escolas acreditam-se, pelas doses de ensinamentos lapidares que aplicam aos alunos; os chefes valorizam as suas acções dirigentes, sempre que inspiradas por influências sublimadas.

Essas influências podem modificar, inteiramente, o curso de uma encarnação. Elas devem ser aplicadas beneficemente, com suavidade, de modo educativo, amorosamente até, predispondo o livre-arbítrio a aceitá-las, para que o indivíduo se sinta bem com a orientação que deverá satisfazer a sua própria consciência.

Os seres que se encontram espiritualmente educados e desenvolvidos, estão aptos a exercer a sua influência de forma eficiente e construtiva, levando ao seu semelhante as mais proveitosas lições de vida, oferecendo-lhe os exemplos mais dignificantes e dando demonstrações reais e plenas da superioridade do espírito.

Quem se põe a receber e a absorver boas influências, coloca-se em condições de também transmitir a outrem aquilo que

de bom recebe, e assim colaborar para a melhoria geral dos que vivem neste mundo.

Os verdadeiros praticantes do espiritualismo, afinam as sensibilidades da alma, apuram os sentidos, inclusive a percepção sensorial intuitiva, e, como resultado, torna-se a pessoa cada vez mais apta a absorver as boas influências, e a fazer bom uso delas.

Os indivíduos que não adoptam um código de princípios que lhes sirva de guia para a conduta, precisam andar influenciados por pessoas de bem, que saibam dar-lhes o indispensável roteiro para a sua jornada terrena.

Os códigos milenares dos grandes princípios de conduta da vida humana, até hoje exercem boas influências na vida dos povos que os adoptam. São as influências emanantes dos princípios elevados que mantêm o mundo habitável, pela contenção ou afastamento das correntes do mal.

As expressões da verdade sintonizam com a consciência inata do bem; elas têm poder penetrante e convincente, casam-se com o sentimento situado no âmago do ser, cuja natureza substancial é realmente pura, e a sua influência se faz sentir com proveitosos resultados naqueles que desejam, sinceramente, absorvê-las.

A imprensa exerce poderosa influência na mentalidade humana, assim como as “máquinas” sofisticadas de publicidade e de propaganda.

A imprensa, pela sua influência, é capaz de, por si só, operar reformas, conter desmandos, desvendar a verdade dos factos e contribuir para defender a moralização dos costumes.

Os que não se resguardam das suas invectivas, podem, sem querer, ficar envolvidos nas ondas convulsivas das opiniões em debate.

“O fato de muitas pessoas se interessarem por notícias sobre crimes e tragédias é um reflexo inequívoco da falta de esclarecimento espiritual atual da humanidade. São vítimas de sua própria ignorância e, inconscientemente, estão colaborando para a manutenção das correntes associadas àquelas notícias. Contudo, a ignorância não as exime de responsabilidade. Os espíritos do Astral Superior trabalham incessantemente para dissipar e desenergizar as correntes negativas. É dever do racionalista cristão não alimentar essas correntes” (601).

A união faz a força, como diz o aforismo, e há-de ser pela união das correntes formadas pelos bons pensamentos, imanizadas de boas influências, que a humanidade se irá transformando numa colectividade eleita para novas e promissoras tarefas. O espírito de colaboração deve corporificar-se, com aprovação unânime, para que todos se voltem para o mesmo fim, que é a conquista da felicidade.

A Terra é um lugar em que se trocam ideias e opiniões, uns necessitando de outros para levarem em diante iniciativas úteis. A intercalar todos os anseios e ideais estão as boas influências circulando, activamente, como que à procura do equilíbrio final.

“Um pensamento forte, bem irradiado e bem elevado é uma defesa para o espírito, é uma barreira que impede que sofra as consequências de um pensamento de mal, irradiado sobre si” (222).

XI - Lei de conservação da vida física

“A matéria, de que se forma o corpo do vivente [vegetal ou animal] não tem a mesma aparência, o mesmo aspecto, nem a mesma composição da que constitui os corpos brutos [os do mundo inorgânico, sem actividade própria, sem iniciativa]; sendo, não obstante, formada dos mesmos elementos; é uma matéria nova, matéria orgânica, matéria vitalizada, criada para formar órgãos”. (1001).

O organismo é um corpo composto de órgãos, um produto das forças biogénicas; é o instrumento da força vital, a fonte da vida da matéria orgânica.

“É um aparelho que varia ao infinito, desde uma simples peça – a célula vegetal – até a árvore; desde a célula animal – citode, amibo, monera, até o maravilhoso conjunto de peças combinadas com admirável precisão, dispostas com justeza e na maior harmonia, para satisfazer necessidades diversas, tendentes à realização de determinado fim: a formação de instrumentos da vida – os corpos dos animais” (1001).

No ser humano, “é o espírito, com as suas propriedades, que mantém coesas as moléculas do corpo humano ou físico. Essa coesão resulta da força do espírito que atua sobre a matéria” (109).

Do corpo humano pode dizer-se, seguramente, que “não há organismo material mais perfeito e mais admirável, em que melhor possa constatar-se a realidade da Força Criadora” (o. c., idem).

“O instinto é um movimento da alma, espontâneo ou provocado por uma impressão brusca, irritativa, do mundo exter-

no, que determina uma reacção a que o vivente [vegetal ou animal] obedece automaticamente; ele é a síncrese da [ou, o instrumento complexo resultante da conjugação da] sensibilidade com a motricidade, criada para defesa da vida; ele é luz, aviso, guia da criatura, principalmente a irracional [e flui principalmente através do corpo, que é impelido pelo instinto acordado]” (1011).

Os seres do reino vegetal e do reino animal dão-se a luta, batalham pela sua conservação como indivíduos em forma material densa, e como espécie. Essa luta decorre da aplicação instintiva, ou programada na natureza, da lei de conservação das espécies vegetais e animais. Cada um dos reinos da natureza tem a sua razão de ser específica e todos são necessários na sequência lógica do processo que vai dos corpos brutos até aos corpos humanos. Cada espécie é um laboratório imprescindível na escada da evolução dos organismos.

São dois os instintos principais: o da conservação e o da reprodução, sendo este como que uma evolução do outro. A necessidade imperiosa de defender a sobrevivência do corpo, mantém os seres em constante actividade, com repercussões positivas na sua evolução. No que toca ao ser humano, “a luta que se trava na vida é para a subsistência desse corpo físico, que precisa ser alimentado, vestido, abrigado contra as intempéries, transportado, repousado e conservado” (109).

“Tudo se deve fazer para dar-lhe boa aparência, observando-se os cuidados que a sua higiene exige, que incluem, nesse trato, a disciplina a que deverá ficar sujeito, no tocante a horários, a regímens e a imunizações. – Não se pode desgastá-lo com excessos, com maus tratos, com intoxicações” (o. c., idem).

“É fazendo vida irregular que o corpo físico perde as suas reservas, adocece com mais facilidade e se depaupera”. “O corpo físico é uma máquina como outra qualquer, que precisa de lubrificação, limpeza, descanso e trato para que possam manter regulados todos os órgãos, carregada a sua bateria magnética e ritmados os movimentos vibratórios internos. Não havendo cuidado e zelo na sua conservação, acontece o que se dá com todo o maquinismo maltratado que, prematuramente, se inutiliza” (138).

“Cortar a vida humana é um crime, sejam quais forem os motivos pessoais”. “Todo espírito, ao encarnar, vem comprometido a viver um determinado número de anos correspondente à velhice física, em que terá de colher certas experiências que são sumamente necessárias ao seu desenvolvimento” (138).

“Aqui na Terra, nada do que é material é propriedade de alguém; tudo é emprestado e pertence à Terra. Nem o ‘nosso’ corpo físico é realmente nosso, pois também ele é do mundo que habitamos. Então não poderemos sacrificar aquilo que não nos pertence. As riquezas não são para ser sacrificadas, dilapidadas, destruídas, mas aproveitadas na produção do trabalho e manutenção da vida” (o. c., idem).

“... todo ser, por sentimento inato, tem normalmente repulsa de contrariar uma lei da natureza [sendo uma delas a lei de conservação da vida física], e [o candidato ao suicídio] leva travando luta com o astral inferior, que o intui para a auto-destruição, até que vence ou é vencido. O suicida torna-se, pois, um autômato, um indivíduo que perdeu o controle de si mesmo, um joguete ao sabor de forças do astral inferior” (o. c., idem).

“O suicida é um vencido pela fraqueza acumulada por várias derrotas morais. Sentiu-se impotente para safar-se das influências maléficas do astral inferior, que se casaram, facilmente, com a sua fraqueza moral. Logo, os suicidas são doentes mentais carecedores, em tempo, de receber socorro recuperador.

O primeiro passo é afastar do candidato ao suicídio os obsessores que o dominam, a fim de que possa ele reagir por si, com o auxílio psíquico de quem puder ministrar-lhe a reação restauradora” (o. c., idem).

“O suicídio de origem passional é o mais comum, levado a efeito, quase sempre, por jovens inexperientes, que trazem a mente carregada de ilusões e fantasias”; “Passar do delicado amor dádivo e afável para a paixão desnordeante, é uma questão de descuido, de abandono e de imprevidência” (o. c., idem).

“Há, como se sabe, duas espécies de saúde: a natural e a artificial” (Dr. Alexis Carrel – Laureado com o Nobel de Medicina). “Promover por todos os meios a longevidade, em atenção ao princípio de que a saúde do corpo depende do bom estado da alma” – eis uma das regras normativas do governo próprio, ensinadas pelo Racionalismo Cristão.

“É necessário que se cuide do corpo e da mente, para se ter uma saúde perfeita [tanto quanto possível]. Só assim o espírito se alegra e se sente bem, porque quando o corpo fica doente o espírito também fica preso àquela doença” (906).

“Quem tem disciplina tem saúde, porque tem horas certas para tudo, para deitar-se, para levantar-se, para alimentar-se, para higienizar-se” (907).

“Os espíritos do astral inferior aproximam-se daqueles que revelam angústias, torturas e inquietude” (138), isto é, de todo aquele que se faz um verdadeiro chamariz desses espíritos.

As inquietações existentes no meio terreno põem em perigo a conservação da vida física. Com efeito, “o estado de inquietação gera pensamentos doentios, atemorizantes e negativistas, os quais atraem outros da mesma espécie, que reforçam os primeiros. Evidentemente, cria-se em torno da criatura, segundo a maior ou menor soma [condensação] de inquietações, um envoltório de pensamentos destrutivos, capazes de ocasionar grandes males” (106).

O Racionalismo Cristão não só reconhece certas práticas de higiene física e mental já de há muito consagradas pelas instituições científicas humanas, mas, sobretudo, veio divulgar a prática disciplinada da limpeza psíquica e o uso habitual da água fluidificada.

“As irradiações têm valor inestimável. Vale a pena participar desse movimento espiritualista nas horas recomendadas. O seu uso deve ser regular, e feito com a consciência do que se está fazendo. Elas constituem elo de ligação com as Forças Superiores, e ninguém pode prescindir dessa união espiritual, se quiser vencer na Terra os obstáculos da vida material à sua evolução ...” (322).

É nossa convicção de que, durante as irradiações disciplinares, o Astral Superior esparge (ou borrifa) os seus fluidos benéficos para a água potável contida em uma ou mais vasilhas, tornando essa água ainda mais benéfica para o corpo físico, como nos esclarece a médica e investigadora Dra Glaci Ribeiro, no seu livro intitulado Racionalismo Cristão e Ciência

Experimental – vol. I, em que a cientista apresenta razões convincentes do poder terapêutico e preventivo da água fluidificada.

Depois do seu lançamento na Terra em 1910, e por vários anos, o Racionalismo Cristão ajudou a levantar corpos, além de espíritos, numa demonstração de solidariedade e generosidade para com os enfermos do corpo, em virtude das precariedades então existentes no domínio da saúde pública. No entanto, a medicina moderna aí está altamente capacitada para tratar das enfermidades físicas.

“Cada um é que deve tratar-se, defender-se e procurar evitar os males” (Roberto Dias Lopes), pois o compromisso próprio do Racionalismo Cristão é com o esclarecimento espiritual da humanidade, “porque as criaturas não sabem nada da vida, só vivem para a matéria, não param um instante para pensar que existe algo além do corpo” (Antônio Cottas).

“Mas a doença do físico, no espírito esclarecido faz bem, porque ali, enquanto a matéria está se combalindo, se destruindo, se desintegrando pouco a pouco, devido ao mal que a vai afetando, o espírito (...), sendo luz, sendo Força, vai colhendo algo positivo para o seu esclarecimento; ele vai aprendendo lições novas, vai recebendo intuições” (908).

Apesar do considerável valor do corpo físico dentro do processo da evolução espiritual, nunca devíamos esquecer, porém, que, uma vez privado das vibrações e impulsos espirituais, ele nada vale: entra imediatamente em desagregação ...

XII - Lei da união em sociedade

As sociedades humanas nascem com os espíritos que encarnam na Terra, diferenciados uns dos outros pelos respectivos

graus de evolução. Esses espíritos são a razão de existir das sociedades humanas, e, simultaneamente, os beneficiários potenciais dessas sociedades.

Dentro dos conjuntos humanos criam-se fenómenos de relação, de que nascem as sociedades, ou sistemas de relações interindividuais. Essas sociedades diferenciam-se em associações (sociedades de acção colectiva, em que os partícipes entram voluntariamente, para a satisfação de um ou mais fins especiais e acidentais) e comunidades (sociedades de vida colectiva, que tendem à criação e sustentação de condições essenciais e gerais da existência humana, em que os partícipes se unem, primária e naturalmente, por força do sentimento comum de que formam naturalmente um só e mesmo todo).

As ciências do homem dizem que “o instinto social do homem, assim como os fenómenos de agregação que dele decorrem, constituem realidades constante e universalmente observáveis” (1102) e a satisfação desse instinto social é imprescindível para a realização, satisfação e equilíbrio emocional das pessoas.

Uma grande parte daquilo que necessitamos na vida tem de vir dos outros. Desde o nascimento que fazemos parte de um grupo qualquer, sendo uma aberração o isolamento excessivo do indivíduo em relação aos seus semelhantes. Nisto consiste, em suma, a lei da união em sociedade, aplicada aos seres humanos.

Os seres humanos unem-se por laços de solidariedade de natureza biológica, psíquica, técnica e cultural, para benefício mútuo. A ciência põe em destaque algumas características essenciais da sociedade humana, tais como: a sociedade en-

global e excede os seus membros individualmente considerados; ela, via de regra, existe e continua a existir para além da existência de qualquer dos seus membros; ela permite a participação mais ou menos activa e desejada, mais ou menos consciente e sentida, dos seus membros; ela constitui uma estrutura que integra as pessoas e as submete às leis do seu funcionamento; dentro dela dá-se a diferenciação de operações, tarefas e papéis.

“Ser solidário é certamente defender os interesses dos outros, mas porque são – directa ou indirectamente – também os meus. Agindo por eles, ajo também por mim: porque temos os mesmos inimigos ou os mesmos interesses, porque estamos expostos aos mesmos perigos ou aos mesmos ataques. É o que acontece [por exemplo] com o sindicalismo, com a segurança social ou com a fiscalidade” (2401).

Encarando os agrupamentos humanos do ponto de vista estritamente sociológico, pode dizer-se que “a interdependência dos homens e seus interesses, é o cimento de que se constrói o edifício social; é a força centrípeta que mantém a coesão das sociedades.

Contudo, nem todos os interesses humanos se encontram ligados pelos fortes laços de solidariedade; alguns há que, pelo contrário, são incompatíveis (...), actuando, qual força centrífuga, no sentido da desagregação social. Se as sociedades subsistem é precisamente porque a força de coesão dos interesses solidários supera, de longe, a força dissolutiva dos conflitos [ou, incompatibilidades] de interesses” (1103).

“A ciência reconhece que estão agrupados, neste mundo depurador, seres da mesma índole, com afinidades idênticas,

formando coletividades à margem umas das outras, segundo as inclinações comuns que cada uma delas revela.

Isso comprova que a evolução se faz por grandes grupos, no interior dos quais se encontram espíritos que, através de milhares de reencarnações, estabeleceram, entre si, pontos-de-vista análogos, compromissos de ordem moral, débitos por saldar e outras ligações como as de família, de sociedade, de empreendimentos que os unem indissolivelmente, formando raças, sub-raças ou regionalistas implacáveis. - Daí resulta a razão de muitos se ajudarem mutuamente, no sentido de uma grande família” (111).

O objectivo da vida em sociedade humana opõe-se ao insulamento dos indivíduos e à sua concentração no seu eu, com repugnância dos outros. Esse objectivo consiste na prestação mútua de serviços, no intercâmbio de ideias, na cooperação leal na execução do plano superiormente estabelecido para a evolução da Terra e seus habitantes (cf 2101).

“Todos sabem que os povos diferem uns dos outros” (...) e “em cada um desses aglomerados humanos o espírito conta com determinadas condições para desenvolver faculdades que sente estarem atrasadas, se colocadas em confronto com o desenvolvimento já adquirido de outras” (314).

A seguir às necessidades impostas à alma animal pelos fenómenos impressionantes do mundo externo, “necessidades (...) mais complexas, oriundas do agrupamento dos indivíduos em famílias, em sociedades, em povos, modificam a alma, compelindo-a a amoldar-se às contingências do meio, (lei de adaptação, aplicada à alma); e desse modo, as arestas, as

agruzas, as asperezas, as sombras deixadas pela hereditariedade, (outra lei proclamada pelo sábio Darwin) são cortadas, aplainadas, brunidas, esbatidas” (1008).

“As diversas condições em que se realiza, em que se efectua a vida corpórea, as circunstâncias que a rodeiam, as peripécias que se dão; são outros tantos meios, são outros tantos incentivos à evolução, ao aperfeiçoamento, ao progresso do Espírito ou da alma antes de se tornar Espírito racional” (1008).

A sociedade ideal seria uma sociedade constituída totalmente por pessoas esclarecidas, fortes de corpo e de espírito (logo, saudáveis), pessoas de acção invariavelmente dignificante, proveitosa e construtiva, em benefício próprio e do semelhante (cf 319). Qualquer sociedade está obrigada a cumprir a sua nobre função, em que se destaca o intercâmbio de boas influências para o presente e para o futuro. Sobretudo, o espírito humano precisa do contacto de almas mais evoluídas que o inspirem, incitem e ajudem a elevar-se acima do materialismo.

“Conforme for o lar assim será a nação e o mundo. É realmente o lar o responsável pela maneira como o mundo gira, bem ou mal” (1705). Veja-se o que o livro Racionalismo Cristão, 44ª edição, nos ensina acerca da Família e Educação de Filhos.

Todas as sociedades humanas caminham naturalmente da condição de comunidades fechadas para a de comunidades abertas, em que os indivíduos são constantemente confrontados com decisões pessoais, no pleno uso da sua faculdade arbitral, rumo à libertação obrigatória, custosa mas recompensadora, das suas inesgotáveis potencialidades espirituais.

Toda a gente precisa não apenas de viver em sociedade, mas também de saber viver de maneira a poder resolver qualquer problema que lhe surja. Por isso, o preparo espiritual adequado é uma ferramenta de grande valia para a melhoria das pessoas e das sociedades. “Os que estudam os problemas e os conflitos humanos sabem que a educação espiritual poderá fazer de cada pessoa um ser pacífico e honrado” (312).

“Nós estamos inseridos, primeiramente, no nosso pequeno mundo próprio, mas também temos de arcar com deveres e responsabilidades com relação a assuntos e pessoas que nos cercam. O primeiro concerne à esfera da satisfação individual, que tende a converter-se no eixo de nossa vida, enquanto que o panorama do mundo de relações nos demanda, a toda hora, com as obrigações que de nós são esperadas” (1601).

Diz Alfred A. Montapert (1705):

- a) Nenhum homem é uma ilha isolada; não podemos viver inteiramente sós; uma grande parte daquilo que possuímos de melhor tem de vir daqueles aos quais nos associamos, com a necessária prudência; somos criaturas sociais por natureza, e a satisfação do nosso instinto social é fundamental para a nossa realização, satisfação e equilíbrio emocional; nascemos para conviver com os nossos semelhantes, e para nos associarmos à raça humana, como escreveu Cícero, mas “a medida [ou, expressão equivalente] de grandeza de um homem é a sua capacidade para arranjar amigos gloriosos”, segundo Platão.
- b) “Podemos contribuir para o bem da sociedade formando o carácter moral, conservando a nossa família em segurança e bem cuidada, cumprindo as nossas obri-

gações, participando inteligentemente em actividades sociais úteis, não nos calando perante as forças do mal e até combatendo-as e aos governos estrangeiros que derrubariam o nosso apego à lei natural da liberdade”.

- c) O factor mais importante na vida humana são as pessoas de quem gostamos, os nossos amigos e conhecidos; os momentos mais felizes da nossa vida são os passados em casa, junto da família; o que o mundo de hoje mais precisa é, talvez, compreensão e apreciação mútuas, entre pessoas e entre nações.

XIII - A lei do hábito

De acordo com o Racionalismo Cristão, o ser humano é constituído por um espírito (princípio inteligente e imaterial), um corpo fluídico (matéria diáfana) e um corpo físico (matéria densa), estando este preso à sua matriz de matéria fluídica terrena, designada por contraparte etérica.

Para a dita filosofia, tudo o que o espírito pensa, sente ou faz fica-lhe preso na própria consciência; tudo o que as forças manifestam na matéria, de qualquer categoria, nela mesma fica marcado ou gravado, indelevelmente. Não há hábitos, de qualquer tipo, que não sejam ocasionados por um processo de familiarização com influências recebidas ou por actos repetidos, que se vão gravando e agregando entre si na consciência e na matéria.

“Normalmente um ruído súbito assusta-nos, mas da segunda vez que o ruído for ouvido, o susto será menor; à terceira vez dificilmente provocará [essa] reacção. Depois disso, o ruído será completamente ignorado – daí em diante, ficamos total-

mente habituados a ele [não mais nos damos conta dele, enquanto durar, mas notaremos a sua interrupção ou variação de intensidade]” (2501).

Desde logo se vê que a habituação (costume, acostumação ou acomodação) permite-nos desprender a atenção de estímulos que passamos a acolher com um sentimento de familiaridade, deixando-nos energia livre para gastar com estímulos que provocam alarme ou aviso de um perigo iminente. “A habituação resolve este problema permitindo aos organismos ignorar o que é familiar, e, em contrapartida, voltar-se para acontecimentos mais importantes e informativos” (o. c., idem).

Essa reacção emocional do vivente, o susto motivado pelo ruído súbito sentido, é uma manifestação instintiva, primitiva e brusca, que Pavlov designou por reflexo incondicionado. Segundo ele, “todos os reflexos incondicionados se baseiam numa conexão gravada no organismo entre um estímulo incondicionado e uma resposta incondicionada [inata]”.

Aquela conexão inata - que lembra uma agenda duma resposta pré-associada a ocasiões repetitivas do futuro potencial -, tende a romper-se ou a deteriorar-se quando o organismo, por qualquer motivo, é levado a familiarizar-se com estímulos que, anteriormente, tinham expressiva eficácia afectiva sobre ele.

Aquele susto que, antes, estava latente e, depois, se manifestava por motivo do ruído súbito, vai deixando de repetir-se à medida que essa conexão inata vai sendo rompida, sendo substituída, agora, por uma conexão adquirida, designada por habituação, acomodação ou acostumação, da responsabilidade do indivíduo.

E é assim que nos acostumamos ao frio, ao calor, ao barulho, à altitude, à chuva. Habitamo-nos às dores físicas ou morais, aos sofrimentos físicos ou morais. Acomodamo-nos, em suma, à vida física e às duras e implacáveis leis a que ela está sujeita.

Mas, também, é por meio de certos actos repetitivos, do seu interesse, face a certas condições repetitivas, que as pessoas vão, a pouco e pouco, construindo conexões entre tais actos e tais condições, conexões essas que ficam latentes e depois se manifestam de forma rotineira e fácil, sempre que se apresente a ocasião propícia (exemplo: depois de adquirido o respectivo hábito, F... lê forçosamente o jornal hoje, porque essa leitura já estava latente no seu espírito, e, pela mesma razão, F... lamenta forçosamente as dificuldades que vêm ao seu encontro, porque essa lamentação já estava latente no seu espírito).

Tudo se passa como se as pessoas criassem, por e para si mesmas, faltas pressurosas não naturais, ou necessidades de segunda natureza, algo parecido com os instintos. "... sabemos que se quisessem, em alguns casos, abandonar (ou modificar) os seus hábitos, teriam nisso extrema dificuldade. (...) Em certos casos, subtraem-se ao poder da vontade, lutam com ela e dificilmente se deixam vencer. Tomam, então, o nome de vícios: fumar, maldizer, lamentar-se", ou hábitos viciosos (cf 1802).

"Sem hábitos, seríamos uns eternos principiantes, sempre inseguros e atemorizados. Estaríamos sempre a recomeçar. (...) Muitos hábitos começam por ser frágeis teias de aranha que, pouco a pouco, se transformam em fortes cordas de aço

que aprisionam a espontaneidade e a criatividade” (Paulo da Trindade Ferreira).

Outro grupo de hábitos inclui as aptidões adquiridas, os adestramentos, as perícias, quando ficamos experientes ou competentes nalgum domínio de actividade. Diz Alvin Toffler que:

“Decisão programada é uma decisão rotineira, repetitiva e fácil de tomar. O passageiro está no cais da estação, quando o comboio das oito e cinco pára, e sobe para a carruagem como faz diariamente, há meses ou anos. Como já decidiu há muito tempo que esse comboio é o mais conveniente para si, a decisão de embarcar nele é programada [isto é, estava determinada, potenciada e conservada latente, para ser facilmente aplicada no presente actual, ou actualizada, perante um estímulo eficaz correspondente].

Na realidade, assemelha-se mais a um reflexo [instintivo] do que a uma decisão. Os dados imediatos em que essa decisão se baseia são relativamente simples e definidos, e, como todas as circunstâncias são familiares, ele quase não tem que pensar no assunto, não necessita de processar muita informação. Por isso as decisões programadas custam pouco psicologicamente” (cf 2201).

[O termo informação designa, neste contexto, os conhecimentos pertinentes que o espírito precisa obter, à partida, para utilizar na resolução de uma tarefa, na formulação de um juízo e, bem assim, para partilhar com outros espíritos.

Conhecer implica ter na mente, quando pensamos em determinada coisa, algo que guarde mais ou menos conformidade,

mais ou menos semelhança ou mais ou menos adequação com a realidade da coisa que visamos e cingimos em pensamento]

“A rotina é essencial (...) [porque] liberta energias criadoras para a solução da série mais complexa de novos problemas acerca dos quais recorrer à rotina seria irracional” (Bertram M. Gross).

Assim, “de uma pessoa que acaba de tirar carta de condução, diz-se que está apta para conduzir. Do soldado-recruta, passado o período de instrução, também se diz que está apto para o serviço. De qualquer pessoa, enfim, profissionalmente competente, diz-se que é uma pessoa apta” (1802).

Aquilo que no começo nos é aversivo, no fim dá-nos prazer, visto que o hábito anula ou reduz a tensão inicial, isto é, a contrariedade ou incompatibilidade carente de solução, que foi instalada no começo. Até o sofrimento pode ser convertido, pela sua familiarização, numa experiência tolerável ou agradável!

É o que acontece com a vítima potencial da obsessão: “Esta, não se apercebendo do envolvimento de que está sendo vítima, não reage, não se opõe, não dá importância ao mal que, por força do hábito, acaba por tornar-se agradável” (323).

É o que acontece também com o dependente químico, que “só tem de si, no corpo inteiro, a vontade de ficar alienado ao produto que *dissimula* um estado de satisfação e prazer até ao momento da própria morte” (2007).

“O homem [ou, o ser humano], vítima da herança que recebeu dos desregramentos milenares de uma civilização

dedicada à luxúria, dispõe, pelas leis do atavismo, de uma organização física constituída nos moldes daqueles hábitos licenciosos de outrora, razão por que apresenta, ainda hoje, disposições instintivas por demais a floradas, mas perfeitamente corrigíveis e controláveis” (137).

Porém, com fundamento em afinidades vibratórias, nem sempre os desejos viciosos partem das próprias pessoas. Muitas vezes são os obsessores viciados, seus acompanhantes, que os despertam, e as intuem para saciá-los (cf. 306).

Enfim, o hábito em sentido amplo é uma “maneira de ser permanente, contraída por um ser vivo, em relação a uma influência, ou a um acto, e que faz com que essa influência ou esse acto não mais lhe exijam para suportá-la ou para realizá-lo, o mesmo esforço que antes” (2301).

Pelo hábito o indivíduo contrapõe, finalmente, a uma dada influência, ou usa na consumação de um dado acto, uma quantidade de energia actuante menor que na tensão inicial.

No entanto, a decisão e o empenho de anular e substituir um determinado hábito nocivo ou indesejável, ocasionarão novas e dolorosas tensões ... que o novo hábito solucionará ou fará cessar.

A lei do hábito - com o concurso da lei de causa e efeito - orienta os seres vivos e recompensa aqueles que adquirirem bons hábitos, para com eles somarem vitórias e mais vitórias no processo evolutivo, mas também dissuade-os de contraírem hábitos tenebrosos, que sempre terminam em doenças (inclusive a obsessão), misérias materiais e morais, e desastres, quando não são abandonados atempadamente. Todos

os acontecimentos na vida, sem excepção, traduzem a acção e efeito de um princípio gerador.

De notar também que, geralmente, o viciado condena-se a estagiar pelo astral inferior, onde as excrescências do vício, as suas formas fluídicas salientes, poderão ser absorvidas pelas formas vibratórias suficientemente baixas aí existentes.

Relativamente aos espíritos, “todo esforço que na Terra for feito para evitar a animalização dos hábitos será amplamente recompensado, em dias futuros. Os prazeres e as satisfações que a matéria pode oferecer, são quase sempre transformáveis em vícios, ao passo que os gozos e alegrias no plano astral, são não só muito mais intensos do que na Terra, como, ainda, perduráveis e tecidos pelos fios da virtude” (147).

“O astral inferior está repleto de espíritos que adquiriram vícios, quando encarnados, e na situação em que se encontram, dispõem só de um meio de satisfazê-los: é o de procurarem os seres encarnados, também viciados, para junto deles, em acção vampiresca, se saciarem, associando-se intimamente aos seus corpos físicos” (154).

Os vícios, directa ou indirectamente, são inimigos da saúde e da resistência física, e são-no também da prosperidade material, mental e espiritual das suas vítimas. Os possuidores de vícios “ficam sujeitos (...) a receberem a contaminação de duas origens de obsessores: seja pela acumulação de fluidos deletérios, ou pela ressonância de vibrações inferiores” (o. c., idem).

Os vícios que envolvem dependências químicas corroem frontalmente a estrutura orgânica do indivíduo, enquanto outros vícios corroem a alma e produzem chagas no subconsciente,

que só a custo de outras vidas irão desaparecer – diz-nos o escritor Luiz de Souza (o. c., idem).

“Uma vez que, na senda da evolução, cada um deve esforçar-se por não ter apego às coisas terrenas, de modo algum há-de andar jungido ao vício, que é o mais lamentável de todos os apegos.

As pessoas fúteis têm uma inclinação acentuada pelo vício, e quando não se deixam arrastar pela atração do ópio, da cocaína, da maconha, entregam-se ao do fumo, muitas vezes por parecer-lhes um hábito elegante” (o. c., idem).

“Aqueles que estiverem seguros de que o vício constitui um erro de conduta na Terra, devem opor-se à sua sobrevivência, sempre que a oportunidade se apresente. (...) Todos somos membros da grande família humana, e é preciso zelar pela sua integridade” (o. c., idem).

O espírito viciado carrega condições deficientes no seu estado evolutivo, que ele precisa lutar para extinguir, a fim de pôr em seu lugar hábitos virtuosos, como os de implantar e alimentar ideais construtivos, os de estudo, raciocínio, planejamento, trabalho, higiene, dar valor àquilo que valor tem, disciplina, honestidade, sinceridade, lealdade, pensamento otimista, entusiasmo, moderação, saber ouvir e saber calar, economia, respeito por si mesmo e pelos outros, bom humor, pontualidade, zelo, desapego, comedimento, humildade, prudência, coragem, valor e tantos outros.

Quem se ajuda com bons hábitos, pode reduzir expressivamente a sua dependência em relação aos outros.

Silenciosamente, e sem dar por isso, estamos a formar hábitos que, por fim, irão determinar o grau do nosso sucesso ou

insucesso na vida. Precisamos vigiar de perto os sentimentos e pensamentos próprios, para que nos levem a bons actos e, pela repetição, a bons hábitos, formadores de bons futuros. Os maus hábitos encravam as rodas da iniciativa e tornam difícil ou impossível qualquer progresso, para ruína e vergonha das suas vítimas (cf 1712).

Dito terra-a-terra, o carácter actual de qualquer espírito é o resultado da coligação de “pontos fortes” (fortalezas ou fortificações morais e espirituais) que ele vem construindo dentro de si mesmo, irreversivelmente, à sua própria custa, no decorrer de múltiplas existências, na medida em que vem combatendo os “pontos fracos” (vulnerabilidades ou fragilidades) que ele identifica na sua personalidade espiritual, cujo aprimoramento é obrigatório e infalível.

O melhor amparo do carácter é sempre o hábito dirigido pela vontade para o bem. O bom hábito se forma por uma educação cuidadosa, disciplina sistemática, exercícios regulares, lê-se em “Luiz de Mattos - Sua Vida, Sua obra”. “É necessário exercício e disciplina diários para se adquirirem hábitos convenientes” (1712).

O bom sucesso nunca acontece acidentalmente. A sua chave está na aquisição de valiosos hábitos de bem pensar, de bem sentir, de bem agir e reagir, haja o que houver.

“A história do homem está indelevelmente escrita nas suas feições. A sua cara mostra as marcas do carácter interior. As más acções põem o selo de propriedade nas vítimas do vício” (1705) .

“[Hábito vicioso] ... uma vez contraído e arreigado, há-de sustentar-se uma luta tão terrível como perigosa para o vencer, e ainda que se alcance a vitória, é quase sempre à custa de

penosos sofrimentos e graves perdas de energia física, mental e moral” (2104), até adquirirmos uma vontade suficientemente forte para negar e renegar, com prontidão, a ideia maligna que desponta, se realmente queremos determinar o primado do nosso espírito (Luz) sobre a matéria (Carro), evitando assim, pelo pensamento bem irradiado, a ligação mental às correntes nocivas e indesejáveis do astral inferior.

Grosso modo, o ser humano, que eu sou, é uma associação temporária desse Carro (o corpo denso de vida curta) com a Luz (o espírito de vida eterna).

“A degeneração, que não é um acontecimento imperioso, inapelável, se dá por descuido, por abandono das prerrogativas morais que nascem com o indivíduo, e a regeneração é o recurso. A espiritualização evita a degeneração, e ainda conduz à regeneração. Por aí se vê a importância, a imprescindibilidade do esclarecimento espiritual e das práticas espiritualistas” (155).

“Os atos errôneos, praticados no passado, são a causa dos [correspondentes] sofrimentos de hoje, assim como os desmandos de hoje serão a causa das [correspondentes] torturas de amanhã. O ser humano é detentor de livre-arbítrio, e se a Inteligência Universal interviesse nele, então não existiria tal independência arbitral” (149).

O sentimento egoísta leva o ser humano a sobrepor a sua natureza inferior à superior, o desejo à vontade, o apetite à razão, a sensação animal ao gozo espiritual. Por isso, a luta do indivíduo contra os próprios vícios é, basicamente, uma luta contra o próprio egoísmo (cf 2101).

As pessoas normais reconhecem a superioridade natural do corpo humano sobre qualquer outro objecto inanimado, as-

sim como as pessoas esclarecidas reconhecem a superioridade natural do espírito, que é eterno, sobre o corpo humano.

“O mau aproveitamento de uma existência resulta, inapelavelmente, na necessidade de repeti-la, tendo o espírito de passar pelas mesmas atribulações, até dominar os vícios e as fraquezas, e recuperar o tempo perdido” (302).

Os maus hábitos adquiridos numa encarnação, transitam para as encarnações posteriores, até que o espírito resolva mudar de comportamento. Porém, “para haver mudanças tem de haver a vontade em ação, a pessoa tem que confiar nela própria, ter certeza de que pode alijar de si tudo que é ruim” (2007). Todos deviam saber e nunca esquecer que a lei da evolução não pode ser frustrada: quando o espírito não evolui por amor, evoluirá infalivelmente pela dor.

“Se tentamos, como na realidade fazemos, alterar e melhorar tudo o mais, porque nos não incluímos no grupo?” (1713).

À medida que o ser progride espiritualmente, ele vai trocando paulatinamente as dádivas terrenas por outras de planos superiores, que agradam muito mais. “Para se promover a espiritualização é preciso lutar contra todos os atractivos mundanos no sentido de não se deixar dominar por eles, com a convicção de que são ilusórios, superficiais e passageiros” (137).

Quem assim não entende e não se precavê, expõe-se ao ridículo, sujeita-se a sofrer derrotas atrás de derrotas, a correr riscos desnecessários, a desperdiçar tempo e dinheiro, a ter que mentir, tudo em desfavor das suas aspirações elevadas e construtivas, até sentir-se surrado, maltratado e moralmente abatido, de tanto perder. “Convençamo-nos: menos nos faz sofrer a renúncia do que a satisfação dos nossos apetites” (Margarida de Magalhães).

“O cumprimento do dever requer renúncia, calma, justiça, exige dignidade” (Luiz de Mattos). Um dos princípios orientadores da conduta ensinados pelo Racionalismo Cristão é “fortalecer a vontade para a prática do bem”, quer dizer, para o esforço constante de pensar, sentir e querer, no ambiente em que vivemos, de acordo com princípios construtivos e elevados, sustentados pelas LNI.

XIV - Lei da adversidade natural, ou dos factos dolorosos inevitáveis

“A vida não pode correr sempre bonançosa, não, se assim fosse, não haveria depuração espiritual, porque o que depura o espírito é o sofrimento, quando vem naturalmente, sem que a criatura o procure pelo seu livre-arbítrio” (219).

“Dentre os sofrimentos que depuram o espírito encarnado há aqueles que provêm da luta pela vida e da constituição da família, sofrimentos que são naturais, porque são próprios da vida [física]” (220)

Neste mundo-escola nenhuma pessoa normal se pode gabar, fora de brincadeiras, de viver num mar de rosas. “Qual o espírito encarnado que não encontra barreiras e dificuldades para ultrapassar? Mas não é porque não as pode transpor que vai esmorecer, que vai-se entregar à nostalgia, ao pessimismo doentio que só lhe acarretará prejuízos” (911).

O espírito é uma parcela real da Luz (Grande Foco), detentora de livre-arbítrio; é um centro indivisível, inteligente, activo e transformador, fora da matéria; é uma força impulsionadora e captadora de vibrações e fluidos, benéficos ou danosos de acordo com os sentimentos que o animam - tanto na confortável bonança como na indesejável tempestade.

Assim sendo, ele é responsável pelo enfrentamento valoroso das barreiras e dificuldades naturais da vida, jamais devendo perder a confiança na força prodigiosa de que é dotado para continuar a lutar pelo auto-esclarecimento e pela superação dos seus erros e defeitos morais. “A pessoa não se deve deixar abater, jamais” (318).

“Todos devem compreender que têm de atravessar períodos de tristeza e sofrimento [vale acentuar: sem relação com o mau uso do livre-arbítrio]. Os seus amigos e pessoas queridas hão-de morrer. (...) Os acidentes são sempre inesperados e difíceis de suportar. As crises provocadas pelo divórcio ou separação deixam no coração [isto é, no espírito] as suas cicatrizes. A casa pode arder, ou uma pessoa pode perder todo o dinheiro que tem. Este mundo está cheio de complicações. Todos têm a sua carga de trabalhos” (1710).

“A vida na Terra é muito passageira, se comparada com a vida eterna, que é a vida do espírito. Os sofrimentos, o trabalho, as lutas são próprios da vida física e vêm, muitas vezes, para fazer o espírito despertar para que ele se convença de que a verdadeira vida não se resume no tempo de uma encarnação, mas, sim, na amplitude da vida espiritual. Essa, sim, é eterna” (909).

“A evolução é a aspiração máxima do espírito quando encarna neste mundo. (...) Aqui na Terra [mundo-escola] enfrentará batalhas que o testarão, e serão testes muitas vezes duríssimos, que não deixarão dúvidas, porque, enquanto houver dúvidas o espírito é testado e retestado, até que não pare dúvida alguma de que expurgou tudo de ruim que desejava expurgar” (910).

“Uma bolota não é um carvalho assim que brota da terra; tem de passar longos verões e rigorosos invernos; tem de suportar tudo o que a geada, a neve e os ventos lhe possam fazer antes de ser um carvalho de porte. Aqueles elementos são professores ríspidos, mas são os mestres fortes que fazem alunos fortes” (1708).

"Ostra feliz não faz pérola" (Rubens Alves). "As pérolas são segregadas pelas ostras, não porque a ostra seja uma artista criadora, mas porque um grão de areia entrou na sua concha provocando-lhe desconforto" (1709).

"Só na escola dos baldões [quer dizer, contratempos ou transtornos emocionais] da vida se faz o doutoramento *cum laude* para a vida [ou, tarefa de viver]. Assim o demonstra a história da maior parte dos homens e mulheres mais famosos" (1709).

O ouro é purificado pelo fogo ... A adversidade não vem para destroçar os homens, mas para fazê-los. Todos os grandes livros foram escritos por autores que vivenciaram grandes infortúnios, grandes atribulações, severas dificuldades, prolongados sofrimentos.

As biografias dos grandes homens nos mostram à saciedade que, por via de regra, eles só conseguiram ser grandes porque passaram pela escola da adversidade, e venceram por mérito próprio. "As dificuldades desafiam a energia e a perseverança. Chamam à liça as melhores qualidades da alma" (1709).

Quem diz adversidade diz, em geral, fortes oposições, infortúnios, atribulações, dificuldades, ou prolongados sofrimentos. Em particular, o termo adversidade natural designa qual-

quer experiência de sofrimento ou amargura que desafia o valor do espírito, de uma forma ou de outra, sem que isso seja ocasionado pelo mau uso do seu livre-arbítrio. Valor combativo do espírito, pelo bem próprio e do semelhante – é esse potencial inesgotável, que todo o espírito possui para lutar, com determinação, paciência e tenacidade, procurando afugentar de si os maus pensamentos e, por conseguinte, a má assistência astral.

Esses sofrimentos e amarguras constituem obstáculos que negam passageiramente o bem-estar físico e espiritual às pessoas, mas que merecem a sua aceitação estratégica, visto que são indispensáveis na luta por uma maior evolução espiritual e maior progresso da vida material.

Com efeito, as dificuldades ensejam esforços de desenvolvimento; os perigos, treino da coragem; as carências, trabalho sem esmorecimento; os sofrimentos inabólvéis, fortalecimento do espírito. Os seres realmente inteligentes procuram os tesouros que perduram (os do espírito) e não dão demasiada importância aos enganosos atractivos deste mundo de escolaridade.

No foro íntimo, as adversidades implicam “alterações significativas do equilíbrio emocional e afectivo, assim como exigem um esforço de reestruturação psíquica [um trabalho interior de remodelação dos princípios orientadores, ou dos porquê, daquilo que de facto pensamos, sentimos e queremos a cada instante que passa]” (2701).

De notar também que “é na adversidade que ficamos a conhecer os amigos. Nessa altura a lista fica completa, e sabemos se temos muitos ou poucos” (1709).

A lei da adversidade natural é uma predeterminação de I para que o espírito aprenda a suportar, com bom humor, quaisquer obstáculos naturais da vida física, destinados a fazer dele o indivíduo plenamente lúcido, sábio e hercúleo que aspira ser.

“Os Espíritos que se encontram no Astral Superior já passaram por grandes torturas, quando encarnados, em processo terreno de evolução; do mesmo modo, os que, presentemente, se encontram na Terra, arfantes, sob o peso de sofrimento passageiro, terão mais adiante, com a plena lucidez de espírito, a mesma posição ideal desfrutada pelos demais, naquele Plano Superior” (156).

“Aqui mesmo na Terra têm encarnado, embora raramente, espíritos de evolução superior ao meio, para auxiliar a humanidade a progredir (...). Quanto mais adiantado o espírito tanto maior a vontade que sente de auxiliar a evoluir o semelhante. Daí a razão de submeter-se, voluntariamente, ao sacrifício de voltar a mundos da espécie deste” (302).

“O planeta Terra é de sofrimentos e de amarguras, e aqueles que querem vencer na vida passam por todos os obstáculos e vencem, pois querer é poder, e a força de vontade [essa força desenvolvida que dá e assegura vigor ao pensamento] está acima de qualquer outra força” (912).

“O factor crucial na sobrevivência é não tanto a capacidade de cumprir as exigências habituais como a capacidade de dominar circunstâncias imprevistas. São as crises e as emergências que matam. Em alturas de emergência, pressão e angústia, cada um tem de ir buscar forças às suas reservas de habilidade e capacidade; os que não as têm [disponíveis] são arrasados” (1710).

Limitações e oposições externas, não são desculpa para não agir bem ou para nada produzir na tarefa da vida. É sábio aquele que sabe superar as piores circunstâncias, e realizar algo de real importância, para si e para os semelhantes.

“Ninguém pode viver sem colidir com outros ou ser por eles empurrado – especialmente quando se quer chegar a alguma parte. Para lá chegar tem de se abrir caminho por entre os indolentes, os contentes consigo próprios, a multidão indiferente – e na opinião dessa multidão indiferente o sucesso é um crime. ‘Eu tenho sido um homem, e isso significa ter sido um lutador’ – afirmou Goethe” (1709).

"Ficai certos de que a adversidade não vence aqueles que são esclarecidos; ao contrário, até os estimula a continuar a luta, até os ajuda, porque sabem que sem adversidade pouco poderia ter sido feito, sentindo-se, portanto, recompensados pelas vitórias alcançadas, ainda que aparentemente irrisórias" (914).

“Espírito é espírito, uma parcela da Força Criadora. Quando se valoriza, passa a sentir a potencialidade que existe em si, ninguém o segura, não há corrente inferior que o trave. Ele passa por cima de todas as adversidades e, com muita honestidade, chega ao seu objetivo sem deixar de ajudar o semelhante” (2008).

“É na realidade um valente o homem que sofre sem se queixar muito; paciente quando incompreendido, e conservando o coração [melhor, o espírito] livre de ressentimento se for perseguido, acusado sem razão e difamado, não albergando intenções de vingança, esperando pacientemente que o tempo lhe traga qualquer reparação necessária” (1709), principalmente se ele estiver munido da certeza absoluta de que, pelo

pensamento bem irradiado, pode suavizar os sofrimentos do seu espírito, inclusive o da perda de um ente querido.

“A vida é assim: sofre-se hoje, mas amanhã haverá compensação, que é o lenitivo para o sofrimento de ontem. Não se entreguem à dor, às vicissitudes, às ingratidões ou mal-entendidos, porque a vida precisa ser vivida na sua realidade” (915).

Não há dúvida de que toda a gente precisa de uma bússola para se orientar a fim de vencer as vicissitudes, os obstáculos, os revezes e tudo o mais que vier ao seu encontro, sem querer o impossível. “É importante estar preparado para tudo, porque o ser despreparado sofre muito, não sabe o que fazer, fica dando voltas em torno de si mesmo, sem sair do lugar” (António Cottas).

“Através da disciplina aconselhada nas Casas Racionalistas Cristãs, as criaturas aprendem a vencer as dificuldades que em todos os momentos lhes surgem, modificando o rumo de sua vida, educando a vontade e elevando o pensamento às alturas nas ocasiões mais angustiantes, e dentro de pouco tempo alguma coisa muda para melhor” (913).

“Quando o ânimo se levanta, refaz-se a criatura para a luta, atira-se à vida, procura vencer, não se lembra mais das fraquezas, caminha para a frente sempre” (221). “A criatura, quando possui moral [quer dizer, quando tem noção clara do dever a cumprir e possui uma vontade fortemente educada para o bem], enfrenta todas as vicissitudes da vida sem perder o equilíbrio e a sensatez” (219).

XV - Lei do Amor, ou da fascinante e prodigiosa dádiva de si a outro(s) ser(es)

“O espírito humano, devido à sua natural perturbação causada pela diferença da atmosfera diáfana do mundo a que pertence (e do qual veio), com a densa, gasosa, pesada, da Terra, e pela sua ligação fluídica à matéria, ao corpo, por ele organizado, (...) fez o ser humano mais sobressair pelos instintos, especialmente o da conservação física (a parte animalizada), e o hábito originário da sua vontade, só materialmente educada.

Desse imperar de instintos e hábitos animalizados se desenvolveu, cresceu e ficou nele predominando o egoísmo, motor de todos os seus atos, desejos e pensamentos terrenos, todos utilitários, todos materializados e bestiais” (213).

Enquanto o espírito estiver fortemente apegado aos prazeres da matéria, aos “encantos das imagens da fantasia”, a espiritualidade nele dorme, enclausurada. O despertar da espiritualidade implica a progressiva desvinculação afectiva dos aludidos encantos do reino da matéria organizada, ao mesmo tempo que o espírito passa a vibrar e a proceder em concordância, cada vez mais afinada, com a Inteligência Universal, o reino do Espírito, ao qual estão permanentemente ligados os Espíritos do Astral Superior, por vibrações concordantes.

“O homem está em bruto e é selvagem e precisa de preparação espiritual para domesticar e disciplinar o tirano ou a fera que tem dentro de si” (1710). “... o astral inferior se prevalece dos momentos em que a criatura afrouxa o seu valor e a intui para que ponha em prática o seu eu brutal, ignorante e absurdo” (916).

O amor sensual, materializado, é o falso amor que escraviza ambas as partes da relação: a) “visa a posse, a embriaguez dos sentidos físicos sempre passageira e ilusória, anseia pela obtenção de um prazer pessoal e egoísta”; b) “vive, apenas, durante a estação do viço, enquanto alguns encantos das imagens da fantasia não fenecem”; c) “sofre as influências apaixonantes dos espíritos do astral inferior” (111).

A mesma palavra, amor, infelizmente é também usada para designar os nossos elos afectivos vulgares com objectos, seres ou actividades, bem como para designar as atracções apaixonantes e os deslumbramentos episódicos da imaginação deixada à solta. Esses amores de baixa categoria, que não se filiam numa espiritualidade suficientemente desenvolvida, nada têm a ver com a lei do amor.

A lei do amor regula, exclusivamente, o amor enquanto fascinante e prodigiosa dádiva de um ser a outros seres e, em acção reflexa, a si mesmo, um ser que valoriza a existência dos outros, e objectiva essencialmente a comunhão da alegria e conforto das almas. Esse é aquele amor que: a) se alia ao sacrifício, nada pede, nada reclama, nada exige e tudo oferece desprendidamente; b) uma vez revelado no espírito, nunca mais se perde, não diminui, não acaba e acompanha-o na rota para a eternidade; c) é, à partida, um dom, um sentimento latente ou uma vocação presente no espírito, inacessível a qualquer contaminação pela matéria.

Quem ama superiormente sente uma alegria imensa com a felicidade dos outros, sobretudo quando deu a sua contribuição desinteressada para essa felicidade. A felicidade própria e do próximo, é a felicidade verdadeira, inclusiva, aquela que é procurada por quem ama espiritualmente.

Essa fascinante e prodigiosa dádiva ao outro, ou a outros, enquanto sentimento dos espíritos esclarecidos e nobres, jamais os impulsiona a fazer qualquer coisa indigna, de baixo nível, a quem quer que seja, nem mesmo a si próprios. “Para um homem puro e esclarecido o amor é um constante e permanente estado de consciência voltada para o bem geral [e dele próprio, inclusive]” (1602).

“As vibrações da Inteligência Universal enchem o Espaço Infinito, atravessam e saturam todos os corpos, conduzindo, na sua essência, o amor supremo, de que também se constituem.

Desde que, pelo desenvolvimento da espiritualidade, se estabeleça a sintonização daquelas vibrações com as das partículas individuais, que são os espíritos, não só a inteligência alcança os mais altos afinamentos, como o amor se desabrocha com as suas aprimoradas refulgências” (111).

Note-se que o amor da alma, inerente à Inteligência Universal, é um bem estrutural, indeligiável de cada indivíduo, e é propriedade também dos seus semelhantes. Melhor dizendo: todos têm direito ao amor dos outros e, ao mesmo tempo, todos têm o dever de distribuir amor aos outros. Ninguém faz favor algum quando distribui amor, na prática do bem sem olhar a quem!

“O amor, a harmonia e a paz são dons que se cultivam e desenvolvem culminando com a felicidade, e integram-se nas leis da Sabedoria [as LNI]. Para ter amor, harmonia e paz na alma, é indispensável que o ser aprenda a viver também no plano da espiritualidade” (142).

Quem pratica o amor da alma lembra uma candeia, antes apagada, que agora espalha luz, preenchendo a função para que existe. Era assim que Van Gogh entendia o amor.

No estado de amor espiritual, “a alma se sente feliz de poder ser útil, de notar válidos os seus préstimos, de reconhecer-se parcela do Todo, que é todo amor”. (...) “Cristo foi quem elevou a expressão ao seu alto grau, revestindo-a de pureza e de luminosidade” (111).

Na Terra acontecem manifestações do amor espiritual, por exemplo na alma das mães, dos pais e dos avós, havendo também amigos que o sabem cultivar. Assim, o afecto, a estima profunda, a amizade verdadeira, são manifestações desse amor (ver o. c., idem), dando conta de que, na realidade, aquele que ama quer ter o ser amado conectado, incondicionalmente, à sua sensibilidade psíquica, aos seus pensamentos e às suas acções, no sentido positivo.

Os Espíritos do Astral Superior, “empenhados na espiritualização do planeta, distribuem amor através dos ensinamentos do Racionalismo Cristão e por via de outras acções directas”. (...) “Todos os acordes da orquestração espiritualista afinam com o tom harmonizante do conjunto das vibrações excelsas do amor” (o. c., idem).

“Como se pratica o Amor? Pela bondade, respeito, altruísmo, atenção, paciência, compreensão e confiança [espontaneamente] ” (1711), pela interacção dos indivíduos na realização de uma grandiosa obra de amor e, também, pelo devido trato do corpo e do espírito, conjuntamente; o amor ao próximo, é-lhe proporcionado desprendidamente, com pensamento lúcido, com actos guiados por esse pensamento, sempre com a inequívoca aprovação da consciência própria.

Não há maneiras fixas e inalteráveis de comunicar ao ser amado o amor de alma para alma que lhe dedicamos! Cultivando essa comunicação artística de sentimentos elevados, o ser amado sensível chegará a compreender e a confiar que,

efectivamente, não se trata duma mentira. Só têm valor as demonstrações de afecto que não soam a falso.

Tratar da alma e ligar-se, todos os dias, aos planos de elevada espiritualidade, são fáceis a todos os seres: “é apenas questão de educar cada um a sua vontade fortemente para o bem, não querer para os outros o que não quer para si e saber que amar ao próximo é a base do progresso e da relativa felicidade na Terra” (210).

Em coerência com as leis da atracção e de causa e efeito, pode-se afirmar que quem aplica acertadamente a lei do amor, para si o faz:

“Por Amor, sacrifico-me para o meu bem e para os demais, por Amor tento polir o meu carácter, ativo a minha força de vontade, trato de usar o meu livre-arbítrio para o bem, procuro ter cuidado com os meus pensamentos favorecendo não só a mim, mas também aos demais.

Por Amor a mim mesma e à humanidade, tenho-me entregado espiritualmente, tenho lutado para a expansão da Doutrina [racionalista cristã] num país imenso por querer ver em cada canto uma casa racionalista cristã, e mais... E por que? Porque Amo a humanidade, quero vê-la esclarecida, e é através desse Amor que me espiritualizo e ajudo outros a se espiritualizarem” (Lígia Brito, Newark - USA).

“O amor é força que pode operar grandes prodígios por meio de quem dela dispõe e a sabe aplicar; todos os seres, indistintamente, chegarão a tê-la [a força prodigiosa do amor] desenvolvida, mesmo os que se obstinam, por enquanto, a não abandonar as credices anestésicas do espírito. São as credices que tolhem o movimento da espiritualidade, e sem esta não pode haver Amor” (111).

“Realizar o amor na vida terrena, com toda a sua sublimidade, é tarefa assaz difícil, mas não há ninguém que a tenha realizado de um dia para outro. Essa realização se dá com o desenvolvimento da espiritualidade, paulatinamente, e com o esforço que for empregado, e culmina quando o ser for capaz de amar aqueles que o odeiam. Neste caso, a espiritualidade já está tão a florada, que a criatura, em tal estado, não precisa mais da Terra para prosseguir na sua evolução” (111).

Pode afirmar-se que toda a infelicidade do mundo assenta no atentado às leis naturais do amor, harmonia e paz, que deviam prevalecer entre seres integrantes, inseparavelmente, do mesmo e único Princípio Inteligente, seres reais que – em contraste com os corpos materiais - vibram por si mesmos, sentem, sabem amar, sofrer e lutar, como dizia o mestre Luiz de Mattos.

Não serão as conferências eruditas, as teorias económicas, as descobertas e invenções do reino da matéria organizada, os projectos sociais, nacionais, regionais ou mundiais, que conseguirão extirpar o egoísmo dos seres humanos e o falso amor dele decorrente. “O amor mútuo [que enriquece ambas as partes] continuará a ser um ideal utópico até fazermos um esforço para perdermos hábitos odiosos aos olhos dos outros” (Alexis Carrel).

“Quando se puder entronizar no mundo – e esse dia chegará – o império do amor não haverá mais guerras, nem revoluções, nem dissidências. Quanto mais esclarecida for a criatura, tanto menos divergirá, em igualdade de condições, do seu semelhante. A verdade sendo, como é, uma só, não pode ser entendida de várias maneiras, nem haver discordâncias no seu conhecimento” (111).

“O espírito que emite vibrações de ódio é infelicíssimo, e precisa ser prontamente ajudado, por encontrar-se à beira de um abismo. Quem por ele se interessar, poderá oferecer-lhe solidariedade afetuosa, vibrações fraternais feitas com sinceridade e interesse, de maneira a que uma certa dose de amor possa valer-lhe” (111).

“Amamos e sentimo-nos felizes. Odiamos e sentimo-nos desgraçados” (1704). E assim se compreende que, pela infalível lei do Amor, os indivíduos caminham no sentido da estruturação duma união harmónica permanente, em que o Amor seja uma bandeira de valor comum. Nesse caminho temos muito que aprender a pensar, a amar e a viver com os outros.

Cultivar o amor verdadeiro é determinar-se a fazer uso continuado da liberdade de bem querer superiormente, sem olhar a quem! Assim procedem continuamente a Inteligência Universal e os Espíritos Superiores.

Nota final

Termino esta segunda parte do mesmo modo como terminei a primeira: nada melhor que algumas palavras do nosso mestre Luiz de Mattos, extraídas do livro intitulado *Vibrações da Inteligência Universal*, sobre este importantíssimo tema dos princípios que, infalivelmente, impõem ordem no Universo, independentemente das presunções e pretensões vaidosas de quem quer que seja.

“Esquecem-se as criaturas de que quem mal faz para si o faz, e que todos têm que responder pelo mal que fizerem. São leis que não falham e que se fazem sentir, principalmente, após a alma liberta da matéria, depois de transposta a atmosfera

deste planeta, quando já no seu mundo de luz. E são de tal perfeição essas leis que, por vezes, as almas encarnadas começam a sentir o início da execução das mesmas, após as más ações praticadas” (217).

“Essas leis são as que levam o ser ao ponto que ele deseja, de acordo com os sentimentos que possui.

A elas estão sujeitas as partículas que necessitam evoluir, e essa evolução terá que ser feita mais rapidamente do que se imagina, para que este mundo deixe de ser um paul de misérias, onde os espíritos vêm fazer a sua evolução por meio dos sofrimentos, e possa ser [ao invés] um lugar no qual as criaturas saibam compreender-se, para que na mesma comunidade de pensamentos pratiquem o bem, auxiliando os seus semelhantes e, pelos seus exemplos, façam com que os homens vão deixando o vício e entrem no caminho do dever, da honra e da moral.

As leis comuns, a que todos estão sujeitos, são regidas pela Inteligência Universal [com efeito, o Código das leis eternas assemelha-se, do ponto de vista formal, a uma Partitura de Excelência da vida universal].

(...) Para que o homem possa bem compreender o que são essas leis, precisa ele estudar e meditar, procurando conhecer-se nos seus três corpos, para reconhecer que, além do corpo material, existe uma coisa superior [corpo mental] que [a esse corpo material] o incita e movimenta, de acordo com a sua inteligência e os seus sentimentos. [O termo corpo, neste contexto, designa seja qualquer unidade em si mesma viva, seja qualquer unidade em que a vida se manifesta; este amplo sentido abrange, sem contradição, os termos corpo físico, corpo fluídico e, também, corpo mental].

(...) Procurai, pois, compreender o que sois como seres humanos, e quais as leis a que estais sujeitos, para que possais colocar-vos à altura de poderdes enfrentar a luta e dela sairdes vencedores, mas sempre com razão e com critério [só tem razão aquele cujas proposições sejam justas e dignas de aceitação pelas outras partes relacionadas; só tem critério aquele que tem habilidade para distinguir o importante do insignificante, o principal do acessório, e, depois, procede em coerência com a conclusão que tirou de um raciocínio bem trabalhado].

O tempo é de lutas, e só será digno de consideração o que se souber colocar ao abrigo das leis comuns [ou, leis iguais para todos os seres em condições iguais de aplicabilidade] e naturais, para dentro delas poder sair vencedor e nunca se deixar vencer ou escravizar à vontade de políticos (...) que não querem lutar pelo engrandecimento e tranquilidade do povo” (218).

3.ª Parte

ALGUMAS OPINIÕES SOBRE ESTE TRABALHO

- **Do Presidente Internacional do Racionalismo Cristão, Dr. Gilberto Silva, conf. mensagem de 17/02/2013:**

“Prezado Francisco Évora, agradecemos-lhe pelo envio dos originais do seu livro A Inteligência Universal e as Leis Eternas, que é fruto de seus aprofundados estudos de longa data sobre a espiritualidade e, à medida que vamos lendo seu trabalho, vamos tendo uma melhor compreensão, uma visão real sobre a Inteligência Universal, o Grande Foco, a Força Criadora, removendo qualquer ideia antropomórfica do Todo. Portanto, parabéns por suas reflexões tão esclarecedoras para os estudiosos do espiritualismo autêntico que o Racionalismo Cristão nos proporciona”.

Fraternal Abraço
Gilberto Silva

- **Do professor Valdir Aguilera, conforme mensagem de 31/12/2012**

Caro Francisco:

Parabéns pelo término do seu livro. Estou certo de que será uma valiosa e enriquecedora fonte de estudo. Nós, estudiosos do espiritualismo autêntico, estaremos sempre agradecidos pelo seu cuidadoso trabalho.

Um cordial abraço e um 2013 com muitas conquistas espirituais.

Nota: - Valdir Aguilera, Bacharel e Licenciado em Física pela USP-São Paulo (1959-1962). Doutor em Ciências pela Universidad Nacional Autónoma de México, México, DF, 1969. Tese: *Teoría de Grupos y Problemas de Tres y de Cuatro Nucleones*, dirigida por M. Moshinsky. Especialista de Reconhecido Valor pela UNESP (jun.89)

• **Do professor Caruso Samel, conforme mensagem de 17/02/2013:**

Olá, caro amigo Francisco Évora!

Desejo agradecer a gentileza do envio de seu magnífico trabalho intitulado “A Inteligência Universal e as Leis Eternas”, que me chegou às mãos com grande atraso no final de Dezembro/2012.

Prossigo lendo o seu livro (cópia impressa de 62 páginas) agora já na página 53, portanto, quase terminando.

É surpreendente e impressionante como você de fato o enriqueceu com uma coletânea seleta de trechos das principais obras racionalistas cristãs, incluídos aí os livros básicos da Doutrina e, também, os livros de Luiz de Souza e Fernando Faria, além de outros autores.

Em seu texto os assuntos (a Inteligência Universal e as Leis Naturais e Imutáveis) são tratados com a devida seriedade e profundidade filosófica, facilitando a compreensão e o entendimento dos leitores.

Parabéns por tão brilhante esforço de divulgação do Princípio Inteligente e das Leis Universais. Os leitores, por certo, vão apreciar muito a sua obra!

Forte e fraternal abraço,
Caruso Samel

Filial Butantã do Racionalismo Cristão – S. Paulo - Brasil

Nota: - Caruso Samel, natural de Miracema (RJ) é graduado em engenharia química pela Universidade do Brasil (UB), com registro no CREA e em direito pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), também com registro na OAB. Foi professor em vários cursos de formação universitária e é palestrante e conferencista sobre temas filosófico-espiritualistas.

• **Do Dr. Arsénio de Pina, conf. mensagem de 17/12/2012:**

Li a tua composição “A Inteligência Universal e as Leis Eternas” com prazer e interesse e vou dar-te o meu sentimento.

Nada a corrigir à prosa porque driblas magistralmente o Português, metendo golos literários com belíssimas tiradas, além de conceitos construtivos que podem ajudar os crentes no RC a encarar a vida com mais optimismo e a serem solidários com os outros, o que é bastante saudável.

Não me parece que possamos chegar a um acordo por raciocinarmos de modo diferente, aliás, em bases diversas. Há referências a escritos como o de Alexis Carrel - interessantes e úteis na altura - mas que já não o são por terem perdido sustentação científica.

“Toda a alma possui, inata, a consciência do bem”, afirmação de Luiz de Sousa, é falsa. A consciência do bem e do mal localizam-se nos lobos anteriores do cérebro (ver isso no Erro de Descartes, de Damásio e posteriores livros dele) e adquirem-se ou se perdem depois de adquiridas por lesões dessa zona. Os psicopatas, por exemplo, não têm essa consciência, nem sentem remorsos ou pena das barbaridades que podem cometer.

Sobre o livre arbítrio há muito a dizer. Qual o livre arbítrio de quem tem fome canina, de um miserável abandonado na via pública?

Como sabes não acredito na reencarnação nem tão pouco nos astrais, por não aceitar a existência da alma independente do corpo, da mente. A alma de um idiota ou imbecil congénito por falta de tiroxina (do metaloide iodo) - hipotiroidismo congénito - reencarna-se noutra ser como idiota ou imbecil ou “limpo” dessa inferioridade?

Há animais selvagens não domesticáveis devido à sua natureza selvagem. Podem ser treinados para certos comportamentos à custa do medo (de chicote ou de lume) mas conservam sempre o seu instinto selvagem que se manifestará na melhor ocasião.

Como podes constatar não sou convertível, nem no RC nem em nenhuma religião, embora respeite, ou tolere os que o fazem.

Breve resposta ao meu amigo agnóstico, mas “civilizado”:

O termo “crença” vem do latim “fides”, que se compreende nos meios racionalistas cristãos por confiança, convicção, decorrente de demorados estudos e observações. A filosofia racionalista cristã está no mundo para ser estudada e praticada com seriedade, lealdade e honestidade.

Ela foi edificada sobre um alicerce constituído de dois e só dois princípios essenciais: o Princípio Inteligente e o Campo associado da sua manifestação permanente, como definidos nessa filosofia. Nesta, as questões que o meu amigo levanta recebem respostas reciprocamente coerentes com os aludidos princípios, e que os factos têm confirmado e continuarão na certa a confirmar.

São do neurocientista António Damásio as seguintes palavras: “Claro que uma pessoa tem sempre o desejo de ter à

sua disposição os melhores métodos de trabalho para poder chegar à solução dos problemas em que está a trabalhar. Mas, no fundo, aquilo que dá gosto é conseguir fazer o melhor que se pode com aquilo que se tem, de modo que não é coisa que me preocupe muito o facto daqui a 50 anos ou a 100 anos haver respostas muito diferentes” (Damásio entrevistado pelo Diário de Notícias, Lisboa, edição de 12/01/2013).

Nota: - Arsénio Fermino de Pina é pediatra de carreira, trabalhou pela OMS em vários países africanos, e possui um extenso currículo de trabalhos realizados em benefício do povo cabo-verdiano, desde a independência política (1975). É autor de vários livros, entre os quais: *Fi d' Cadon* (que inclui citações de um livro de Jean Rostand), *Adeche*, *Jorge!* e *Que fazer das seitas religiosas*.

- **Do Prof. Marclei Barbosa Santiago, conforme mensagem de 30/12/2012**

Francisco,

A doutrina Racionalista Cristã não está preocupada em provar para os seres as verdades que difunde. Ela está empenhada em seus dois principais objetivos que são a divulgação de seus princípios e práticas e a higienização da atmosfera fluídica do Planeta terra tornando-a mais diáfana e com esta ação beneficiadora poder proporcionar à Humanidade ambiência favorável à sua evolução.

O Racionalismo cristão é uma doutrina vasta, profunda e eclética que tem como objeto principal de estudo a espiritualidade que reflete o autêntico espiritualismo. Todos os estudantes desta sublime doutrina são convictos das verdades contidas em seu arcabouço teórico e prático e isto é o suficiente, não havendo a necessidade de provar tudo aquilo que se é convic-

to. Provar a existência do espírito e de todos os fenômenos psíquicos e físicos através de uma fórmula matemática ou de outras formas de linguagem articulada, não é este o foco e o caminho adotado pela doutrina Racionalista Cristã.

A maior parte dos acontecimentos existentes no universo a ciência oficial não consegue provar. Imagina se o ser humano tivesse que provar tudo que percebe e vivencia do mundo extracorpóreo!

Acontece que as linhas filosóficas, as religiões, umas mais outras em menor escala, por muitos e muitos anos sucatearam a ciência oficial impedindo-a de avançar em suas pesquisas chegando a ponto de levar pela via da inquisição vários estudiosos à fogueira e destruir bibliotecas e tratados científicos por considerarem estes valiosos trabalhos como pura heresia.

Por isto, quando a ciência experimental às duras penas conseguiu através de muita luta e perdas recuperar sua posição de respeito perante a humanidade dando a volta por cima é compreensivo que esta mesma ciência venha ignorar tudo que não for possível ser provado através de pesquisas e testes em laboratório.

O verdadeiro cientista é um pesquisador incansável que não alimenta ideias preconcebidas, não demonstra ser negligente frente àquilo que tem conhecimento. Debruça em cima dos estudos de todos os fenômenos físicos e psíquicos, possíveis de estudar, com seriedade até chegar à verdade sobre as causas, os efeitos e os mecanismos que regulam tais fenômenos, objetos de suas pesquisas.

A situação está mudando, pois muitos estudiosos de diversas áreas do conhecimento cansados por não chegarem à res-

posta para suas questões, romperam com os paradigmas e passaram a direcionar suas pesquisas utilizando-se de outras abordagens sustentadas em outros referenciais não ortodoxos, atitude que fomentou a criação de algumas áreas do conhecimento como a física quântica.

Com relação aos diversos fenômenos psíquicos que ocorrem com frequência com os seres humanos, bastaria os homens da ciência despojados de preconceitos adentrarem as Casas Racionalistas Cristãs e num primeiro momento apenas lançando mão do método de pesquisa científico-qualitativo, ou da observação, sem a necessidade de provar matematicamente através do método científico quantitativo, ou da mensuração, constatarem nas reuniões públicas em nossas Casas Racionalistas Cristãs pessoas portadoras de desequilíbrio psíquico que após poucas participações nessas reuniões saem completamente normalizadas.

Constatarem, também, a correção do desequilíbrio psíquico daqueles seres que antes de virem às reuniões públicas já terem feito tratamentos com médicos que atestaram através de laudos registrando a impossibilidade de correção (cura) da enfermidade pela medicina experimental.

É interessante e oportuno os homens representantes da ciência experimental constatarem a correção eficaz do desequilíbrio psíquico dos seres em observação em suas pesquisas em ambos os casos, ou seja, o portador de desequilíbrio psíquico apresentando ou não laudo médico antes de assimilarem e se submeterem às práticas Racionalistas Cristãs.

Num primeiro momento, agindo desta maneira esses cientistas comprovariam a correção (cura) pelo método qualitativo sem haver a necessidade de comprovação via o método quantitativo.

Num segundo momento, os cientistas prosseguindo em suas pesquisas com mais confiança, com maior credibilidade na espiritualidade, poderiam estudar com seriedade e profundidade os princípios e práticas recomendados pela doutrina Racionalista cristã como a mediunidade e os fenômenos físicos e psíquicos associados a ela e à força do pensamento e a dinâmica utilizada nas Casas Racionalistas Cristãs para a realização de suas reuniões, aplicando os dois métodos científicos, o qualitativo e, se possível, o quantitativo em suas pesquisas.

O médium é o agente através do qual os fenômenos psíquicos e os fatos espirituais podem acontecer. Ele é o instrumento capaz de captá-los e registrá-los, tornando-os evidentes e palpáveis, é o elemento de ligação entre o plano físico e o astral, ou sutil, ou metafísico. Por isto, o instrumento de medida para estas pesquisas seria o médium e não os instrumentos convencionais.

Os fenômenos psíquicos são pessoais e intransferíveis, e por mais que uma pessoa revele com requinte de detalhes suas experiências, teríamos que penetrar na mente desta pessoa exatamente no momento que aconteceu o fenômeno para emitirmos o nosso parecer, mesmo assim interpretaríamos o fenômeno de acordo com a nossa capacidade de percepção, colheríamos uma experiência com outra conotação, outra visão.

Eventos como fenômenos psíquicos e quaisquer outros tipos de sinais ou registros que são gerados ou captados dos planos astrais ou planos sutis ou metafísicos como intuições, formas astrais, vozes, odores, interpenetração e entrelaçamento de natureza fluídica, e outros fenômenos psíquicos resultan-

tes do poder do pensamento agindo equilibradamente e em ações coordenadas com o poder mediúnico, como a telepatia, a levitação, a materialização e desmaterialização, o transporte de matéria, ou qualquer outra forma de expressão, comunicação ou de manifestação mediúmica, não são motivo para indicação de remédio de tarja preta ou de submissão a outros tipos de tratamentos ortodoxos por um determinado período ou pelo resto da vida.

Os sinais em quaisquer das formas de manifestação são percebidos do mundo metafísico e isto é suficiente para cada um de nós, não havendo necessidade de provar o que sentimos. O que vale é o que você percebeu, vivenciou e está convicto.

Portanto, a ciência experimental ou ortodoxa ou oficial que todos nós respeitamos e nos beneficiamos com suas úteis pesquisas e aplicações terá que mudar seu paradigma para poder dilatar sua visão frente aos fenômenos físicos e psíquicos para alcançar êxito em seus experimentos. Terão que mudar seus princípios, práticas, metodologias e seus instrumentos de medida, enfim, seus referenciais.

O espiritualismo se torna uma ferramenta fantástica e abre amplo campo de observação para a compreensão de fenômenos psíquicos e físicos que estão associados a determinações das leis naturais e são decorrentes da ação conjunta de recursos psíquicos que o ser passa a desenvolver na atual vida física ou já vem desenvolvendo desde encarnações passadas.

Por qualquer ângulo que se observem e analisem os fatos da vida para compreendê-los e chegar a uma resposta consistente e lógica do motivo por que eles acontecem, em toda sua amplitude, todas as tentativas de análise para se chegar

a uma conclusão acertada convergem para um único ponto, um único caminho, uma única solução, que é a necessidade do estudo sério e o esclarecimento sobre a espiritualidade, o entendimento da nossa composição astral e física e de tudo quanto existe no Universo que é constituído de Força e Matéria e da compreensão das Leis Naturais e Imutáveis que regem a todos e a tudo.

Podemos denominar algumas destas Leis como a Evolução que é a Lei maior do universo, a Lei da Reencarnação, a Lei de Atração e a Lei de Causa e Efeito ou Lei do Retorno.

Outras Leis existem fora do conhecimento humano. Somente com o conhecimento destas Leis e da compreensão nossa como Força e matéria encontraremos respostas satisfatórias para todas as nossas dúvidas e o entendimento de todos os fenômenos físicos e psíquicos que ocorrem com nós mesmos, com os outros seres e ao nosso entorno.

Os estudiosos e profissionais das diversas áreas do conhecimento principalmente os que se dedicam às áreas da saúde devem despertar e ficar atentos, tomar cuidado e adotar nova postura frente aos fenômenos físicos e psíquicos que fazem parte do vasto campo da espiritualidade.

Dando ênfase à área do conhecimento das ciências médicas, os médicos, principalmente os psiquiatras, devem aprender a fazer a distinção correta entre os estados em que ocorrem percepções conscientes, semi-conscientes, ou inconscientes de fenômenos psíquicos perfeitamente naturais vivenciados por seus pacientes normais e saudáveis, por intermédio da mediunidade, dos estados que seriam anormais ou doentios apontados como doenças psiquiátricas, que são as psicoses e as neuroses.

Na prática, lamentavelmente, o que se observa de uma forma geral são médicos e outros profissionais da área de saúde rotular as pessoas que possuem essas modalidades mediúnicas como psicóticas e as tratar com medicamentos pesados por um bom tempo ou pelo resto de suas vidas. Essas pessoas são normais, sadias, e só pelo fato de possuírem mediunidade não podem ser tratadas como se apresentassem um quadro de desequilíbrio mental ou transtorno psíquico.

Os profissionais da área de saúde, principalmente os psiquiatras, os psicanalistas, os psicólogos e outros responsáveis que estudam e cuidam da saúde mental e física, têm o dever de aprender a examinar seus pacientes como seres integrais, sabendo diferenciar, diagnosticar e tratar o que é afeto às esferas biológicas, psicológicas e espirituais.

Quando assim procederem, teremos processos e resultados mais eficazes, e com isso haverá menos prescrições e consumo de remédios e tratamentos desnecessários, menos doentes nos hospitais, loucos nos hospícios, pacientes nos consultórios e divãs de especialistas que cuidam do comportamento e da psiquê humana.

Quanto diagnósticos e tratamentos médicos equivocados custaram vidas e poderiam ter sido evitados, bastando para isso que houvesse a abertura e interesse por parte dos pesquisadores e profissionais das ciências médicas em se debruçar no estudo criterioso e profundo da espiritualidade e na investigação e compreensão dos fenômenos psíquicos e dos fatos espirituais que constituem objetos de estudo do espiritualismo, objetos esses que não são sobrenaturais e nem extraordinários e, sim, naturais, comuns, ordinários e até mesmo frequentes!

O que acontece são apenas manifestações da parcela da Força em suas diversas realizações. Profissionais de todas as áreas do conhecimento, pesquisadores, público em geral, que são desconhecedores da espiritualidade ou negligentes, despertem para a composição de todos nós como Força e Matéria, deixando de lado a limitada visão materialista, reducionista, organicista da natureza do ser, passando a enxergá-la dentro de uma perspectiva holística, como constituída de corpo físico, corpo fluídico e espírito, que é o principio inteligente capaz de sentir, perceber, compreender e realizar fenômenos físicos e psíquicos, perfeitamente naturais, viabilizados pela faculdade mediúnica, que é uma capacidade da percepção sensorial conquistada por esforço próprio, através da evolução, portanto, um poder do espírito e não uma doença física ou psíquica consumada!

O Racionalismo Cristão é uma doutrina científica e filosófico-espiritualista que prima pela razão, busca o conhecimento capaz de atingir a verdade absoluta e tem como princípio de tudo o binômio Força e Matéria. Por isto, provê um arcabouço teórico e prático de conhecimentos contendo conceitos, princípios, métodos, práticas e recursos necessários e seguros para quem está vivenciando as mais diversas experiências psíquicas, próprias ou de outros seres, disponibilizando a todas as criaturas os conhecimentos, as orientações e prescrições para o aprimoramento do seu potencial psíquico e de como identificar, interpretar e administrar as experiências com os fenômenos psíquicos em todas as fases da vida.

As nossas aspirações, carregadas de otimismo, são no sentido de que a espiritualidade seja de fato objeto de pesquisa científica em todas as áreas do conhecimento, estudada, compreendida e levada a sério por toda a humanidade.

Nota: - Marclei Barbosa Santiago é professor universitário em Belo Horizonte (MG – Brasil). Na Área Acadêmica atua como Docente nos cursos de Ciência da Computação, Sistemas de Informação, Administração, Graduação Tecnológica, Engenharia de Produção, Tecnologia em Logística e ministra Tecnologia da Informação (TI) aplicada aos cursos Administração de Empresas, Negócios Internacionais, Turismo e Cursos da área de Ciências da Saúde. Ministra a disciplina Pesquisa Operacional (PO) e as áreas do conhecimento Gestão da Informação, Gestão do Conhecimento e Gestão do Capital Intelectual.

- **De outros amigos e amigas:**

Agradeço as demais mensagens recebidas, todas elas de encorajamento. Em sua representação cito a de um amigo e ex-professor meu, qualificando este trabalho de “magnífico, profundo e ao mesmo tempo belo”. Todavia, magnífica, profunda e ao mesmo tempo bela é, na verdade, a Doutrina do Grande Foco (Luz Una, Integral e Total), codificada inicialmente sob o nome de Espiritismo Racional e Científico Cristão, hoje Racionalismo Cristão.

Código de referências

1.. – Luiz de Souza

- 101 A Felicidade Existe – Preâmbulo (cit. a p.12)
- 102 A Morte não interrompe A Vida, tema O Cristianismo Prático (cit. a p.12)
- 103 Idem, tema A Renovação (cit. a p.18, 42, 51, 98, 100)
- 104 Ao Encontro de Uma Nova Era, tema Os Milagres (cit. a p.23)
- 105 Idem, tema Seitas e Religiões (cit. a p.25)
- 106 A Morte não interrompe A Vida, tema As Inquietações (cit. a p.25, 126, 164)
- 107 Idem, tema Perspectivas Reais (cit. a p.28, 34, 104)
- 108 A Felicidade Existe, tema Irradiações (cit. a p.31, 41, 43, 137, 151)
- 109 A Morte não interrompe A Vida, tema Alma e Corpo (cit. a p.37, 160, 161)
- 110 Ao Encontro de Uma Nova Era, tema O Poder do Pensamento (cit. a p.41, 53, 106, 111, 113)
- 111 Idem, tema O Amor (cit. a p.42, 144, 168, 190, 191, 192, 193, 194, 195)
- 112 Idem, tema O Trabalho (cit. a p.42, 105, 129, 130)
- 113 A Morte não interrompe A Vida, tema O Indivíduo (cit. a p.42, 49, 50, 51, 53, 97)
- 114 Ao Encontro de Uma Nova Era, tema A Verdade (cit. a p.42)
- 115 A Felicidade Existe, tema A Disciplina (cit. a p.43, 73, 75)
- 116 Ao Encontro de Uma Nova Era, tema Rezas e Orações (cit. a p.44, 45)
- 117 A Felicidade Existe, tema O Materialismo (cit. a p.45)
- 118 Idem, tema No Caminho da Espiritualidade (cit. a p.45, 46, 56, 57)
- 119 Idem, tema O Capital Humano (cit. a p.45)
- 120 Idem, Conclusão (cit. a p.46)
- 121 Idem, tema O Cristianismo (cit. a p.46)

- 122 Idem, tema Fanatismo (cit. a p.46)
- 123 Ao Encontro de Uma Nova Era, tema Esferas de Ação (cit. a p.46, 111)
- 124 A Felicidade Existe, tema A Consciência (cit. a p.47)
- 125 Idem, tema Os Filhos (cit. a p.47, 149)
- 126 Ao Encontro de Uma Nova Era, tema A Liberdade (cit. a p.52, 83)
- 127 Idem, tema A Iniciativa (cit. a p.101, 135)
- 128 Idem, tema Forças Ocultas (cit. a p.53)
- 129 A Morte não interrompe A Vida, tema A Religião (cit. a p.54)
- 130 Idem, tema As Influências (cit. a p.55, 60)
- 131 A Felicidade Existe, tema A Ingratidão (cit. a p.55)
- 132 Idem, tema As Competências (cit. a p.76, 147)
- 133 Ao Encontro de Uma Nova Era, tema A Força de Vontade (cit. a p.81)
- 134 Ao Encontro de Uma Nova Era, tema Os Deveres (cit. a p.95)
- 135 A Morte não interrompe A Vida, tema As Aspirações (cit. a p.95)
- 136 A Felicidade Existe, tema A Felicidade (cit. a p.95)
- 137 Ao Encontro de Uma Nova Era, tema A Infidelidade (cit. a p.97, 176, 181)
- 138 Idem, tema O Suicídio (cit. a p.98, 135, 138, 162, 164)
- 139 Ao Encontro de Uma Nova Era, tema O Que É Sagrado (cit. a p.102)
- 140 A Morte não interrompe A Vida, tema Os Queixumes (cit. a p.105)
- 141 Idem, tema O Século XX (cit. a p.107, 108, 121)
- 142 Ao Encontro de Uma Nova Era, tema Espiritualismo (cit. a p.109, 191)
- 143 A Felicidade Existe, tema Fanatismo (cit. a p.109)
- 144 A Morte não interrompe A Vida, tema A Lei do Retorno ou de Causa e Efeito (cit. a p.119, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128)

- 145 A Felicidade Existe, tema Contrastes Aparentes
(cit. a p.120, 143, 144)
- 146 Ao Encontro de Uma Nova Era, tema A Renúncia (cit. a p.141)
- 147 A Felicidade Existe, tema A Vida Terrena
(cit. a p.120, 133, 142, 177)
- 148 Ao Encontro de Uma Nova Era, tema Desencarnações
Prematuras (cit. a p.122)
- 149 A Morte não Interrompe a Vida, tema Prepare o Seu Futuro
(cit. a p.127, 180)
- 150 A Felicidade Existe, tema As Mães (cit. a p.129)
- 151 Idem, tema A Leviandade (cit. a p.139)
- 152 Ao Encontro de Uma Nova Era, tema O Equilíbrio
(cit. a p.148, 150, 151)
- 153 A Felicidade Existe, tema A Razão (cit. a p.149)
- 154 Idem, tema Os Vícios (cit. a p.177)
- 155 Idem, tema A Regeneração (cit. a p.180)
- 156 Idem, tema O Sofrimento (cit. a p.186)
- 157 Ao Encontro de uma Nova Era, tema O Destino (cit. a p.140)

2.. – Luiz de Mattos

- 201 Pela Verdade, cap. XXXI (cit. a p.15)
- 202 Idem, cap. XXXVIII (cit. a p.21, 40, 41, 74)
- 203 Idem, cap. XL (cit. a p.22, 101, 105)
- 204 Idem, cap. XXXIX (cit. a p.22, 34, 104, 106)
- 205 Clássicos do Racionalismo Cristão, vol. I, tema Energizar
(cit. a p.32)
- 206 Cartas Oportunas sobre Espiritismo, tema Viver é Pensar,
Raciocinar e Trabalhar (cit. a p.32)
- 207 Idem, tema Quem Praticar o Mal Terá de Repará-lo (cit. a p.40)
- 208 Pela Verdade, cap. XXXVII (cit. a p.40)
- 209 Vibrações da Inteligência Universal, tema Como é Sentida a
Inteligência Universal (cit. a p.36, 42)

- 210 Idem, tema Só Vencerá Quem se apoiar na Força Espiritual (cit. a p.44, 193)
- 211 Idem, tema Como se Faz Sentir a Inteligência Universal em Terra e no Mar (cit. a 44)
- 212 Clássicos do Racionalismo Cristão, vol. 1, tema Vencendo Obstáculos (cit. a p.56)
- 213 Pela Verdade, cap. XLI (cit. a p.59, 189)
- 214 Vibrações da Inteligência Universal, tema A Inteligência Universal nas Artes (cit. a p.59)
- 215 Cartas Oportunas sobre o Espiritismo, tema A Força Astral (cit. a p.82)
- 216 Clássicos do Racionalismo Cristão, vol. I, tema Duas Vidas (cit. a p.148)
- 217 Vibrações da Inteligência Universal, tema Como se Vê a Inteligência Universal (cit. a p.196)
- 218 Idem, tema O Homem e as Leis a Que Está Sujeito (cit. a p.197)
- 219 Clássicos do Racionalismo Cristão, tema Educação e Decadência (cit. a p.182, 188)
- 220 Idem, tema Importância da Família (cit. a p.182)
- 221 Idem, tema Ânimo e Vontade Fortes (cit. a p.188)
- 222 Idem, tema Construir ou Destruir a Felicidade (cit. a p.159)
- 223 (Sem efeito)
- 224 Pela Verdade, cap. XXIV (cit. a p.94)

3.. – Presidência do Racionalismo Cristão

- 301 Racionalismo Cristão, 43ª edição, 1ª aba (cit. a p.15, 41)
- 302 Racionalismo Cristão, 44ª edição, cap. 3 (cit. a p.18, 40, 56, 84, 103, 121, 154, 181, 186)
- 303 Idem, cap. 10 (cit. a p.28, 38, 39, 63)
- 304 Idem, cap. 4 (cit. a p.19,31)
- 305 A Vida Fora da Matéria, 15ª edição, gravura n.º 21 (cit. a p.35)
- 306 Racionalismo Cristão, 44ª edição, cap. 9 (cit. a p.35, 77, 111, 176)

- 307 Idem, Conclusão (cit. a p.37)
- 308 Racionalismo Cristão – 43ª edição, cap. 2 (cit. a p.63)
- 309 Páginas Antigas, tema A Voz do Povo é a Voz de Deus (cit. a p.78)
- 310 Prática do Racionalismo Cristão 13ª edição, cap. 3
(cit. a p.79, 138)
- 311 Páginas Antigas, artigo de Joaquim Costa (cit. a p.83)
- 312 Racionalismo Cristão – 44ª edição, Traços gerais (cit. a p.84, 170)
- 313 Prática do Racionalismo Cristão, Introdução (cit. a p.95)
- 314 Racionalismo Cristão – 44ª edição, cap. 1 (cit. a p.96, 103, 168)
- 315 Idem, cap. 1 (cit. a p.102)
- 316 Idem, cap. 2 (cit. a p.104, 105, 152)
- 317 A Vida Fora da Matéria – 23ª edição, gravuras 10, 11 e 12
(cit. a p.108)
- 318 Racionalismo Cristão – 44ª edição, cap. 5 (cit. a p.110, 112, 183)
- 319 Idem, cap. 8 (cit. a p.115, 154, 169)
- 320 Idem, cap. 6 (cit. a p.95, 135, 137, 138, 140, 141, 146)
- 321 Idem, cap. 14 (cit. a p.146)
- 322 Prática do Racionalismo Cristão, 13ª edição, cap. 4 (cit. a p.164)
- 323 Racionalismo Cristão – 44ª edição, cap. 11 (cit. a p.108, 135, 175)
- 324 Idem, tema Síntese dos Princípios Racionais (cit. a p.115)
- 325 Idem, cap. 13 (cit. a p.133)
- 326 Prática do Racionalismo Cristão, 13ª edição, cap. 6 (cit. a p.140)

4.. - Julien Freund

- 401 O Que é a Política, tema O Reino dos Fins (cit. a p.18)
- 402 Idem, tema O Conceito de Força (cit. a p.35, 36)

5.. – João Amaral Ribeiro

- 501 Teoria da Interpretação de Paul Ricoeur, cap. 3 (cit. a p.18)

6.. – Raciona-Lista

601 Uma intervenção de Valdir Aguilera (cit. a p.159)

7.. – Franco Selleri

701 O Que É A Energia, nº 1 (cit. a p.29, 33)

702 Idem, nº 9 (cit. p.40)

703 Idem, nº 3 (cit. a p.104)

8.. – Louis Pawells e Jacques Bergier

801 O Homem Eterno, 5ª Parte – I (cit. a p.74)

9.. – Fernando Faria

901 A Chave da Sabedoria, tema Espíritos do Astral Inferior
(citado a p.31)

902 Idem, prefácio do Dr. Humberto Rodrigues (cit. a p.42)

903 Idem, cap. 6 (cit. a p.109)

904 Idem, cap. 9 (cit. a p.110)

905 Para Quando os Revezes Chegarem, 1.ª edição, cap. 4, dout. de
Pureza de Morais (II) (cit. a p.122)

906 Idem, cap. 2, dout. de Maria Cottas (II) (cit. a p.80, 163)

907 Idem, cap. 8, dout. de Luiz de Mattos (VII) (cit. a p.163)

908 Idem, cap. 2, dout. de Waldomiro Salimen (cit. a p.165)

909 Idem, cap. 1, dout. de Ezequiel N. Vieira de Castro (cit. a p.183)

910 Idem, cap. 1, dout. de Maria Thomazia (cit. a p.183)

911 Idem, cap. 1, dout. de Roberto Dias Lopes (cit. a p.182)

912 Idem, cap. 9, dout. de Francisco P. Torres (II) (cit. a p.186)

913 Idem, cap. 1, dout. de Maria Cottas (II) (cit. a p.188)

914 Idem, cap. 4, dout. de António Cottas (IV) (cit. a p.187)

915 Idem, cap. 1, dout. de Maria Cottas (V) (cit. a p.188)

916 Idem, cap. 9, dout. de Maria Cottas (II) (cit. a p.189)

10.. – António Pinheiro Guedes

- 1001 Ciência Espírita, tema Síntese Genésica (cit. a p.36, 160)
- 1002 Idem, tema Criação da Matéria [Inorgânica] (cit. p.39, 76)
- 1003 Idem, tema Gênese da alma (cit. a p.48)
- 1004 Idem, tema Formação da Célula (cit. a p.67)
- 1005 (Sem efeito)
- 1006 Idem, tema Força Biogênica (cit. a p.78)
- 1007 Idem, tema Espiritologia (cit. a p.80, 85)
- 1008 Idem, tema A Evolução da Alma (cit. a p.81, 169)
- 1009 Idem, tema O Que É o Mundo (cit. a p.106, 141, 154)
- 1010 Idem, tema A Lei da Reencarnação (cit. a p.142, 143)
- 1011 Idem, tema Formação da Inteligência (cit. a p.161)

11.. – Dias Marques

- 1101 Uma Introdução ao Direito, nº 13 (cit. a p.38)
- 1102 Idem, nº 3 (cit. a p.166)
- 1103 Idem, nº 8 (cit. a p.167)
- 1104 Idem, nº 15 (cit. a p.89, 96)

12.. – Jacques Lobstein

- 1201 Organizar, Comandar, Estruturar - Conclusão. Ciência e Aplicação – Avarias e Ruídos – Anomias (cit. a p.38)
- 1202 Idem, Organizar – Acção Colectiva – Regulamentos (cit. a p.76)
- 1203 Idem, Conclusão. Ciência e Aplicação – Avarias e Ruídos – Disfunção (cit. a p.72)
- 1204 Idem, A Empresa – Tipos, Estádios e Níveis (cit. a p.72, 77)
- 1205 Idem, Organizar – Vida Colectiva – Direito e Organização (cit. a p.78)
- 1206 Idem, Organizar – Organização Espontânea (cit. a p.147)
- 1207 Idem, Conclusão. Ciência e Aplicação – Org. Científica (cit. a p.76)

13.. – Pierre Lecomte du Noüy

1301 A Dignidade Humana, cap. VI (cit. a p.54)

1302 Idem, cap. IV (cit. a p.68)

1303 O Futuro do Espírito, cap. XIII (cit. a p.84)

1304 A Dignidade Humana, Introdução (cit. a p.136)

14.. – Carlo Bernardini

1401 O Que é uma Lei Física, tema A Ordem da Complexidade (cit. a p.63)

1402 Idem, tema A Linguagem das Leis (cit. a p.64)

1403 Idem, tema O Sumário dos Dados (cit. a p.91)

1404 Idem, tema Pequenas e Grandes Leis (cit. a p.64)

15.. - M. Weatherall

1501 Método Científico, item 1.2 (cit. a p.61, 85, 87)

1502 Idem, item 2.9 (cit. a p.73, 89)

1503 Idem, item 10.3 (cit. a p.81)

1504 Idem, item 1.1 (cit. a p.87)

1505 Idem, item 10.5 (cit. a p.91)

1506 Idem, item 2.2 (cit. a p.116)

16.. - Caruso Samel

1601 Reflexões Sobre os Sentimentos, tema O Egoísmo (cit. a p.170)

1602 Idem, tema O Amor (cit. a p.191)

1603 Idem, tema A Harmonia (cit. a p.150)

17.. – Alfred A. Montapert

1701 A Suprema Filosofia do Homem, cap. 11 (cit. a p.22)

1702 Idem, cap. 19 (cit. a p.83)

1703 Idem, cap. 45 (cit. a p.84)

1704 Idem, cap. 1 (cit. a p.126, 195)

1705 Idem, cap. 43 (cit. a p.94, 169, 170, 179)

1706 Idem, cap. 27 (cit. a p.137)

1707 Idem, cap. 18 (cit. a p.146, 151)

1708 Idem, cap. 7 (cit. a p.184)

1709 Idem, cap. 22 (cit. a p.184, 185, 187)

1710 Idem, cap. 6 (cit. a p.183, 186, 189)

1711 Idem, cap. 41 (cit. a p.192)

1712 Idem, cap. 21 (cit. a p.179)

1713 Idem, cap. 24 (cit. a p.181)

18.. – Augusto Saraiva

1801 Psicologia, tema O Valor Prático da Psicologia (cit. a p.82)

1802 Idem, tema Hábito (cit. a p.173, 175)

19.. - Gerard I. Nierenberg

1901 A Arte de Negociar, cap. VI (cit. a p.80)

20.. – Jornal A Razão

2001 N° 2588, dout. de Luiz de Mattos (cit. a p.14)

2002 N° 2585, artigo de Valdir Aguilera (cit. a p.19, 34, 36)

2003 N° 2527, artigo de Lília Rodrigues Paiva (cit. a p.31)

2004 N° 2557, artigo de Caruso Samel (cit. a p.101)

2005 N° 2580, dout. de Maria Cottas (cit. a p.143)

2006 N° 2584, artigo de Maria Cristina Pereira (cit. a p.145)

2007 N° 2555, artigo de Ronaldo Silva
(cit. a p.175); dout. de António Cottas (cit. a p.181)

2008 N° 2577, dout. de António Cottas (cit. a p.187)

2009 N° 2594, dout. de Luiz de Mattos (cit. a p.123)

21.. – Orison Sweet Marden

2101 Vozes Animadoras, cap. XIII (cit. a p.102, 168, 180)

2102 Idem, cap. XIV (cit. a p.127)

2103 Idem, cap. X (cit. a p.129)

2104 Idem, cap. V (cit. a p.133, 180)

22.. – Alvin Toffler

2201 Choque do Futuro, cap. XVI (cit. a p.75, 174)

23.. – Armand Cuvillier

2301 Vocabulário de Filosofia (cit. a p.176)

24.. - André Comte-Sponville

2401 Apresentações de Filosofia, cap. 2 (cit. a p.167)

25.. - Henry Glatman e outros

2501 Psicologia, cap. 4 (cit. a p.172)

26.. – Isabel Marcelino e outros, livro Sentido(s) do Saber

2601 Parte e - nº 2 - Bronowski (cit. a p.88)

2602 Idem, Einstein, 29/04/1985, Diário de Lisboa (cit. a p.91, 92)

27... E. Pestana e A. Páscoa, livro Dicionário Breve de Psicologia

2701 Termo “Crise” (cit. a p.185)

28.. Angel Latorre

2801 Introdução ao Direito (cit. a p.77)

